



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE COMO FATOR DE QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

JÉSSICA AGUIAR RODRIGUES

BRASÍLIA
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE COMO FATOR DE QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

JÉSSICA AGUIAR RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB como complementação dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa.

BRASÍLIA
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE COMO FATOR DE QUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORAS**

JÉSSICA AGUIAR RODRIGUES

Banca Examinadora

Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa (orientadora)

Professora Doutora Maria Fernanda Farah Cavaton

Professora e Mestre em Educação Maria Aparecida Camarano Martins

“O espaço na educação infantil não é somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa”.

(HORN, 2007, p. 37).

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como complementação dos requisitos para a obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia. Ele está organizado em três partes: Parte I – Memorial, Parte II – Monografia e Parte III – Perspectivas Futuras.

Na primeira parte, o memorial, são resgatadas memórias importantes sobre a minha vida escolar e acadêmica que colaboraram para minha chegada até aqui.

Na segunda parte, a monografia, relata-se e se discute a pesquisa realizada sobre a organização do ambiente como fator de qualidade na educação infantil, que objetivou analisar a visão de professoras sobre tal organização, na perspectiva da qualidade.

Na terceira parte, perspectivas futuras, são apresentados os caminhos que pretendo seguir após a conclusão do curso de Pedagogia.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	08
LISTA DE FIGURAS	09
AGRADECIMENTOS	10
RESUMO	11
PARTE 1 – MEMORIAL	12
PARTE 2 – MONOGRAFIA	18
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	21
1.1 – Educação Infantil	21
1.2 – Qualidade na Educação Infantil	26
1.3 – Organização do Ambiente como fator de Qualidade na Educ. Infantil	31
1.4 – Indicadores da Org. do Ambiente como fator de Qualidade na Educ. Inf.....	35
1.4.1 – <i>Condições Físicas</i>	37
1.4.2 – <i>Construção e Uso do Espaço/Ambiente</i>	40
1.4.3 – <i>Favorecimento da Interação</i>	42
1.4.4 – <i>Promoção da Autonomia</i>	44
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	45
2.1 – A Abordagem da Pesquisa	45
2.2 – Contexto da Pesquisa	45
2.3 – Participantes	46
2.4 – Instrumentos	48
2.5 – Procedimentos de Construção dos Dados	49
2.6 – Procedimentos de Análise dos Dados	50
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	51
3.1 – Sobre os dados dos questionários	51
3.2 – Condições Físicas	53
3.2.1 – <i>Ventilação e limpeza</i>	53
3.2.2 – <i>Acesso aos materiais e objetos da sala de aula e adequação dos mobiliários às crianças</i>	54

3.2.3 – Sala de aula, equipamentos e espaços externos	55
3.2.4 – Arranjos espaciais	59
3.3 – Construção e Uso do Espaço/Ambiente	60
3.3.1 – Rotinas	60
3.3.2 – Atividades diversificadas	65
3.4 – Favorecimento da Interação	67
3.5 – Promoção da Autonomia	70
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
PARTE 3 – PERSPECTIVAS FUTURAS	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	81
ANEXOS	84

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Identidade das Participantes	46
Quadro II – Formação das Participantes	47
Quadro III – Experiência Profissional das Participantes	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dimensões do Ambiente Escolar	32
Figura 2: Indicadores da Organização do Ambiente como Fator de Qualidade na Educação Infantil	36

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por suas bênçãos, por me dar forças para chegar até aqui com saúde e vontade de continuar a caminhar e conquistar mais vitórias em minha vida.

Aos meus amados pais Adriana e Vinícius, que sempre estão e estiveram ao meu lado, nos momentos mais difíceis. Pela dedicação e criação, pelo amor e por todos os ensinamentos transmitidos.

Aos meus irmãos Maria Júlia e Matheus.

Ao André, pelo amor, apoio, compreensão e dedicação de todos os momentos.

A minha orientadora Fátima Guerra, pela orientação do projeto 4 e monografia, por seus conselhos e colaboração.

A todos os professores que passaram por minha vida, pois estes com certeza tiveram sua colaboração para que eu chegasse até aqui.

A todas as pessoas que não citei, mas que tiveram um grande significado e contribuíram para essa vitória.

Obrigada.

RESUMO

A pesquisa aqui descrita objetivou analisar a visão de professoras da educação infantil sobre a organização do ambiente como fator de qualidade neste contexto. Ela assumiu uma abordagem qualitativa, e se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco professoras, com o foco nos indicadores da organização do ambiente. Quais são: condições físicas, construção e uso do espaço/ambiente, favorecimento da interação e promoção da autonomia. O referencial teórico foi desenvolvido a partir das ideias de Zabalza, Forneiro, Horn, Sousa, entre outros, sobre a relação entre a organização do ambiente escolar e a qualidade na educação infantil. A análise dos dados permitiu constatar que na dinâmica da sala de aula das professoras entrevistadas, vê-se em parte a presença dos indicadores da organização do ambiente, o que levou à conclusão de que o ambiente da sala de aula delas é centrado no adulto. Além disso, observa-se que existe um desconhecimento dos aportes teóricos sobre essa temática, sendo necessário que essas professoras estejam atualizando constantemente seus conhecimentos para melhorar a qualidade de suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Organização do Ambiente, Qualidade na Educação Infantil, Visão de Professoras, Prática Pedagógica.

PARTE 1
MEMORIAL

MEMORIAL

Chamo-me Jéssica Aguiar Rodrigues e tenho 21 anos. Sou a filha mais velha de 3. Tenho um irmão do meio que se chama Matheus, 19, e uma irmã mais nova, Maria Júlia, 15. Nasci no estado do Rio Grande do Sul na cidade de Santo Ângelo, no dia 29/06/1992.

Quando meu pai se transferiu para Brasília, ele e minha mãe começaram a procurar um novo lar para morar, mas como residir em Brasília é muito caro, nos mudamos para o entorno, na cidade de Valparaíso de Goiás. Lá, moramos por 2 anos e depois, nos mudamos para o Guará. Ficamos no Guará por quase 2 anos e foi quando meus pais decidiram adquirir imóvel próprio. Viram que o lugar mais acessível para a nossa família naquele momento era nossa antiga cidade. E é nela que resido até hoje desde outubro de 2000.

A minha trajetória escolar se iniciou em 1998 quando eu tinha 6 anos de idade. Foi a primeira vez que eu pisei numa escola. Entrei no Jardim III. Estudei num colégio particular chamado MAGMA, no Valparaíso. Na verdade, não me recordo muito desse ano. O que eu me lembro é que não gostava muito de lá, pois não tinha muitos amigos. Lembro-me de começar a evidenciar minhas dificuldades em matemática.

Em 1999, mudei-me para o Guará I e entrei na 1ª série na Escola Classe 01, uma escola pública que ficava no Guará. Estudei lá por 2 anos. Eu adorava morar no Guará. Tinha muitas crianças na minha rua. Eu me dava muito bem com todas elas. Nós brincávamos tanto... Na escola, percebi que a minha história com a matemática ia ficando cada vez mais complexa e passava a odiá-la ainda mais. Minha mãe me ajudava em casa com os exercícios, mas não tinha muita paciência comigo. Eu gostava que o meu tio-padrinho, Rafael, e minha avó, Cândida, ensinassem o dever de casa e me ajudassem nas dificuldades que eu demonstrava. A lembrança mais marcante dessa época, que eu acho até muito engraçada, é a de que eu escondia muitos dos meus deveres de casa na gaveta de uma cômoda no meu quarto. Eu sinceramente não me lembro do motivo da minha atitude, mas acho que eu não queria fazer dever de casa para ter mais tempo para brincar na rua.

Em outubro de 2000 eu me mudei novamente para o Valparaíso e tive que acordar muito cedo para estar na escola classe 01, pois eu estudava pela manhã. Era muito cansativo, a propósito.

Como eu havia dito, mudei-me novamente para o Valparaíso em 10 de outubro de 2000. Adorei essa rua, pois tinha muitas crianças. Minha mãe viu uma escola particular para eu estudar que ficava na esquina da minha rua. Com isso, pude ir sozinha para escola! Estudei no ECISA por 2 anos. Cursei a 3ª e 4ª série. Na 3ª, havia apenas 5 alunos estudando comigo.

Na 4ª série, minha turma diminuiu e restaram somente eu, a Maria Aline e o Jonas, que morava na frente da escola. Isso não atrapalhou a nossa turma. Pelo contrário, nossa relação só se fortificou ainda mais. A minha professora era a tia Geyza. Ela era um amor e me adorava. Ela fazia brincadeiras, ditados (eu amava), nos deixava no parquinho mais tempo quando nos comportávamos. Ensinava-nos técnicas de artes. Enfim, não tinha o que reclamar dela.

Acabou o ano e eu tinha que mudar de escola. Minha mãe começou a procurar um novo colégio, pois o ECISA só atendia até a 4ª série. Ela decidiu colocar a mim e meu irmão no Colégio Santo Antônio, localizado no Valparaíso. Lembro-me de ter ficado maravilhada com a escola, pois ela era linda. Teríamos aula de natação, futsal, vôlei, basquete, handball e jazz. Lá, tinha duas 5ªs séries no turno matutino. Eu fiquei na 5ª “B”. Tinha muitos alunos. Fiz amizades muito importantes que mantive até a 8ª série, que foi quando eu deixei o colégio. Na 5ª série tive que fazer trabalhos à caneta, tinha um professor para cada disciplina, a professora não era mais a “tia”, tive representante de sala (até fui uma vez), grêmio estudantil, concurso de poesia (ganhei o concurso competindo com todas as turmas até a 8ª série), aulas de esportes, as apresentações de jazz, feira de ciência, jornalzinho da escola, festas, gincana, sarau etc. Era tanta coisa interessante. Adorei a escola. Na 5ª série eu não me lembro de ter dificuldades com alguma disciplina em especial. Lembro-me de achar que a matemática estava ficando cada vez mais difícil. A mesma coisa estava acontecendo com ciências.

Em 2004, fui para a 6ª série “B” e permaneceu praticamente a mesma turma. Eu enganava a mim mesma, porque nunca ficava de recuperação. Eu me achava por causa disso, pois minhas amigas bagunceiras, que eram como eu, não tinham a mesma sorte. Então, a cola nas provas começou a ganhar força. Os deveres não feitos também, assim como o estudo apenas no dia anterior à prova. Minha

qualidade como boa aluna ia de mal a pior e meus pais até brincavam comigo falando: “Minha filha é igual cobra. Só passa se arrastando!”.

Na 7ª série, a turma deu uma grande mudada e tive contato com outras pessoas. A matemática ria da minha cara, porque eu piorava cada vez mais, mas eu não ficava de recuperação. Sempre passava na média.

Em 2006 chegou a 8ª série. O Santo Antônio já não era mais o mesmo. Muita gente havia saído do colégio. De duas turmas passamos a apenas uma. Minha trajetória como aluna piorava ainda mais na matemática. Quando a professora ensinava um novo conteúdo eu ficava desesperada, pois era necessário que o conteúdo anterior estivesse sedimentado na cabeça para a efetiva compreensão do posterior. Lembro-me de não saber fazer coisas simples. Um dia, já depois das férias de julho, muitos colegas e amigos meus falavam em deixar o colégio, pois queriam um melhor. Como eu vi que todo mundo sairia eu também decidi sair e conversei com a minha mãe sobre o assunto. Todos estavam falando em se mudar para o Colégio JK, que fica ao lado do Santo Antônio. O JK estava com uma promoção muito boa que atraiu a todos. Sendo assim, comentei com a minha mãe sobre a promoção, mas quando ela foi ao colégio ela não gostou do modo como foi atendida e nem do espaço dele, pois era muito pequeno. Nesse momento, eu estava viajando com o meu pai e ela decidiu olhar outro colégio no Valparaíso, o Colégio CEBAM. Ela gostou desse e fez a minha matrícula e a do meu irmão lá. Quando ela me ligou falando onde eu estudaria, fiquei com muita raiva, mas como a coisa já estava feita eu me conformei.

Em 2007, mudei-me para o Colégio CEBAM. Eu fiquei no 1º ano “A”. Enturmei-me com os *nerds*. Comecei a ter outras visões. Apesar da minha aproximação com eles, a matemática só piorava. Como já era esperado, no 2º bimestre, fiquei de recuperação pela 1ª vez em matemática e em física. No 3º bimestre, já devendo nota, fiquei de recuperação em inglês, geografia, português e química. No 4º bimestre, teve a feira de ciências e quem tivesse efetivo desempenho na mesma ganharia pontos extras que seriam acrescentados à nota final de cada disciplina no referido bimestre. Isso me salvou. Através disso, consegui passar em matemática e em física, que eram matérias nas quais eu estava devendo nota.

Em 2008, já no 2º ano, decidi mudar radicalmente. Queria assumir outra postura. Decidida a ingressar na UnB, entrei no PRÉ-PAS no ALUB. Somente uma coisa não estava certa: a escolha do meu curso superior. Isso não me importava

porque eu sabia que embora escolhesse um curso que fosse mais ou menos difícil o caminho era o mesmo: ESTUDAR. O ano foi bem tranquilo na escola. Fiquei de recuperação, é claro, mas nada sério como havia sido no ano anterior.

Em 2009, já no último ano do ensino médio, optei pelo meu futuro na UnB. Eu tinha uma meta: passar no meio do ano e iniciar uma nova fase na minha vida. Um tempo antes à abertura das inscrições do vestibular comecei a pensar, de fato, o que eu queria. Cogitei Medicina Veterinária, pois a minha paixão são os animais. Pensei, pensei e restringi a minha decisão a três cursos: Arquivologia, Letras Português e Pedagogia. Na verdade, eu já tinha optado por Arquivologia, mas só tinha no noturno, então desisti. Minha 3ª opção foi, então, Letras. Um dia, estávamos fazendo uma pesquisa na sala do cursinho sobre quais seriam as escolhas dos alunos. Essa pesquisa estava sendo realizada por intermédio da professora de gramática. Lembro-me até hoje do nome dela, Elisa. Ela disse um monte de coisas legais, mas o que me chamou a atenção e que me fez desistir dessa graduação foi o seguinte: o curso é mais voltado para a Literatura Brasileira e, não, para o estudo da língua portuguesa, como eu pensava. Sendo assim, me restou a Pedagogia. Era algo que eu cogitava, mas confesso que das minhas opções ela foi a última. Foi assim que botei uma coisa na minha cabeça: “se eu não gostar eu saio do curso”. O dia chegou e eu fiz a prova. Muito tranquila, confesso. Enquanto isso, na escola eu estava me saindo bem. Matemática, física e química paravam, aos poucos, de serem coisas completamente abstratas para mim. Foi quando o dia tão aguardado chegou. Saiu a lista de aprovados na 1ª chamada do vestibular da UnB. Digitei o meu nome na página de busca do *site* do Cespe e ele apareceu. Foi muita emoção. Começava algo novo na minha vida: a faculdade.

No 2º semestre de 2009, entrei na UnB. Tudo era novo para mim a começar pela dinâmica diferenciada da universidade. Percebi que a Pedagogia está conquistando novos espaços e, por conseguinte, o campo de atuação do pedagogo vem se expandindo. Vi que a educação abarca tanta coisa. Aprendi história, antropologia, psicologia, legislação, educação ambiental, geografia, EJA, economia, administração, filosofia, ciências, educação especial, português, tecnologia, sociologia, matemática, políticas públicas, psicanálise, entre outras coisas. O curso me encantou de um jeito que se tornou impossível pensar em deixar a educação.

Na UnB, inicialmente, fui para área do lúdico, onde aprendi a importância do brincar no momento da aprendizagem. Fiz as duas fases obrigatórias do projeto 3

nesta área com a professora Carla Castro. Eu estava decidida a seguir com ela até o projeto 5 – monografia. Todavia, cessou em 2012 o convênio da Secretaria de Educação do DF com a UnB e, assim, a professora Carla e outros tiveram que deixar a Universidade. Desse modo, tive que seguir por outro caminho. Optei, juntamente com a Lorrane, amiga minha, em ir para a EJA. Fiz projeto 4 – fase 1 no Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular (Crianças, Adolescentes, Jovens, Adultos e Idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX. Fiquei na frente de atuação com Adolescentes e Jovens em conflito com a lei na Unidade de Semiliberdade de Taguatinga com a supervisão da professora Nirce. Obtive muitas aprendizagens que serviram para a minha vida tanto profissional quanto pessoal. Agradeço muito a todos que estiveram comigo naquele momento e, em especial, ao professor Renato Hilário, que é uma pessoa fantástica. Porém alguns problemas ocorreram e decidi sair do projeto.

Fiquei novamente sem saber o que fazer e entrei no projeto 3 – fase 3 (Desenvolvimento Cultural na Educação Infantil) com a professora Fernanda Cavaton. O projeto foi desenvolvido com o foco na díade mãe-bebê. Fomos à Casa de Ismael para fazermos a relação teoria e prática. Eu queria ter seguido nessa área, mas a professora Fernanda não oferta projeto 4. Ela me encaminhou para a professora Fátima (com quem eu já havia falado no semestre anterior para fazer o projeto, mas que não me aceitou, porque eu não havia feito a disciplina Educação Infantil).

Como eu já estava fazendo Educação Infantil no semestre em que estava cursando o projeto 3 – fase 3, no semestre posterior eu pude fazer projeto 4 – fase 2 com a Fátima. Optei pela vertente da organização do ambiente como fator de qualidade na educação infantil para a realização do relatório de estágio. Como gostei da temática, continuei com ela no projeto 5 – Trabalho Final de Curso.

E finalmente, hoje, com muito orgulho estou aqui apresentando à Faculdade de Educação (FE) e a UnB este Trabalho de Conclusão de Curso sobre “Organização do Ambiente como fator de Qualidade na Educação Infantil: visão de professoras”.

PARTE 2
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

No Brasil, os movimentos sociais mais significativos em prol da educação infantil nos remetem à década de 80, período da promulgação da nossa atual Constituição Federal. Nesse momento, os direitos das crianças e dos adolescentes à educação, bem como a garantia à educação infantil ganharam mais força.

A garantia constitucional da educação de crianças de zero a cinco anos de idade é um dos passos em direção à qualidade do ensino ofertado. O elevado número de pessoas em idade escolar que estão fora da escola, o baixo número de alunos que concluem todas as etapas da educação básica na idade certa e ingressam no ensino superior, o considerável déficit dos alunos nas áreas de interpretação de texto e de cálculos matemáticos, entre outros, são dados¹ que indicam que, em geral, o sistema educacional brasileiro apresenta uma dificuldade em oferecer um ensino de qualidade. Sabe-se, pois, que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. E, alguns destes problemas têm relação direta com esta etapa.

Neste sentido, o que é ensino de qualidade? Moura (2009) assim nos responde: É aquele pautado nos direitos, nas necessidades, nas demandas, nos conhecimentos e nas possibilidades das crianças. Que respeite a diversidade e o contexto onde estão inseridas, resultando de fatores complexos e interdependentes, que, no seu conjunto, configuram uma educação infantil de qualidade.

O termo qualidade contempla diversa gama de eixos ou aspectos, tais como: currículo adequado, integração família-escola, atividades diversificadas, rotinas. Dentre eles, a organização do ambiente. Uma educação infantil de qualidade não pode negligenciar a organização do ambiente. O ambiente educa. Ademais, ele é um poderoso instrumento de educação (MOURA, 2009).

De certa forma, é possível se perceber a concepção pedagógica do professor, pela maneira como ele organiza a sua sala de aula. E, dependendo da concepção e, por conseguinte, da prática pedagógica do professor, as condições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança mudam.

¹ Dados extraídos do: Todos pela Educação/SAEB/09; PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – 2009; Todos Pela Educação/PNAD/IBGE 09; PNAD–2009; INAF, Indicador de Analfabetismo Funcional – Instituto Paulo Montenegro.

Ressalta-se que a discussão em torno da qualidade na educação infantil justifica-se, principalmente, pela relevância dos primeiros anos de vida da criança, no seu presente e nas fases posteriores do seu desenvolvimento.

Considerando ser o ambiente um aspecto que deve ser levado em conta pelo professor na relação ensino-aprendizagem, dado ser um mediador entre a criança e o conhecimento, o objetivo geral deste trabalho foi analisar a visão de professoras da educação infantil sobre a organização do ambiente, na perspectiva da qualidade. Isto é, verificar se percebem que tal organização pode e deve promover o desenvolvimento e aprendizagem da criança, contribuindo assim, para a construção de uma educação de qualidade.

Como objetivos específicos, buscou-se evidenciar, na perspectiva das professoras, quais aspectos das condições físicas do ambiente escolar elas julgam necessários para uma educação infantil de qualidade, evidenciar, ainda, a construção e o uso do espaço/ambiente nas práticas pedagógicas das professoras, explicitar o modo como as professoras favorecem as diversas interações e, por fim, verificar como o ambiente contribui para a construção da autonomia das crianças.

A pesquisa aqui relatada deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas, com professoras da educação infantil, com o foco nos indicadores da organização do ambiente, inspirados em Moura (2009). São eles: condições físicas, construção e uso do espaço/ambiente, favorecimento da interação e promoção da autonomia.

Este trabalho se organiza em quatro capítulos. O primeiro trata da fundamentação teórica. Neste se trouxe aspectos da educação infantil e de suas bases legais, seguido da discussão sobre qualidade na educação infantil e da organização do ambiente como um dos fatores de sua qualidade e, por fim, o detalhamento dos indicadores da organização do ambiente como fator de qualidade na educação infantil, definidos para este trabalho. O segundo capítulo apresenta a abordagem metodológica qualitativa utilizada na pesquisa. O terceiro capítulo traz a análise e discussão dos dados. No quarto e último capítulo, se faz algumas considerações finais sobre o trabalho.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Educação Infantil

A educação infantil tem sido objeto de estudo e preocupação de muitos estudiosos. Zabalza (2007, p. 40) a considera como *“etapa eminentemente educativa, portanto, destinada a tornar possíveis progressos pessoais que não seriam alcançados se a escola não existisse”*. Para este autor, todas as crianças se beneficiarão ao frequentarem a escola, pois é nesta fase que estas começarão a interagir com o meio físico e social e isso é muito importante ao desenvolvimento da inteligência. Segundo Didonet (2003, p. 92), *“até os 3 ou 4 anos, ter-se-á formado o primeiro nível, estágio ou fase, sobre o qual se constroem os seguintes. É importante que o primeiro seja bem constituído”*. Nesta faixa etária, é preciso atentar para as necessidades da criança, tais como: acolhimento, socialização, atenção e afeto. Além disso, é imprescindível que haja a integração entre o cuidar e o educar, exigindo ações pedagógicas promotoras do desenvolvimento integral da criança.

O direito social das crianças ao atendimento em creches e pré-escolas não aconteceu de um dia para o outro. Foi um processo que contou com ampla participação de movimentos comunitários, do das mulheres, dos trabalhadores, da luta pela redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – BRASIL, 2010, p. 7).

Na Europa, as instituições pré-escolares nasceram no século XVIII em resposta à situação de pobreza, abandono e maus tratos de crianças pequenas cujos pais trabalhavam em fábricas e minas criadas pela Revolução Industrial que se implantava na Europa Ocidental (OLIVEIRA, 2002).

Já em relação à sua difusão, Kuhlmann Jr. diz que se deu na segunda metade do século XIX, *“como parte de um conjunto de medidas que conformam uma nova concepção assistencial, a assistência científica, abarcando aspectos como a alimentação e habitação dos trabalhadores e dos pobres”* (2011, p. 77-78).

A história da creche, especificamente, no contexto mundial, está ligada às modificações do papel da mulher na sociedade. Kuhlmann Jr. (2011) nos diz que foi

devido à inserção da mulher nas fábricas (contexto da Revolução Industrial) que se viu a necessidade de criação de um espaço onde os filhos das operárias pudessem ficar, como as salas de asilo – *salles d'asile* – e as creches. Tudo isso representava os anúncios auspiciosos do advento da modernidade, onde a obrigação de ganhar a vida através do trabalho é um dos primeiros passos da civilização.

Faria *apud* Reis (2011, p. 19) acrescenta dizendo que

[...] nessas instituições infantis desenvolvia-se um trabalho de cunho assistencial-custodial, pois a preocupação era apenas com a alimentação, higiene e segurança física. Não se desenvolvia um trabalho educativo voltado para o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança, pois não era considerado como um dever social, e sim, um favor ou caridade de certas pessoas ou grupos.

Ainda segundo essa autora (2011), o “*caráter educativo nessas instituições não existia, pois ele era voltado apenas para o cuidado e higienização das crianças, sendo visto como um favor feito aos pais que necessitavam desse atendimento para trabalharem*”. Kuhlmann Jr. (2011), contudo, argumenta que apesar do caráter assistencial das primeiras instituições pré-escolares, isso não implica em inexistência de objetivos educacionais como, segundo ele, as diversas literaturas da área nos levam a crer. Sustenta o autor que, embora essas instituições fossem voltadas ao cuidado e desvelo das crianças, esses são aspectos que não podem faltar e que devem se integrar ao educar pedagogicamente.

Outros fatos influíram para o surgimento e desenvolvimento da educação infantil no Brasil, como o “*crescimento e a organização dos trabalhadores, a redução dos espaços urbanos destinados às brincadeiras infantis e a preocupação com a segurança*”. Estes foram alguns dos elementos que motivaram a sociedade a defender instituições educativas para as crianças (MARIANO, 2009, p. 25).

Vinelli *apud* Kuhlmann Jr. (2011, p. 80-81) explica o surgimento das creches no Brasil, a partir da lei do Ventre Livre, caracterizando-as mais como instituições de atendimento às mães trabalhadoras domésticas do que às operárias industriais.

Segundo Reis (2011, p. 20), na década de 60,

[...] a construção de creches continuava a ser vista como uma caridade do setor privado para aqueles que necessitavam desse atendimento. No entanto, em decorrência do crescimento da demanda, ou seja, o número de trabalhadores aumentou, as mulheres de classe média ingressaram no mercado de trabalho e a procura por espaços que atendessem as crianças tornou-se maior, vários setores da população começaram a defender a necessidade

da instituição de mais creches. Com isso, conforme apresenta Faria (1997), “começou a crescer o número de creches públicas, filantrópicas e conveniadas com os governos municipais, estaduais e federal dirigidas às classes populares e, também, o número de creches particulares para as classes médias e altas”.

Desta forma, enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram tidos como únicos destinatários de um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres, todavia, era oferecido apenas um cuidado voltado à satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação (REIS, 2011).

Assim é que em certos momentos soluções mais de cunho custodial predominavam e, em outros, ricas experiências baseadas em brincadeiras foram criadas e disseminadas, como o jardim de infância (*kindergarten*) de Froebel (possuía raízes na escola Pestalozzi). E, “*a preocupação com a pobreza e o abandono de crianças, por exemplo, foi a motivação inicial que levou Pestalozzi, Decroly e Montessori a criar propostas de trabalho educacional para instituições pré-escolares*” (OLIVEIRA, 2002).

Corrêa (2003) tece considerações sobre os termos, educar e cuidar, a partir da análise de como surgiram e se consolidaram as creches e pré-escolas no país. Assim, de um lado havia instituições de cunho assistencial e, de outro, as de cunho mais educativo. Entretanto, argumenta que não há que se falar em dicotomização, porque ambas as modalidades de instituição sempre possuíram um projeto educacional, embora com distintos enfoques, a depender da população atendida. Ou seja, a primeira, com uma proposta de educação assistencial destinada às crianças pobres e a outra, com uma proposta de educação escolarizante voltada às crianças menos pobres.

Em 1961 se tem a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 4.024/61, que trouxe textos referentes à educação de grau primário, em que o Estado amplia o seu papel:

Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância.
Art. 24. As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária (BRASIL, 1961).

No contexto educacional brasileiro, explicitamente no final da década de 70, as creches e pré-escolas iniciaram um processo mais contínuo de expansão, trazendo à tona o caráter assistencialista (educação compensatória) dessas instituições. Isso suscitou debates em âmbito nacional que versavam a suposta dualidade existente na educação, culminando, em 1971, na criação da segunda LDB, Lei nº 5.692/71. Esta lei atualizou os textos referentes à educação de crianças com menos de 7 anos de idade, em que dizia que “*os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes*” (BRASIL, 1971).

Segundo Kuhlmann Jr. (2011), a mudança de foco das instituições, ou seja, de assistenciais para educacionais, não propiciou mudança na qualidade do sistema educacional. Ela apenas colocou em segundo plano os aspectos relacionados ao cuidado na educação. Isso suscitou sérias discussões em que se pode evidenciar que é preciso estar atento ao fato de que as instituições pré-escolares possuem a dupla função de educar e cuidar das crianças. Portanto, argumenta esse autor que não pode haver ambiguidade e exclusão entre essas funções no contexto das instituições educacionais infantis.

Embora as instituições tivessem, de fato, se tornado legalmente educacionais, a educação das crianças pequenas não era um dever do Estado. Foi o contexto econômico e político presente nas décadas de 70 e 80 que propiciou um intenso movimento em prol da democratização da educação pública brasileira possibilitando a conquista, na Constituição de 1988, do dever do Estado, através dos municípios, de prover o acesso às crianças de zero a seis anos às creches e pré-escolas (OLIVEIRA, 2002).

Hoje, na Constituição, se tem na Seção 1 – Da Educação, do Capítulo III, no Art. 208 o explícito dever do Estado com a educação infantil, bem como a faixa etária que ela atende.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). (BRASIL, 1988).

Atualmente, como lei que organiza a educação brasileira, a LDB de 1996, Lei nº 9.394/96, traz a Educação Infantil como parte integrante da educação básica – a primeira etapa –, juntamente com o ensino fundamental e médio, vendo-a desta forma como uma etapa necessária à educação. Esta evidencia uma mudança de concepção pedagógica em relação à Educação Infantil, distanciando-se, cada vez mais, do modelo assistencialista, por ter a função de proporcionar condições para o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo da criança, em complementação à ação da família. É o que pode ser extraído do seu artigo 29:

Art. 29. A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Quando se fala em desenvolvimento integral da criança, tem-se implícito a qualidade, pois sem ela este objetivo torna-se inviável. Entre os objetivos e metas do Plano Nacional de Educação de 2001, está o estabelecimento de parâmetros de qualidade para os serviços de educação infantil. Em consequência, o Ministério da Educação lançou dois importantes documentos: os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil – PNQEI (BRASIL, 2006b) e os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil – IQEI (BRASIL, 2009).

Os PNQEI têm por objetivos “*estabelecer padrões de referência orientadores para o sistema educacional no que se refere à organização e funcionamento das instituições de educação infantil [...] e definir os requisitos necessários para uma educação infantil que possibilite o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social*” (BRASIL, 2006b).

Já os IQEI objetivam “*auxiliar as equipes que atuam na educação infantil, juntamente com famílias e pessoas da comunidade, a participar de processos de autoavaliação da qualidade de creches e pré-escolas que tenham um potencial transformador*” (BRASIL, 2009). Os Indicadores buscam detalhar os Parâmetros Nacionais para a Educação Infantil, a fim de oferecer às equipes de educadores um instrumento a mais para subsidiar suas ações nas instituições.

Em síntese, ao longo da história, houve uma evolução quanto à forma de se pensar e conceber a educação infantil, visto que esta passou a ser reconhecida como uma etapa inicial da educação básica, de caráter obrigatório às crianças que

completarem 4 anos de idade (acrescentado à LDB pela Lei nº 12.796, de 2013) e fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Com todas as mudanças ocorridas na história da educação infantil, um dos seus maiores desafios é equilibrar a demanda e a oferta. Mas isto só não basta. É preciso, também, que esta educação infantil seja de qualidade.

1.2 – Qualidade na Educação Infantil

[...] talvez nada seja mais forte do que o motivo do nosso sonho maior e luta permanente: ver todas as crianças dessa primeira etapa da educação básica vivenciarem, no seu cotidiano, uma educação de qualidade. Terem, portanto, a oportunidade de estar em um ambiente planejado e cuidado para elas, pensado de forma humanizadora, buscando ser um espaço de promoção da vida, do crescimento, do desenvolvimento e da aprendizagem, sem perder de vista que isso terá também consequências positivas para todos os demais atores envolvidos nesse processo de promoção/construção da qualidade, no âmbito da instituição educativa e das famílias dessas crianças (SOUSA, 2006, p. 122).

O conceito de qualidade é abstrato e de difícil definição. A qualidade pode ser analisada de diversas formas. Zabalza (2007) atribui à qualidade três dimensões básicas: 1) qualidade vinculada aos valores – aquilo que representa algum dos valores vigentes, ou seja, pode-se dizer que alguma coisa possui qualidade se reagir adequadamente aos valores que se esperam; 2) qualidade vinculada à obtenção, ao alcance de altos resultados; e, 3) qualidade vinculada a um clima satisfatório para todos aqueles envolvidos na situação ou no processo avaliado, ou seja, há uma estreita relação entre qualidade e satisfação profissional-pessoal.

O referido autor vê, também, a qualidade vinculada a vetores ou eixos organizacionais. O primeiro deles é a função de *projeto*. Significa que é difícil alcançar elevados níveis de qualidade em processos que possuem baixa qualidade de projeto. Ou seja, somente se a educação tiver sido projetada para alcançar altos níveis de qualidade e se tiverem sido adotadas as decisões apropriadas para isso, será possível exigir depois que a qualidade dos produtos seja alta. O segundo vetor é o do *produto* ou *resultados*. A sua aplicação na educação diz respeito aos efeitos

obtidos, mas os obtidos e visíveis a “longo prazo”. O terceiro vetor é o do *processo* ou *função*. Ele se refere aos meios necessários para se alcançar bons resultados. Está intrinsecamente ligado ao primeiro vetor, o de *projeto*, pois é ele quem prevê como o *processo* será e se ele for de má qualidade, muito provavelmente o *processo* também o será, assim como o *resultado*. O último vetor é o do *desenvolvimento organizacional*. “*Esta função refere-se a intervenções que tenham como finalidade o aperfeiçoamento das condições das próprias instituições, equipes*” e, também, das famílias (ZABALZA, 2007, p. 35).

A dificuldade em se conceituar o termo *qualidade* também é evidenciada nos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil:

As definições de qualidade dependem de muitos fatores: os valores nos quais as pessoas acreditam; as tradições de uma determinada cultura; os conhecimentos científicos sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem; o contexto histórico, social e econômico no qual a escola se insere. (BRASIL, 2009).

Percebe-se que, no contexto da educação infantil, o valor atribuído à qualidade é relativo, variando em diferentes contextos culturais. A multidimensionalidade do conceito, a não hierarquização dos indicadores, bem como a integração entre eles configuram aspectos importantes para a construção de uma educação infantil de qualidade.

Assim, qualidade, especialmente para a educação infantil, é “*um conceito construído, subjetivo em sua natureza, baseado em valores, crenças e interesses, ao invés de uma realidade objetiva e universal*” (DAHLBERG; MOSS; PENCE *apud* FELIPE, 2005, p. 17).

Conforme Zabalza (2007), uma educação infantil de qualidade depende de alguns aspectos básicos. Para ele, existem 10 aspectos-chave que, se corretamente aplicados à educação Infantil, proporcionam qualidade a ela. São eles:

1 – **Organização dos espaços**: na educação infantil é necessário que haja espaços amplos que sejam facilmente diferenciados pelas crianças quanto a suas funções, com fácil acesso e especializados para tarefas individuais ou em grupo. Este aspecto é condição fundamental para que alguns outros aspectos possam acontecer (ZABALZA, 2007, p. 50).

2 – **Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido de planejar e desenvolver as atividades**: os professores devem valorizar e estimular a

autonomia do aluno ao mesmo tempo em que se desenvolvem as competências específicas do currículo (ZABALZA, 2007, p. 50).

3 – **Atenção privilegiada aos aspectos emocionais:** estes são a base para todo o desenvolvimento infantil. A emoção faz a criança se sentir bem, segura, transmite prazer e a faz ter autonomia. Esses aspectos exigem grande flexibilidade e oportunidades para que a emoção seja expressa (ZABALZA, 2007, p. 51).

4 – **Utilização de uma linguagem enriquecida:** é a partir da linguagem que começam a ser construídos o pensamento, a decodificação e a capacidade de aprender. Por isso, o ambiente da educação infantil deve ser de estimulação à linguagem, por meio da interação com os educadores, criando oportunidades para que as crianças falem e a cada dia aumente seu repertório (ZABALZA, 2007, p. 51).

5 – **Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades:** o processo de crescimento e desenvolvimento infantil é global e interligado, mas não se produz de forma constante e automática. Em cada área do desenvolvimento infantil se exige intervenções próprias para que o progresso seja equilibrado. Mas é importante que existam atividades globais que unam diversos outros tipos de intervenções (ZABALZA, 2007, p. 52).

6 – **Rotinas estáveis:** esta tem um papel de grande importância na definição do contexto em que as crianças agem e se movimentam, agindo como organizadora estrutural das experiências cotidianas. Torna o cotidiano previsível, fazendo com que a criança tenha segurança e autonomia (ZABALZA, 2007, p. 52).

7 – **Materiais diversificados e polivalentes:** uma sala de educação infantil deve conter materiais que possibilitem diversificados tipos de ações pedagógicas. É tarefa do professor organizar um ambiente que estimule o aluno e faça com que ele tenha vários tipos de experiências de aprendizagem (ZABALZA, 2007, p. 53).

8 – **Atenção individualizada a cada criança:** mesmo não sendo possível dar uma atenção individual permanente a cada aluno, é necessário que se tenha parcialmente ou de tempos em tempos algum tipo de contato com cada um. Esse contato auxilia na aprendizagem e na aquisição de habilidades específicas da criança (ZABALZA, 2007, p. 53).

9 – **Sistemas de avaliação, anotações, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças:** é necessário saber a qual meta se quer chegar para se desenvolver um programa “profissional”

de educação infantil. É fundamental que o educador tenha capacidade de planejar e avaliar, analisando o funcionamento do grupo em seu conjunto e o progresso individual de cada criança (ZABALZA, 2007, p. 54).

10 – Trabalho com os pais e mães e com o meio ambiente (escola aberta): a participação da comunidade na escola permite o desenvolvimento de atividades mais ricas e uma atenção mais personalizada à criança. As mães e pais conhecem melhor seus filhos e a escola também aprende muito com a presença dos pais (ZABALZA, 2007, p. 55). Esse indicador é importante, pois o envolvimento de mais pessoas e setores da sociedade pode promover a melhoria da qualidade na educação infantil.

Indicadores de qualidade como os de Zabalza (2007) tanto podem ajudar na construção da qualidade da educação infantil, quanto orientar a avaliação dessa qualidade. Segundo Sousa (2006), a consideração da qualidade em instituições de educação infantil requer a explicitação de critérios e de indicadores, ou seja, a partir do que se está considerando a qualidade e a partir de que se pode dizer que ela existe.

Corrêa *apud* Sousa (2006, p. 99) questiona: “Qualidade ou qualidades?”. Em resposta, argumenta a autora que o conceito de qualidade não pode ser traduzido como algo único, universal e absoluto. São diversos os parâmetros que podem ser utilizados para que se diga se uma instituição é ou não de qualidade.

Referindo-se à educação infantil, Sousa argumenta que a qualidade

[...] aponta para a necessária criação e expansão das melhores condições para o crescimento, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Ademais, essa qualidade é relevante como mediadora do processo de avaliação continuada da instituição de educação infantil, já que ela fornece indicadores específicos para essa avaliação. Assim, a partir desses indicadores, as creches e as pré-escolas têm referenciais para ambos: a promoção da qualidade e a sua melhoria (2006, p. 101).

Nesse contexto, Indicadores de qualidade são particularmente importantes para os profissionais da educação, em especial o professor, para orientar e avaliar suas práticas pedagógicas e, se necessário, mudá-las, no sentido de melhor contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A construção de uma educação infantil de qualidade é evidenciada em documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RECNEI (BRASIL, 1988). Entre as intencionalidades do documento situa-se o “...

apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos” (BRASIL, 1998, p.7).

Na construção da qualidade da educação infantil é preciso entender-se sobre Parâmetros e Indicadores. Isto é, *parâmetros* são referências, ponto de partida, ponto de chegada ou linha de fronteira. *Indicadores*, por sua vez, presumem a possibilidade de quantificação, servindo, portanto, como instrumento para aferir o nível de aplicabilidade do parâmetro. Parâmetros são mais amplos e genéricos, indicadores mais específicos e precisos (BRASIL, 2006b).

Ao se falar em qualidade da educação, é necessário explicitar que esse é um direito de cada criança, independentemente de classe social, etnia ou se tem alguma necessidade educacional especial. Isto, segundo Sousa (2006), envolve um conjunto de ações, tais como: ampliação da oferta à educação infantil *pari passu* à qualidade; integração setorial – no que se refere às políticas públicas para a infância – saúde e assistência social, bem como integração das políticas relativas ao trabalho e emprego, em relação aos seus pais, entre outros; tanto quanto a garantia da segurança e proteção das crianças, e o fortalecimento da relação família-escola.

Em Sousa (2006) há uma síntese do que se pode entender, em linhas gerais, sobre a qualidade no contexto da educação infantil:

Um programa de qualidade deve significar um ambiente acolhedor, seguro e confiável para todas as crianças. Um local onde cada uma delas possa se sentir bem, segura, protegida, amada, aceita e feliz. Nesse programa não há espaço para descuidos, abandonos ou negligências por parte dos adultos que nele trabalham. Pelo contrário, o que há é um interesse explícito pelo bem-estar e segurança das crianças e um profundo respeito às suas individualidades, associados a um planejamento de ações integradas que possam contribuir, positivamente, para que elas se desenvolvam e aprendam, de forma saudável e contínua (2006, p. 123-124).

Por fim, a organização do ambiente escolar e, em especial o da sala de aula, supõe entre outros aspectos, priorizar as necessidades do desenvolvimento infantil e, em consequência, favorecer as condições de aprendizagem da criança.

1.3 – Organização do Ambiente como fator de Qualidade na Educação Infantil

No contexto escolar em geral, tende-se a se associar o termo ambiente ao espaço físico da escola. Muitos profissionais da educação infantil pensam que “a qualidade do ambiente [...] diz respeito apenas às suas características psicofísicas e/ou higiênicas: arejamento, iluminação, conforto, número de crianças por metro quadrado, relação existe entre mobiliário e equipamentos” (OLIVEIRA, 2011, p. 196). E, quando o espaço da sala de aula é precário, tendem a generalizar no sentido de que apenas uma boa estrutura física pode garantir a qualidade da sua prática. Contudo, de um lado, deve-se lutar para que as crianças da educação infantil encontrem, em suas salas de aula “um meio material e social enriquecido e sob medida, um ambiente com um amplo leque de ofertas que abarquem todos os aspectos do seu desenvolvimento – motor, cognitivo, comunicativo, socioafetivo – e que respeitem o modo como as crianças pequenas aprendem” (PANIAGUA; PALACIOS, 2007, p. 155), do outro, frente à precariedade dos ambientes, não se pode acomodar-se e achar que a qualidade da prática pedagógica está de todo comprometida. Como lembrado por Felipe (2005):

independentemente das precárias condições de trabalho e de atendimento educativo, uma realidade se impõe: é preciso atender a todas as crianças, [levando em conta] o binômio quantidade e qualidade. Apesar dos limites das situações, é possível organizar o ambiente de sala de aula numa perspectiva de educação de qualidade (2005, p. 13).

O que pode ser entendido por ambiente? Qual o seu sentido no âmbito da educação infantil? Embora usados, muitas vezes, como sinônimos, os termos *ambiente escolar* e *espaço escolar* se diferenciam. No entanto, considerando-se as várias dimensões do espaço – bem além da física, o termo “ambiente” é mais adequado, por agregar tanto dimensões físicas quanto relacionais, conforme esclarece Horn:

O termo espaço se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças (2007, p. 35).

Para Forneiro (2007, p. 233), ambiente é o “conjunto do espaço físico e as relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto)”. Portanto, mais que um espaço físico, ele é aquele espaço físico dinamizado prioritariamente pela relação pedagógica. Esta autora propõe quatro dimensões para se considerar o ambiente escolar, na perspectiva da qualidade. São elas:

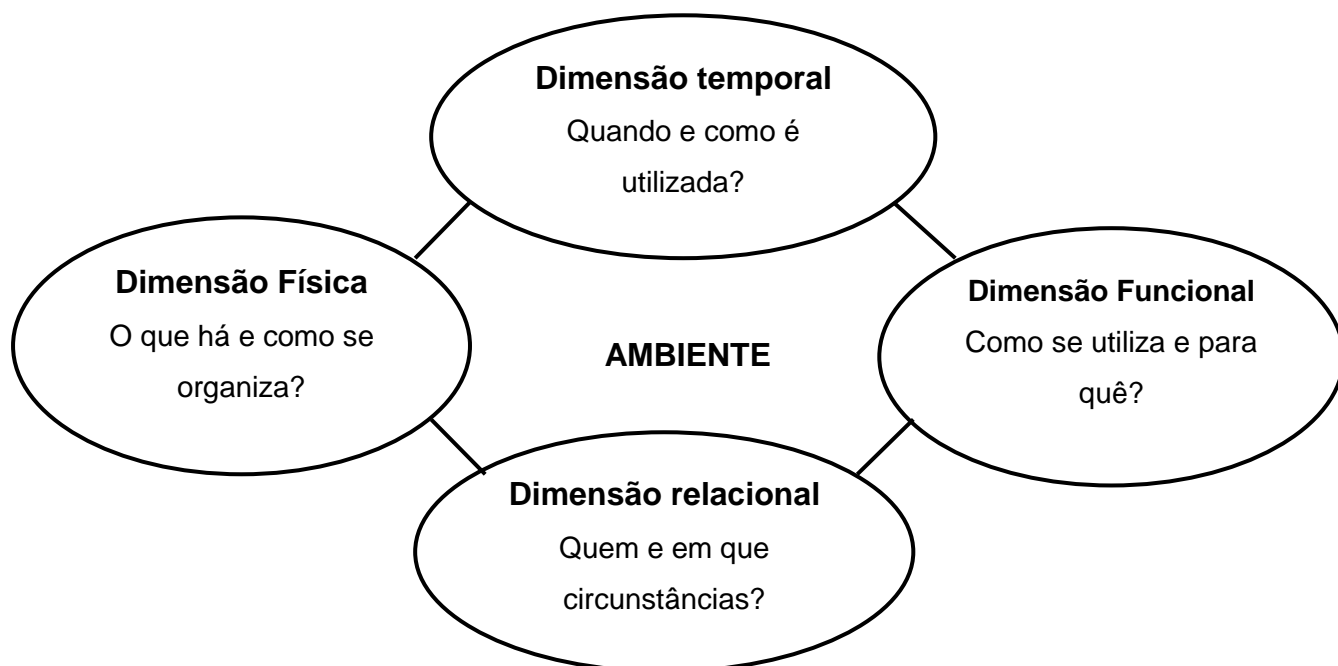


Figura1: Dimensões do Ambiente Escolar (FORNEIRO, 2007).

Dimensão física: Refere-se ao aspecto material do ambiente. É o espaço físico e suas condições estruturais. Também compreende os objetos e a sua organização dentro do espaço (Forneiro, 2007, p. 233).

Dimensão temporal: Refere-se à organização do tempo e, portanto, aos momentos em que serão utilizados os diferentes espaços. O tempo de brincar nos cantos, o tempo de contar histórias, o tempo do lanche, o tempo do recreio, o tempo de trabalho individual ou em pequenos grupos, o tempo de atividade livre e autônoma, o tempo da atividade planejada e/ou dirigida etc (Forneiro, 2007, p. 234).

Dimensão funcional: Relaciona-se com a forma de utilização dos espaços, a sua polivalência e o tipo de atividade à qual se destinam (Forneiro, 2007, p. 233).

Dimensão relacional: Refere-se às diferentes relações que se estabelecem dentro da sala de aula. Tais relações têm a ver com aspectos como os diferentes modos de ter acesso aos espaços, às normas e o modo como se estabelece este

acesso, os diferentes agrupamentos para a realização das atividades, a participação da professora nos diferentes espaços e nas atividades que as crianças realizam (Forneiro, 2007, p. 235).

A dimensão *relacional* do espaço físico é, também, destacada por Horn (2007, p. 28). Para ela, é nesse espaço físico “*que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é que o transforma em um ambiente*”.

Organizar o ambiente significa atentar para tudo aquilo que possa contribuir para a qualidade das relações sociais nele existentes e para enriquecer as atividades, evitando a massificação, pois “*um planejamento cuidadoso do ambiente físico é parte integrante de um bom manejo do ensino em sala de aula*” (CARVALHO; RUBIANO, 2002, p. 108).

Significa, ainda, de acordo com Oliveira (2011), preparar um cenário para a emergência de interações promotoras do desenvolvimento subordinada à necessidade de criação de condições de aprendizagem que articulem adequadamente conteúdos, atividades, tempos, espaços, objetos e parceiros disponíveis.

A necessidade de organização do ambiente vincula-se ao ato de planejar, que, por conseguinte, nos remete ao estabelecimento de critérios, mas que critérios poderiam ser utilizados no estudo da organização do ambiente escolar?

Segundo Felipe (2005), um deles diz respeito à concepção de criança e de infância do professor. O olhar do professor sobre o que é ser criança influencia diretamente sua forma de organizar o espaço físico e, conseqüentemente, o ambiente escolar.

Horn (2007, p. 37) fala que a organização do ambiente escolar deixa pistas sobre a concepção de criança do professor. Para ela, “*por meio da leitura das paredes e das organizações dos espaços das salas de aula de instituições de educação infantil, é possível depreender que concepção de criança e de educação o educador tem*”. A organização dos ambientes traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua nesse cenário (HORN, 2007).

Entretanto, nem sempre a visão de criança e infância da escola e do professor é adequada. E, muitas vezes, o ambiente escolar na educação infantil não

se encontra adaptado às competências e às necessidades do desenvolvimento infantil, resultando em locais pouco favoráveis ao desenvolvimento dos sistemas perceptivos, dos sistemas motores, dos sistemas de comunicação e dos sistemas cognitivos (FELIPE, 2005).

Quando se fala em desenvolvimento infantil, autores como David e Weinstein *apud* Carvalho e Rubiano (2002), afirmam que todos os ambientes construídos para crianças pequenas deveriam atender a cinco funções, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade.

Nesta perspectiva, organizar o ambiente escolar é diversificá-lo, construir e reconstruir possibilidades de exploração e, acima de tudo, dispor de situações que promovam a ampliação das interações coetâneas em diferentes formas de expressão. Além disso, ao organizá-lo, é imprescindível que ele seja “ *muito estimulante, com materiais que constituam um verdadeiro convite à brincadeira construtiva [...] e à experimentação*” (PANIAGUA; PALACIOS, 2007, p. 156).

Outro critério importante com relação à organização do ambiente escolar é a participação das crianças em sua construção, a fim de personalizá-lo, pois é “ *importante que as crianças pequenas tenham maior familiaridade com um espaço que reconheçam como seu, de sua turma*” (OLIVEIRA, 2011, p. 202). Este critério está intimamente ligado à dimensão *relacional* do ambiente escolar, em que o professor deve-se valer da interação do tipo adulto-criança na sala de aula, dando atenção aos interesses e necessidades das crianças para que elas sintam que fazem parte daquele ambiente, construindo sua autonomia. O professor de educação infantil deve estar disposto a relacionar-se de modo mais próximo com a criança, possibilitando sua atuação diretamente junto a ela como interlocutor privilegiado.

Segundo Paniagua e Palacios (2007), o educador tem aqui um papel de mediador que é fundamental para favorecer a interação construtiva coetânea: convidar a prestar atenção no outro, a realizar atividades conjuntas, a ajudar-se, proporcionar instrumentos para a resolução de conflitos e reforçar a solidariedade, entre outros.

O último critério, mas não menos importante, a ser levado em consideração na organização do ambiente escolar é justamente a flexibilidade em sua

organização. Para Forneiro (2007, p. 258), uma organização flexível pressupõe “*permitir uma rápida e fácil transformação do espaço, a qual responda às necessidades imprevisíveis que possam surgir*”. E, o flexibilizar a organização do ambiente escolar deve, necessariamente, envolver a participação das próprias crianças (critério anterior). Sendo assim, deve ser uma organização que não apenas focalize o interesse didático do professor, mas o conjunto de interesses das crianças e do educador.

Conclui-se dizendo que para que a educação infantil seja de qualidade, a organização do ambiente torna-se imprescindível por ela ser, acima de tudo, “*um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa*” (HORN, 2007, p. 37).

1.4 – Indicadores da Organização do Ambiente como fator de Qualidade na Educação Infantil

Indicadores são sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem significar algo (BRASIL, 2009). São como um modelo de pontos a serem observados. Segundo Moura (2009, p. 41), “*indicadores são indispensáveis para que se tenha clareza ou julgue o que é de qualidade para um ou outro contexto no âmbito da educação infantil*”. Assim, permitem verificar se algo vai bem ou mal na instituição ou na sala de aula, possibilitando ao professor o *feedback* da sua prática pedagógica. Com isso, a partir da análise de sua prática pedagógica, o professor, se necessário, pode mudá-la, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pequenas.

Os indicadores da qualidade do ambiente deste trabalho, assim como os demais indicadores de qualidade, possuem relação de interdependência e complementaridade. Eles foram construídos com base em Moura (2009), conforme representados na figura 2 a seguir:

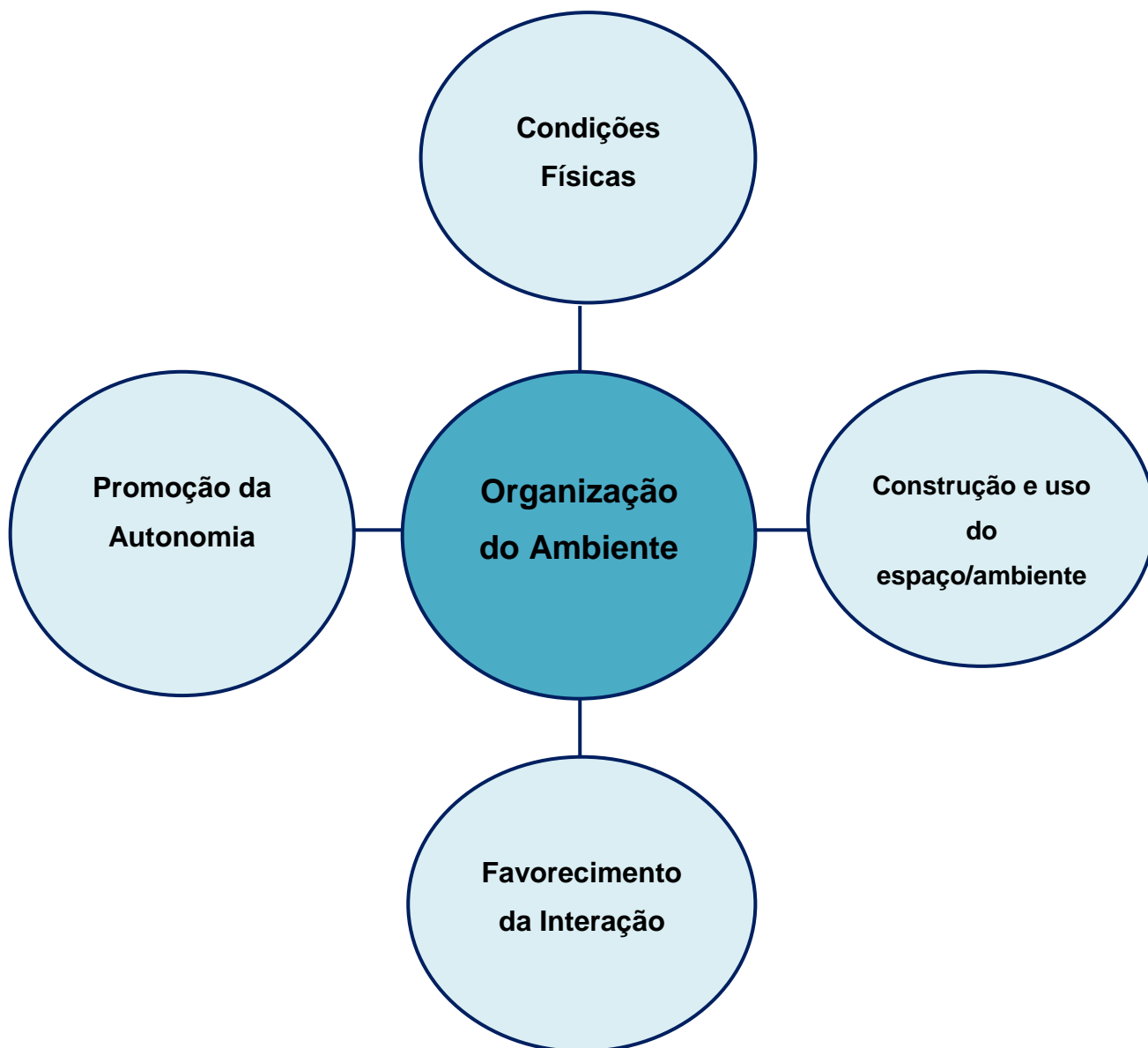


Figura 2: Indicadores da Organização do Ambiente como Fator de Qualidade na Educação Infantil (adaptado de Moura, 2009).

1.4.1 – Condições Físicas

No que diz respeito a este indicador, é imprescindível esclarecer que, apesar de se referir ao espaço físico da sala de aula, bem como aos espaços externos da instituição, ele está interligado com outras questões que fogem da ordem propriamente física, como, por exemplo, ser atrativo, aconchegante, acolhedor, tranquilo e confortável.

A organização do espaço físico pode ou não contribuir para criar as melhores condições de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Sousa (2006) argumenta que é necessário que pais e/ou responsáveis, ao buscarem uma instituição para seus filhos, se atentem para questões importantes, tais como:

Ele é amplo? Limpo e fácil de ser mantido assim? Iluminado? Seguro? A temperatura é amena? Há espaços cobertos e descobertos? Há áreas que propiciem o jogo simbólico? No geral, o ambiente é bonito, atrativo e acolhedor? O tamanho da sala de aula é adequado ao número de crianças? O mobiliário é funcional, claro e lavável? É adequado ao tamanho e à capacidade física das crianças (para transportarem cadeirinhas, por exemplo)? Os banheiros têm vasos e pias adequadas às crianças? As paredes das salas de aula são brancas, coloridas e/ou enfeitadas? As salas possuem ventiladores e/ou janelas que as deixem bem arejadas? Há, na sala de aula, espaços mais e menos livres que favoreçam a diversidade de atividades e a integração entre as crianças e das crianças com os adultos? Ela permite um uso funcional e flexível (favorece a realização de atividades individuais ou em grupos, mais calmas como desenhar e ouvir histórias, ou mais agitadas como dançar e cantar)? Nesse espaço, as crianças podem se movimentar sem esbarrar em outras ou em objetos? Há quantidade e variedade de material disponível? As instalações elétricas são seguras e fora do alcance das crianças? Como é a conservação do espaço físico e do material usado? O ambiente é acolhedor e aconchegante? Há um ambiente seguro, tranquilo e confortável para os bebês e crianças dormirem e, ainda, para engatinhar e andar? Há variedade e número de brinquedos para todos? Há um espaço mais individualizado para a criança? Há espaços alternativos como a casa da boneca e um espaço de contato com livros? Se houver piscina, além de segurança reforçada, deve-se atentar para a qualidade do tratamento da água. Estas são questões muito importantes, que sozinhas não garantem a qualidade do ensino ofertado, mas que evidenciam de certa forma a concepção de criança e infância da instituição, bem como a preocupação com o conforto e bem-estar dos pequenos (SOUSA, 2006, p.107).

Características como a limpeza, a higiene, a luminosidade, a ventilação, as instalações elétricas seguras, a inexistência de perigos causados por superfícies

com cantos e vidraças, etc contribuem para que os espaços físicos sejam propícios ao desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Os materiais, equipamentos e mobiliários precisam ser flexíveis de modo a permitir transformações que atendam aos objetivos do professor e às necessidades das crianças. Mesas, cadeiras, balcões, quadro, bebedouro e sanitários devem ser adequados ao tamanho das crianças. Para facilitar o manejo dos materiais das crianças e do professor, é preciso que estes sejam agrupados e dispostos em áreas específicas e estar ao alcance das crianças pequenas.

Importante, também, que os objetos pessoais das crianças tragam identificações e, assim como os demais, fiquem ao alcance delas. As cadeiras e mesas devem ser leves para que eles próprios possam deslocá-los, o que torna o ambiente mais interativo e coerente com a ideia de construção da autonomia e da independência, a partir da ação e intervenção direta no meio físico (BRASIL, 2006a).

A decoração, segundo Paniagua e Palacios (2007), ocupa importante papel nas escolas de educação infantil, pois ela possibilita a criação de ambiente acolhedor e voltado para as crianças. Esta nos diz muito sobre a proposta educativa da instituição.

Ambientes externos à sala de aula, como o pátio, o parque e um lugar onde as crianças possam ser atendidas quando estão doentes ou machucadas também possuem importância para o estabelecimento de uma educação infantil de qualidade. Como afirma Sousa (2006), o professor não deve se restringir apenas ao espaço físico da sala de aula. Ele deve ser capaz de utilizar todos os ambientes da instituição. Ela chama atenção para o uso de ambientes pouco valorizados no âmbito da educação infantil, como a biblioteca escolar.

O pátio precisa ser organizado de forma que ofereça objetos acessíveis e familiares às crianças, como pequenos escorregas, brinquedos em caixas, piscina de bolinha, sofás, plantas e, é claro, exposição dos trabalhos das crianças e fotos de suas experiências. Coisas como essas, assim como na sala de aula, fazem com que o pátio seja um ambiente enriquecido e acolhedor.

De acordo com Paniagua e Palacios (2007, p. 165), “*nos pátios e espaços comuns, põe-se à prova a organização e a coerência das propostas educativas*”, pois os mesmos cuidados que se tem na sala de aula devem ser mantidos quando as crianças saem para o pátio e outros ambientes.

Algumas considerações sobre o parque são relevantes, como, por exemplo, ser amplo, com áreas cobertas e descobertas com árvores, de fácil acesso e bem próximo às salas de aula. Se possível, que tenha chão de areia, grama e cimento, de maneira a causar nas crianças diversas sensações. Os brinquedos (escorregas, gangorras, balanços, túneis, pontes, cordas, *playgrounds* de plástico etc) devem ser adequados ao tamanho das crianças e precisam ser bem fixados e limpos, não oferecendo perigo às crianças pequenas. Precisam oferecer segurança sem limitar as possibilidades de exploração. E, como meio de cuidado e preservação da natureza, pode dispor também de uma horta, onde as crianças cultivem alguns alimentos para uso posterior (MOURA, 2009).

É interessante que as instituições de educação infantil disponham de um lugar onde as crianças possam ser atendidas quando estão doentes ou machucadas. A presença de profissionais específicos para o atendimento com higiene, segurança e conforto é imprescindível. No entanto, é relevante que os pais ou responsáveis sejam avisados de imediato, quando alguma criança faça uso deste espaço.

Conforme Moura (2009, p. 45), áreas para o suporte e necessidade dos adultos também devem fazer parte do espaço físico de uma escola, como sala para reunião e encontros da equipe escolar, salas para receber pais e a comunidade, salas para guardar DVD's, sons, máquinas fotográficas e demais equipamentos. *“Vestiário, banheiros e armário individuais não podem ser esquecidos para que toda a equipe sinta-se à vontade”*.

Em seu aspecto físico, um ambiente escolar, para contribuir à qualidade na educação infantil, precisa garantir espaços variados de modo a promover e incentivar aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e desenvolvimento. Poderá haver a melhoria na educação infantil se houver o planejamento e incentivo à exploração da sala de aula, bem como dos externos a ela.

1.4.2 – Construção e Uso do Espaço/Ambiente

O espaço/ambiente é um componente instrumental do professor, fazendo parte do projeto formativo que deseja realizar. Quando os professores passam a considerá-lo como fator que interfere diretamente, no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, seu plano de trabalho o considera no sentido de como organizá-los, equipá-los e enriquecê-los para que se transformem em fatores estimulantes para as crianças (FORNEIRO, 2007). Não se pode esquecer que neste espaço existem interações do tipo criança ↔ criança e criança ↔ adulto, um ambiente acolhedor e possibilitador de aprendizagem.

Nesse planejamento do ambiente, a variável “tempo” merece especial atenção. De acordo com Forneiro (2007, p. 234), “*o tempo das diferentes atividades está necessariamente ligado ao espaço onde se realizada cada uma delas*”. Ou seja, é imprescindível que o ambiente seja organizado coerentemente com a organização do tempo e vice-versa. A organização do ambiente ↔ tempo proporciona à criança uma sensação de segurança, além de favorecer a construção de ambientes prazerosos, com previsões do que se pode ou não fazer naquele ambiente, naquele tempo, ainda que com relativa flexibilidade.

O planejamento visando à coordenação entre tempo e espaço pode contribuir para melhor se trabalhar a transição entre uma atividade e outra. Avisar a criança quanto tempo falta para ela terminar a atividade, ir ao banheiro para fazer xixi e lavar as mãos antes do lanche são exemplos de ações incentivadoras da criação de uma rotina diária que influi no desenvolvimento da independência e autonomia das crianças pequenas. “*Sendo avisada, a criança terá mais facilidade em entender os momentos de transição não como interrupções em suas atividades preferidas, mas como momentos novos e que merecem ser experimentados*” (MOURA, 2009).

Um ambiente propício ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil é, também, aquele que oferece atividades diversificadas. Elas podem ser trabalhadas de forma coletiva, individual ou em pequenos grupos, dentro e fora da sala.

Esta ideia está bem resumida nos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009). Segundo este documento, os professores

devem planejar atividades variadas, disponibilizando os espaços e os materiais necessários, de forma a sugerir diferentes possibilidades

de expressão, de brincadeiras, de aprendizagens, de explorações, de conhecimentos, de interações. A observação e a escuta são importantes para sugerir novas atividades a serem propostas, assim como ajustes no planejamento (BRASIL, 2009, p. 38).

Na busca da criação de variadas experiências individuais e em grupos, o professor pode pensar em trabalhar com áreas como a música, a literatura e as artes. Ao se fazer isso, as crianças experimentarão diversos momentos tanto de socialização quanto de isolamento, que é muito importante para elas, segundo Forneiro (2007).

Momentos e ambientes que propiciem o desenvolvimento das habilidades físicas das crianças precisam ser levados em conta, tais como correr, pular, apanhar coisas ao alto, no chão e dançar. Isso por que as crianças são curiosas e aprendem por meio da exploração ativa de tudo ao seu redor.

Ainda quanto ao planejamento, não pode se esquecer de valorizar o jogo simbólico. Ele leva a criança a expressar-se de forma não diretiva, mais livre. A brincadeira de faz-de-conta é muito importante, pois, ao fingir-se de adulto, a criança reproduz uma situação real, formula regras, reflete no seu brincar o contexto que vivencia e apreende (CAPISTRANO, 2005).

As diversas atividades propiciam privacidade às crianças, bem como a assimilação das regras de convivência na sociedade, pois aprendem a dividir e a ajudar seus coetâneos no que for preciso, conhecendo as diferenças entre o que lhes é permitido e o que não o é.

Quanto ao arranjo espacial, várias possibilidades podem ser experimentadas, dependendo da proposta pedagógica da instituição. Tem sido muito valorizada a organização de áreas de atividade diversificada, os “cantinhos” – da casinha, do cabeleireiro, do médico, do supermercado, da leitura –, permitindo a interação com pequeno número de companheiros e a criação de um enredo comum na brincadeira, aumentando a troca e o aperfeiçoamento da linguagem das crianças (OLIVEIRA, 2011).

A área da casa da boneca, por exemplo, possibilita a imersão na vida familiar, através da perspectiva de mãe de família, irmã ou dona de casa. E essa é uma imersão no cotidiano através da experimentação de um papel social. É uma imersão na célula social básica – a família (FORMOSINHO, 2007).

A definição do ambiente em conjunto, ou seja, levando em conta a participação das crianças, possibilita que elas recriem, explorem, construam e reinventem seus próprios espaços. Segundo os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006a, p. 7), “*a criança pode e deve propor, recriar e explorar o ambiente, modificando o que foi planejado*”, pois ao colaborarem nesse planejamento, personalizam seus espaços, sentindo-se mais à vontade, parte dele e responsável pela sua organização.

Em síntese, “*é sempre relevante ouvir as opiniões e sugestões das crianças quanto à organização e uso do espaço, bem como negociar regras para que ele seja sentido por todos como algo a ser compartilhado e zelado*” (MOURA, 2009, p. 48).

1.4.3 – Favorecimento da Interação

A instituição de educação infantil é um espaço coletivo de convivência, onde acontecem interações entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos. Valores sociais são aprendidos no seio familiar e, também, na escola. Por isso, não podemos esperar que as crianças desenvolvam esses valores se os adultos não os demonstrarem em sua forma de atuar na instituição, com as crianças, os colegas e as famílias (BRASIL, 2009).

O ambiente, ao favorecer a interação entre as crianças e seus pares, assim como os demais envolvidos em sua educação, estimula a convivência e promove situações prazerosas e seguras, assim como oferecem oportunidades importantes que permitem às crianças aprender a negociar e a compartilhar.

As interações coetâneas devem ser observadas pelos professores, que precisam interferir sempre que situações com maior grau de conflito ocorram. E, as relações de cooperação e amizade devem ser incentivadas e valorizadas. Sendo assim, é preciso que os adultos estejam atentos para modificar práticas que tolhem as oportunidades de desenvolvimento infantil (BRASIL, 2009).

A organização do ambiente contribui de forma única para os tipos de interação que ocorrem no mesmo. Pela disposição do ambiente, percebe-se facilmente o incentivo ou não à interação social.

Segundo Forneiro (2007), existem diversos modelos de organização do espaço da sala de aula. São eles:

Modelo de “territórios pessoais”: possui variações em torno do agrupamento das crianças. Ora as mesas estão mais dispersas; em “U”; em dois grandes grupos mais próximos ou então, separados.

Modelo de distribuição por “funções” ou “áreas de atividade”: a sala de aula está organizada para que haja uma rotatividade das crianças nos diferentes lugares da sala, os quais estão dispostos de tal forma que cada um deles se especializa em uma ou em várias funções específicas (FORNEIRO, 2007, p. 273).

Modelos “mistos”:

– **“Territórios pessoais e tapete”:** as mesas costumam estar destinadas à realização de atividade de representação gráfica, atividades de expressão plástica e à realização de jogos didáticos. Na maioria dos casos, as atividades realizadas no espaço de mesas são dirigidas ou controladas pelo professor. O espaço do tapete costuma ser muito polivalente. Em geral, está destinado tanto à realização de atividades livres como dirigidas. Este modelo de organizar a sala de aula traz implícito, na maioria dos casos, uma divisão clara na concepção das atividades escolares, distinguindo entre atividades de jogo e atividades de trabalho (FORNEIRO, 2007, p. 157).

– **“Territórios pessoais e cantos de atividade”:** há a combinação de dois modelos organizacionais, em princípio, opostos, como é a organização por territórios pessoais e por funções. Por um lado, continua-se mantendo um amplo espaço para a colocação das mesas e cadeiras das crianças e, por outro lado, introduzem-se algumas áreas de atividade ou cantos com certa delimitação do espaço e organização dos materiais (FORNEIRO, 2007, p. 277).

Os modelos de organização da sala de aula supracitados privilegiam em maior ou menor grau a interação entre coetâneos. E, como a dimensão relacional é uma importante perspectiva do ambiente escolar, o professor, na hora de planejar a organização do espaço físico, deve estar atento a esta variável, justamente por ser ela uma promotora do desenvolvimento e aprendizagem infantil.

1.4.4 – Promoção da Autonomia

Um ambiente de qualidade também deve possibilitar que as crianças sintam-se capazes de realizar suas potencialidades. Ele precisa ser organizado de forma que incentive o desenvolvimento da independência das crianças pequenas.

O professor, como aquele que cria e fornece as condições socioculturais para as crianças, deve proporcionar situações em que as crianças realizem atividades como apagar e ascender as luzes, manusear mochilas e lancheiras, amarrar os tênis, comer sozinhos, limpar o que sujou, limpar-se após as necessidades fisiológicas, lavar as mãos, beber água, jogar o lixo no lixo, entre outros. Esses são exemplos de ações que eles podem e devem aprender a realizar sozinhos, de maneira que incentivem a autonomia, a independência, a iniciativa e bons hábitos.

“A instituição de educação infantil deve estar organizada de forma a favorecer e valorizar essa autonomia da criança”. Para isso, os mobiliários, bem como os materiais devem estar dispostos de forma que as crianças possam fazer escolhas tanto individuais como em grupos, desenvolvendo a independência (BRASIL, 2009, p.38).

O estabelecimento de uma rotina na sala de aula também é um importante fator que orienta as crianças, que as deixa a par de tudo o que acontece naquele ambiente e contribui para que se sintam seguras e confiantes, fazendo escolhas, trabalhando sua autonomia.

Por meio da escuta dos desejos e satisfação das necessidades das crianças, o professor e, por conseguinte, o ambiente as oportuniza o desenvolvimento da sua individualidade, permitindo-lhes ter seus próprios objetos, personalizar seu ambiente e, sempre que possível, participar nas decisões sobre a organização do mesmo.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 – A Abordagem da Pesquisa

A pesquisa aqui relatada é de abordagem qualitativa. Segundo Oliveira (2007, p. 37), é *“um processo de reflexão e análise da realidade através de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”*.

Pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2007, p. 60).

Os dados foram construídos a partir de entrevista semiestruturada, que buscou analisar a visão de professoras sobre a organização do ambiente como fator de qualidade na educação infantil. Os indicadores da organização do ambiente selecionados para este trabalho foram explorados de forma espontânea no decorrer da entrevista. De acordo com Oliveira (2007, p. 86), *“a entrevista [semiestruturada] é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando”*.

2.2 – Contexto da Pesquisa

As entrevistas foram realizadas em duas escolas, ambas localizadas na cidade de Valparaíso de Goiás. Uma delas é particular e a outra é pública. A particular atende do Jardim I ao Ensino Médio. A pública atende do Maternal II ao Jardim II. Duas das cinco professoras entrevistadas são da escola particular e as outras três professoras são da escola pública.

Algumas questões sobre o espaço onde foram realizadas as entrevistas foram observadas: as salas de aula de todas as professoras entrevistadas são pequenas; apenas a sala de uma das professoras da escola particular possui banheiro anexado e filtro com copos; nenhuma delas possui tapete emborrachado fixo; todas possuem brinquedos pedagógicos, prateleiras com brinquedos, materiais escolares e ventiladores em uso; duas salas – uma da escola particular e a outra da escola pública – possuem televisão, mas sem DVD; os banheiros das duas instituições são adequados ao tamanho das crianças; e, por fim, todas as salas têm as paredes brancas e todas as salas têm atividades da turma expostas.

2.3 – Participantes

Na instituição particular, existem duas turmas de educação infantil: Jardim I e II. E, ambas as professoras se dispuseram a ser entrevistadas. Já na instituição pública, a pesquisadora foi perguntando a cada professora que estava na sala de professores quem aceitaria ser entrevistada. Havia três professoras neste momento. Ela só recebeu uma recusa, pois uma professora não quis ser entrevistada. A pesquisadora não havia realizado trabalho anterior em nenhuma das escolas. Primeiramente, ela tentou realizar as entrevistas em escolas particulares localizadas em Brasília. Devido à dificuldade na realização das entrevistas, pois as escolas encontravam-se encerrando o semestre e as professoras estavam muito ocupadas, a entrevistadora teve que procurar outras instituições de ensino. As coordenadoras das escolas de Valparaíso facilitaram a ocorrência das entrevistas, assim como as professoras.

Como forma de preservar o anonimato das professoras entrevistadas, foram adotados os seguintes codinomes: Prof.^a I, II, III, IV e V.

QUADRO I – Identidade das Participantes

PARTICIPANTES	IDADE
Professora I (Prof. ^a I)	29 anos
Professora II (Prof. ^a II)	33 anos

Professora III (Prof. ^a III)	39 anos
Professora IV (Prof. ^a IV)	43 anos
Professora V (Prof. ^a V)	50 anos

No que se refere à formação profissional, o grupo pesquisado tem a composição constante do Quadro II a seguir:

QUADRO II – Formação das Participantes

Escola	Grupo	Magistério	Pedagogia	Outro Curso	Pós-graduação: Especialização
Privada	Prof. ^a I	Sim (conclusão em 2004)	Sim (conclusão em 2012)	Não	Não
Pública	Prof. ^a II	Não	Sim (conclusão em 2005)	Sim, Geografia (cursando)	Sim, Orientação Educativa (conclusão em 2012)
Privada	Prof. ^a III	Sim (conclusão em 1993)	Sim (irá concluir em 2013)	Não	Não
Pública	Prof. ^a IV	Não	Sim (conclusão em 2006)	Não	Sim, Educação Infantil (conclusão em 2011)
Pública	Prof. ^a V	Sim (conclusão em 1998)	Não	Sim, Letras (conclusão em 2005)	Sim, Linguística Aplicada (cursando)

No Quadro III constam informações sobre a experiência profissional das participantes, bem como a variação em termos de tempo de trabalho docente na educação infantil e fora dela.

QUADRO III – Experiência Profissional das Participantes

-	Prof.^a I	Prof.^a II	Prof.^a III	Prof.^a IV	Prof.^a V	Total
Sempre trabalhou com Ed. Infantil	Sim	Não	Sim	Sim	Não	3 = Sim 2 = Não
Tempo de Trabalho na Ed. Infantil	04 anos	01 ano	11 anos	06 anos	02 anos	Media = 4,8 anos
Turma com que trabalha atualmente	Jardim II	Jardim I	Jardim I	Maternal II	Jardim II	1 Maternal 2 Jardim I 2 Jardim II
Número de crianças na turma	08 crianças	17 crianças	14 crianças	18 crianças	27 crianças	Media = 16,8 crianças
Idade media das crianças	05 anos	04 anos	03 anos	03 anos	05 anos	Media = 04 anos
Tem auxiliar	Não	Sim	Sim	Sim	Não	3 = Sim 2 = Não

2.4 – Instrumentos

Os materiais utilizados para a construção dos dados foram: uma câmera fotográfica, utilizada como gravador, um netbook utilizado para anotações pessoais durante as entrevistas, questionários, folhas de papel em branco para que as

professoras fizessem a planta-baixa de sua sala de aula, caso não estivéssemos dentro dela, e caneta.

2.5 – Procedimentos de Construção dos Dados

As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas onde as professoras lecionam. As duas professoras da escola particular foram entrevistadas em suas salas de aula, na tarde do dia 08 de julho. Duas das três professoras da escola pública foram entrevistadas na sala dos professores, uma pela manhã e a outra pela tarde, ambas no dia 08 de julho. A terceira professora desta instituição foi entrevistada no dia 10 de julho, durante o almoço. O tempo de duração das entrevistas variou entre 20-40 minutos.

Elas foram gravadas em áudio, com a permissão das professoras, para que a transcrição fosse facilitada e que não acarretasse em perda das informações. Ao iniciar as entrevistas foi pedido para que cada professora lesse o termo de consentimento (apêndice 1) e o assinasse, bem como respondesse a um questionário sobre informações de sua identidade, formação e experiência profissional, para que as entrevistas resultassem em análises mais completas (apêndice 2).

Buscando averiguar a forma de condução das entrevistas, decidiu-se, em um primeiro momento, pela realização de um pré-teste de entrevista. Este se deu com uma professora de Jardim II de escola pública, amiga da pesquisadora.

O pré-teste de entrevista mostrou a necessidade de melhora no roteiro (apêndice 3), tanto quanto a sua condução, pois a entrevistadora estava interferindo nas respostas da entrevistada. E, como afirma Oliveira (2007), o entrevistador (a) deve se limitar a ouvir e gravar a fala do (a) entrevistado (a), jamais direcionando respostas ou suscitando dúvidas, como “você quis dizer que...”.

Feito o pré-teste, algumas das entrevistas foram iniciadas com o desenho da planta-baixa da sala de aula das professoras feito por elas mesmas. Assim, o diálogo foi sendo estabelecido tendo como foco a visão delas quanto à relação entre a organização do ambiente e a qualidade na educação infantil, a partir dos indicadores já referidos, criados para os propósitos deste estudo.

2.6 – Procedimentos de Análise dos Dados

As análises foram realizadas a partir dos Indicadores de Qualidade da Organização do Ambiente selecionados para este trabalho, quais são: condições físicas, construção e uso do espaço/ambiente, favorecimento da interação e promoção da autonomia.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 – Sobre os dados dos questionários

Ao se observar o Quadro I, percebe-se que todas as pessoas entrevistadas são do sexo feminino. Na educação infantil, a predominância das mulheres como professoras é um fato. Parafraseando Prado (2013), alguns mitos em torno da mulher como rainha do lar, educadora nata e vinculada ao ambiente doméstico a tornam figura predominantemente importante para educar as crianças em seus primeiros anos de vida.

Esses mitos ainda possuem interferência na realidade brasileira de educação infantil. Assim, de acordo com Prado (2013), é possível compreender o porquê da quase exclusividade da figura feminina em exercer a profissão de educadora da educação infantil e dos anos iniciais.

Conforme mostrado no Quadro II, as duas (40%) professoras da escola particular cursaram o Magistério. No outro grupo, uma (20%) concluiu esse curso. Formada em Pedagogia, tem-se, na escola pública, duas (40%) professoras. Uma (20%) não tem esse curso. Na particular, uma (20%) é formada em Pedagogia e a outra (20%) está concluindo. Na escola pública, uma (20%) professora é formada em Letras e uma (20%) professora está cursando Geografia. No que se refere à especialização, duas (40%) professoras de escola pública são especialistas nas áreas de Educação Infantil e Orientação Educacional e uma (20%), também de escola pública, está cursando sua especialização na área de Linguística Aplicada. Não se questionou o motivo da busca desses cursos. É provável que a motivação seja a melhoria salarial, pois sabe-se que quanto maior o nível de instrução do professor da rede pública de ensino, maior o salário. Outra possibilidade é a oferta de algum tipo de formação continuada como parte da política da Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás. Fazer uma pós-graduação *lato sensu* e/ou *stricto sensu* representa um estímulo à projeção salarial e uma melhora na formação dos alunos das escolas públicas.

A formação de profissionais da educação infantil e as suas condições de trabalho representam fatores importantes da qualidade nesta etapa de ensino.

De acordo com os IQEI,

[...] um dos fatores que mais influem na qualidade da educação é a qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças. Professoras bem formadas, com salários dignos, que contam com o apoio da direção, da coordenação pedagógica e dos demais profissionais – trabalhando em equipe, refletindo e procurando aprimorar constantemente suas práticas – são fundamentais na construção de instituições de educação infantil de qualidade (BRASIL, 2009, p. 52).

A formação específica do professor para a educação infantil é uma necessidade urgente. Ela difere daquela do professor do ensino fundamental. De acordo com Almeida (2009),

[...] ter uma formação específica e tornar-se especialista em Educação Infantil é saber como identificar as fases do desenvolvimento infantil, bem como estimulá-lo. É entender a vulnerabilidade da criança, compreendendo sua necessidade de formação integral e atendê-la de modo que ela cresça, se desenvolva e aprenda (2009, p. 37).

Supõe-se que quanto maior for a qualificação profissional dos professores aliada a salários mais elevados, maior será a motivação para criar e inovar as suas práticas pedagógicas. Desse modo, mais altas serão as chances de proporcionar aos alunos aulas mais interessantes, criativas e dinâmicas. O educador com alto grau de qualificação estará mais apto a enfrentar os desafios em sala de aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e significativo (PRADO, 2013).

Outra informação importante que pode ser extraída ao se observar o Quadro III, diz respeito à razão adulto – criança. Percebe-se que as turmas das professoras IV e V (Prof.^a IV – 18 crianças e Prof.^a V – 27 crianças) encontram-se fora dos padrões apontados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que dispõe que turmas com crianças de 03 anos de idade deve ter a proporção de 01 professor para cada 15 crianças e turmas com crianças de 04 a 06 anos de idade deve ter a proporção de 01 professor para cada 20 crianças.

Este dado nos diz que, por exemplo, a atenção individualizada a cada criança (um dos aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade apontados por Zabalza) fica deficitária devido ao elevado número de crianças por professora. A professora IV possui auxiliar, mas a V não possui. E, dada a relevância da atenção

individualizada na educação infantil, todos os professores precisariam ter um auxiliar.

A seguir, serão analisados os dados obtidos com as entrevistas a partir dos indicadores da organização do ambiente deste trabalho.

3.2 – Condições Físicas

3.2.1 – Ventilação e limpeza

A preocupação com a ventilação na sala de aula foi evidenciada na fala de todas as professoras em maior ou menor grau. Destaca-se a fala da professora IV que, ao contrário das demais, já descreve que sua sala de aula possui janelas e ventiladores. E, acrescenta falando que devido ao elevado número de crianças dentro da sala, faz-se necessário que o ambiente seja ventilado para evitar, por exemplo, que as crianças fiquem gripadas.

Prof.^a IV: *“A gente deixa essa janela aberta. A gente sempre deixa aberta, porque é muita criança, né? É muita criança respirando, né? Tem que ter a circulação, porque como eles são muito pequenos, aí é muita criança gripada e eles respiram e aquela coisa. Aí tem que arejar, né? Deixa a porta um pouco aberta também, né? Para o ar entrar mais, né? E aqui de manhã é bem ventilado e também venta bastante”*.

Essa professora apresenta uma concepção mais elaborada sobre o quesito ventilação, não se restringindo em falar que a sala tem janela e ventilador. Isso é evidenciado nos Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006a, p. 24). Neste documento, consta que *“os ambientes devem ser bem ventilados visando ao conforto térmico e à salubridade, proporcionando renovação do ar para evitar a proliferação de focos de doenças (alergias respiratórias, por exemplo)”*.

No que diz respeito à limpeza do espaço físico, a professora I não mencionou sobre uma limpeza diária da sala de aula, mas fala que na hora do lanche os alunos limpam a sujeira que fazem (atitude também relatada pela professora IV). Esse hábito que as professoras cultivam cotidianamente com seus alunos torna a sala de aula um espaço de identidade, em que as crianças se reconhecem ali, conservando-

o. Além disso, influencia no desenvolvimento da autonomia das crianças, pois são capazes de limpar a própria sujeira.

3.2.2 – Acesso aos materiais e objetos da sala de aula e adequação dos mobiliários às crianças

Em relação aos banheiros, todas as professoras dizem que eles são adequados ao tamanho das crianças. Como os banheiros também são um espaço de aprendizagem para as crianças pequenas, é importante destacar que “a autonomia das crianças vai estar relacionada à adaptação dos equipamentos às suas proporções e alcance” (BRASIL, 2006a, p. 30).

Percebe-se que todas as professoras restringem o acesso das crianças aos objetos e materiais da sala de aula. Elas variam em grau de restrição de acesso. Uma proíbe que os alunos peguem o álcool em gel, por exemplo, como é o caso da professora IV. Outra não deixa que peguem materiais como canetinha (Prof.^a III). Jogos e brinquedos pedagógicos também ficam fora do alcance das crianças, como pode ser visto na fala da professora IV:

“Aqui a gente tem muito brinquedo. [...] aqui o espaço é pequeno, né? Como você tá vendo aqui. Aqui até com alunos já é meio complicado, não é? Aí se deixar tudo aqui no chão tira a atenção deles também, não é? Porque, às vezes, é o momento da atividade e eles querem brincar, né? Aí deixando ali já tira mais o foco. Quando é o momento de eles brincarem, a gente deixa esses baldes em cima das mesas deles, né ou afasta as mesas e coloco os baldes aqui no chão”.

A sala de aula é um espaço pulsante no qual a convivência se constrói na rotina e no desenvolvimento das diferentes atividades propostas. É necessário que seja organizada de modo a potencializar a aprendizagem de todos e para construir uma identidade positiva de estudantes que pensam e constroem saberes. Sendo assim, a atitude relatada acima, evidencia que a professora IV não leva em conta os desejos e necessidades da criança. Ou seja, essa prática pedagógica é centrada no adulto e, não na criança.

Todas as professoras disseram ou foi constatado pela entrevistadora que a sala possui mesas e cadeiras adequadas ao tamanho das crianças. E, de acordo

com os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006a. p. 28), “a adaptação do mobiliário, dos equipamentos e do próprio espaço à escala da criança permite uma maior autonomia e independência, favorecendo o processo de desenvolvimento a partir de sua interação com o meio físico”.

3.2.3 – Sala de aula, equipamentos e espaços externos

Neste tópico, é importante destacar que, em geral, as salas de aula de todas as professoras entrevistadas possuem equipamentos e espaços externos semelhantes, embora uma seja instituição pública e a outra, privada.

As salas das professoras I e III possuem tapete que fica desmontado. Ele é utilizado para rodas de conversa, para contação de histórias, para assistirem filme, para brincarem, etc. As demais professoras não possuem tapete e, quando necessário, ficam no chão. Todas as professoras entrevistadas possuem sala com ventilador, materiais de uso coletivo, jogos e brinquedos pedagógicos, estantes e armários, pelo menos dois murais, entre outras coisas. Somente a professora III possui mesa com filtro e copos. As demais fazem uso de uma jarra e copos e estimulam seus alunos a fazer uso da garrafinha. Todas as escolas possuem filtro externo à sala de aula. As salas das professoras I, III e IV possuem televisão. O DVD da sala da professora IV está estragado. A professora I faz uso do calendário e chamadinha. As professoras I e III não dividem suas salas com outras professoras. As demais dividem. As professoras I, II, III e IV expõem as atividades dos alunos em murais. A professora I assim diz:

“E eu sempre exponho os trabalhos deles. Eles ficam entusiasmados com isso. É uma forma de incentivar os alunos, de eles capricharem quando vão fazer as atividades. Os pais deles também gostam”.

As paredes revelam sobre o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, na medida em que comunicam, por meio dos diversos materiais expostos, o que está sendo realizado ali. Sendo assim, é importante qualquer pessoa reconheça e identifique a sala de aula, assim como outros espaços da instituição, como um ambiente ocupado por um grupo de aprendizes. Esta questão auxilia as crianças na construção da noção de pertencimento e identificação com o lugar.

Realizar exposições e apresentar os trabalhos das crianças é uma maneira de valorizar suas produções e também o trabalho do professor. Eventos promovem a interação entre alunos de várias turmas, aproximam professores e valorizam a identidade das crianças e da escola.

As professoras I e II mencionam o canto da leitura ou mural da leitura. Este, de acordo com elas, é um espaço que elas utilizam para contar histórias. Elas mencionam, também, que ao se proceder à contação de histórias, é necessário que se faça um roteiro com perguntas sobre as histórias para que as crianças respondam. Esse é um momento onde as crianças exercitam a escuta, prestam atenção, trabalham o entendimento e apreensão da história e, podem trabalhar o desenho, bem como o faz-de-conta tendo como base a história contada, entre outras coisas.

O espaço destinado à leitura no ambiente escolar é de suma importância. Representa um valor da instituição e, mesmo que a escola não possua uma biblioteca, outras soluções – como salas de leitura, cantos de leitura nas salas de aula ou na entrada da escola, caixas de livros, biblioteca ambulante, entre outros – podem ser implantadas com esse objetivo.

Apesar de nenhuma das duas escolas possuírem biblioteca, os outros espaços escolares destinados à leitura precisam, de fato, serem organizados de forma a oferecer permanentemente propostas que cultivem o hábito de ler.

A sala de aula da professora IV possui um espelho quebrado. Ela fala que as crianças adoram dançar e fazer careta em frente dele. Mas, para evitar a ocorrência de algum acidente, ela não deixa que cheguem perto do espelho. Neste sentido, a segurança precisa ser levada em consideração, pois as crianças devem, cada vez mais, apropriar-se do ambiente. A sala de aula e outros espaços de brincadeira deverão oferecer segurança, sem serem limitadores das possibilidades de exploração do universo infantil (BRASIL, 2006a).

O espaço físico da sala de aula da professora IV é pequeno. Segundo ela:

“Fica ruim para transitar. [...] Bem em cima desse negócio (tem uma prateleira embaixo). Aqui é tudo muito improvisado (risos). Aí nós vamos colocar, tipo um... Como se fosse um cabideiro. A diretora disse que vai ser ali, oh (aponta). Puxa as mesas mais pra cá. Vai ficar menos espaço ainda. O que eu gostaria mesmo é que

eles fossem trocados de sala, porque têm salas ali do outro lado que tem quantidade inferior de alunos e a sala é maior. Já a sala aqui têm muito aluno pra pouco espaço. [...] a gente puxa a mesa aqui e coloca o colchonete no chão. Aqui é tudo muito improvisado, entende. Deixa ali no cantinho. Aí é só pedir pras crianças: “Oh... A coleguinha tá dormindo. Não pode fazer barulho, não! Não pode incomodar!”. E eles atendem. Aí dormem aqui na sala, porque toda a responsabilidade é nossa, né? Se tiver que levar pro parquinho e ainda tiver dormindo, a monitora fica aqui olhando, cuidando”.

Por meio deste relato, percebe-se que o tamanho da sala é incompatível com a quantidade de alunos. E, “*é importante que a organização do layout permita uma circulação adequada das professoras entre as mesas e a livre movimentação das crianças no ambiente*” (BRASIL, 2006a, p. 29). Devido à limitação espacial da sala, algumas coisas têm de ser “improvisadas” e isso dificulta o trabalho pedagógico da professora.

A professora IV menciona a instalação de um cabideiro em seu relato. Neste cabideiro, as mochilas e lancheiras das crianças poderão ser penduradas. Estes materiais trazidos diariamente necessitam de espaço para ser acomodados na sala. É importante que os alunos tenham livre acesso a seus pertences, pois isso revela respeito e cuidado com o que é de sua propriedade e com o que é dos colegas. Caso a sala não tenha um lugar específico para as mochilas, pode-se instalar prateleiras nas paredes ou suportes em um canto da sala. A organização dos pertences dos alunos facilita o movimento deles pela classe e a conservação dos materiais.

Outro aspecto importante diz respeito à decoração da sala de aula. As professoras IV e V destacam isto em suas falas:

Prof.^a IV: “Bom, você está vendo que é tudo enfeitadinho, mas agora a gente vai trocar tudo. Vai colocar uns móveis aqui no teto. Tão dizendo que vai ser da galinha pintadinha. Aí os murais vão combinar com os móveis”.

Prof.^a V: “[...] a sala é enfeitada com todo o material pedagógico”.

Os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006a) versam sobre esta questão:

As cores têm importância fundamental para os ambientes destinados à educação da primeira infância, pois reforçam o caráter lúdico, despertando os sentidos e a criatividade. O uso da cor, além do papel estimulante ao desenvolvimento infantil, pode ser também um instrumento eficaz de comunicação visual, identificando ambientes e setores (BRASIL, 2006a, p. 30).

Entretanto, mais que ser um ambiente colorido e com enfeites bonitos, o ambiente da sala de aula deve conter as atividades realizadas pelas crianças. Como dito anteriormente, estas questões permitem que a criança sinta-se parte daquele ambiente, se reconheça ali. Então, o conjunto dessas coisas – ser colorido, enfeitado, decorado e com atividades das crianças – torna o ambiente atrativo, acolhedor e aconchegante para as crianças. Estas variáveis são muito importantes no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil.

As professoras III e IV argumentam falando que a sala de aula não é lugar para correr, porque os alunos podem se machucar. Ao falarem isso, não percebem que *“são imprescindíveis as áreas de movimento, já que as necessidades de movimento, sobretudo para alguns meninos e meninas, não podem se limitar somente aos momentos de pátio”* (PANIAGUA E PALACIOS, 2007, p. 161).

A escola onde as professoras I e III trabalham não possui brinquedoteca. As demais professoras contam com esse espaço, mas não podem estar fazendo uso contínuo do mesmo, como pode ser visto pelo relato da professora IV:

“A brinquedoteca é bastante utilizada como sala de recurso para os alunos especiais. Tudo que tem lá, a gente tem aqui. [...] Lá, como sala de recurso, é muito utilizada. Aqui a gente tem muito aluno especial, sabe. E, todo dia a professora de lá pega um desses alunos e fica meia hora, né?”.

Isso demonstra que um espaço diferenciado como a brinquedoteca perde a sua utilidade. Por mais que seja importante que os alunos com necessidades educacionais especiais contem com a sala de recursos, esta não pode suprimir outro espaço também importante como a brinquedoteca a todos os alunos da instituição.

Todas as escolas contam com o parquinho e com o pátio coberto. Mas, nenhuma das professoras argumenta sobre a importância que o pátio tem para as

crianças, como ser ele, um local de convivência, onde as crianças possam interagir mais livremente umas com as outras e brincar de forma menos diretiva.

Por fim, a professora IV faz referência a um espaço onde as crianças possam ser atendidas quando estão doentes ou quando se machucam. Ela argumenta:

“Sabe como é menino de maternal. Às vezes, vêm uns doentinhos pra escola ou com medicação pra gente dar. E mãe fala quando vem deixar: “Eu trouxe o meu filho, mas tal hora ele tem que tomar medicação”. Eu falo: “Olha, mãezinha. O certo é deixar em casa e tomar a medicação, porque aqui na escola a gente não pode dar nada”. Você sabe que isso é proibido, né? Isso aí não existe. Tem mãe que acha que a gente pode dar remédio. Só em colégios que tem enfermaria e com pessoas habilitadas a isso. Pena que aqui não é o nosso caso, né? Muito bom. É o sonho, né?”.

Em geral, a escola desconhece o histórico de saúde do aluno. Ou seja, o professor que o acompanha dificilmente saberá indicar se ele é alérgico a algum tipo de medicamento ou se apresenta doenças crônicas que inviabilizariam o uso daquela substância. Neste sentido, para resguardar a saúde dos alunos, o ideal é que as creches e escolas contem com uma equipe de saúde que se responsabilize tecnicamente por eles nessas situações. Neste sentido, é muito importante que professores não se responsabilizem pela administração de uma medicação sem receita.

3.2.4 – Arranjos espaciais

A sala de aula é um dos ambientes mais privilegiados para assegurar a aprendizagem e a construção da identidade das crianças. Assim, a forma como os móveis são organizados revela o modo como o professor entende a relação dos alunos com a aprendizagem e a construção de valores, tais como a interação com os pares, as trocas para a busca do conhecimento, e o respeito e a consideração pelo saber do outro colega, não somente do professor como único informante para a aprendizagem.

Em geral, as professoras trabalham com grupos e todas procedem a rodízios. A professora I trabalha com três trios e uma dupla. A professora II trabalha com

quatro grupos de quatro crianças. A professora III dividi a sala em dois grupos: um com as crianças de dois anos e o outro com as do Jardim I. Já a sala da professora IV fica dividida em dois grandes grupos. Por fim, a professora V trabalha com duplas formadas por um menino e uma menina.

Todas as professoras dizem não variar com frequência o arranjo espacial da sala de aula por diversos motivos, dentre eles está a dificuldade em se trabalhar de modo distinto, a conversa das crianças e a limitação do espaço físico.

Sobre isso, os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006a) nos alerta para o fato de que a configuração do ambiente e o tipo do mobiliário irão compactuar à variedade de arranjos de organização espacial, incentivando a cooperação e reforçando em maior ou menor grau as relações sociais afetivas, ou respondendo à necessidade de atividades individuais, conforme as solicitações do processo educativo. Se não há variação nos arranjos espaciais da sala de aula, os diversos modos de conduzir as atividades – pequenos e grandes grupos, individuais, etc – não poderão ser viabilizados, assim como o incentivo à interação entre pares.

3.3 – Construção e Uso do Espaço/Ambiente

3.3.1 – As rotinas

De acordo com Lino (2007), o estabelecimento de uma rotina diária visa atingir alguns objetivos, como ajudar a criança a compreender o que é tempo, através da sequência de tempos que se repetem sequencialmente, bem como ajudá-la a controlar o seu tempo, sem necessidade de muita intervenção do adulto, dar-lhe a oportunidade de vivenciar distintas interações, sejam elas coetâneas ou com adultos, dar-lhe, ainda, a oportunidade de trabalhar sozinha, em dupla, em pequeno e grande grupo, proporcionar-lhe oportunidades de trabalho em diversos ambientes, entre outras coisas.

Sobre isso, o RECNEI (1998), nos diz que ela é

[...] um instrumento de dinamização da aprendizagem, facilitador das percepções infantis sobre o tempo e o espaço. Uma rotina clara e compreensível para as crianças é fator de segurança. A rotina pode orientar as ações das crianças, assim como dos professores, possibilitando a antecipação das situações que irão acontecer (BRASIL, 1998, p. 73).

Ressalta-se aqui, que somente alguns momentos da rotina das professoras serão mais detalhados por apresentarem questões relevantes a serem discutidas. As rotinas de todas as professoras entrevistadas se assemelham, mas é claro que cada uma delas tem peculiaridades em seus trabalhos pedagógicos e considerações pessoais sobre o processo educativo das crianças. As rotinas, em geral, são assim: acolhida, rodinha, massinha ou lego, 1ª atividade de conteúdo, higienização, lanche, recreio, 2ª atividade de conteúdo e saída.

Todas tem a acolhida com as crianças. Ela acontece primeiramente no pátio com todos os alunos da instituição. A acolhida varia de professora para professora. Quase todas cantam neste momento (prof.^a I,II, III e IV). A professora V faz sua acolhida com o brinquedo e com o abecedário em EVA. Já a professora IV, além de cantar com as crianças, conta histórias.

O tempo de roda – onde “crianças e adultos reúnem-se em grande grupo para cantar canções, conversar, contar histórias, dançar ao som da música ou fazer diferentes ritmos, dramatizar histórias” (LINO, 2007, p. 194) – só é relatado na fala das professoras I e III. A professora I diz que faz roda todos os dias. Já a professora III disse que só faz às vezes, como pode ser visto abaixo:

“Às vezes, faço roda da conversa. Converso com eles. Ficamos todos no chão. Fazemos uma roda. Eu converso. Pego os tapetinhos ali atrás. Aí eu coloco aqui, né? Coloco no chão. Fazemos uma roda da conversa ou a roda do conto de fadas, do faz-de-conta. Aí nós sentamos e contamos. Eu pergunto como foi o dia-a-dia, o final de semana, quando chega a segunda-feira. Eu pergunto como foi o final de semana, se brincaram, o que fizeram, o que aconteceu. Se chegam machucados, eu pergunto o que foi, o que aconteceu, o que fizeram. Aí eles contam o que aconteceu nesse dia-a-dia deles, como passou. Então, é uma acolhida assim, bem calorosa, em que eles conversam, eles falam tudo que eles querem. Esse é o momento de eles se expressarem, para eles contarem como o foi o final de semana deles, porque, às vezes, eles chegam muito acanhados. Aí quando a gente tem esse momento de acolhida, de recepção com as crianças, eles se soltam, conversam. E, às vezes, fica aquele blá, blá, blá, blá, que eles querem falar tudo de uma vez. E aqui são 14 crianças, então você sabe, né? (risos). Pois é... Eu deixo eles falarem, mas tem o

momento de chega, nós já conversamos, porque se deixar eles já levam para outros ramos, para outras áreas. Daí é aquilo, aquilo e pronto. Agora sim, nós já terminamos de conversar, fizemos a acolhida, já cantamos, já conversamos. Aí sim, já vamos para nossa atividade [...]”.

Por meio do relato da professora III foi possível evidenciar um esforço em criar um espaço para o aluno falar. Na perspectiva de uma educação infantil de qualidade, o professor, no desempenho de seu papel, precisa dar atenção especial ao vínculo que estabelece com seus alunos, visto que isso é indispensável para a criação de ambiente de respeito, confiança, acolhimento e segurança. Criar um ambiente assim é considerar a expressão dos sentimentos das crianças, que se dá por meio de suas diferentes formas de representação: a corporal, a gráfica e a fala. O professor tem que compreender a complexidade do real da criança, ou seja, enxergá-la em sua totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural, cósmica, indissociável. Uma das formas efetivas do professor compreender a complexidade do real da criança no ambiente escolar é a atitude da escuta sensível (NUNES, 2009).

Mas o que é ela, afinal? É o modo como o professor percebe e se coloca no lugar de seu aluno, para compreendê-lo melhor. Quando o professor se coloca à disposição de ouvir as crianças, ele dá a oportunidade de elas falarem e se expressarem, podendo enxergá-las em sua totalidade. E, “*entendendo cada aluno e suas diferentes necessidades afetivas, o professor poderá ter um planejamento mais adequado e flexível que contribuirá para a aprendizagem e desenvolvimento integral do aluno*” (PRADO, 2013, p. 39).

Com relação à rotina, a professora I procura utilizar o canto do abecedário, o calendário, a chamadinha e o ajudante do dia (professora IV) todos os dias. Esses recursos contribuem com a apreensão da rotina pelos alunos. A música do abecedário faz com que os alunos se familiarizem com o som das letras através da repetição. O calendário, além de situar os alunos no tempo, ajuda no conhecimento dos números 1 ao 31. A chamadinha é outro recurso que promove a interação entre as crianças, bem como o reconhecimento dos nomes de cada colega. E o ajudante do dia também permite a interação entre coetâneos, mas também, o desenvolvimento da autonomia das crianças, pois se sentem mais competentes em

realizar atividades passadas pelo professor, assim como auxiliam a ele e aos seus colegas no que for preciso e possível durante o dia.

Materiais e/ou instrumentos como a massinha, o lego e o canto de músicas também fazem parte da rotina das professoras entrevistadas. Em relação à massinha, a professora IV nos diz algo importante:

[...] eu dou um palitinho, mas eu não dou a massinha só por dar não. Eu dou a massinha pra... Porque eu já estou trabalhando as vogais. “Vamos tentar fazer a letra ‘A!’”. E eles fazem, porque têm uns que já dão conta, sabe. Aí eu: “Agora vamos fazer cobrinha”. Porque não adianta eu dar um material para eles e deixar lá, né? Eles fazem. Vão fazendo, né? Eles mesmos inventam e falam: “Tia, vou fazer um bonequinho”. Aí eu vou deixando eles usarem a criatividade deles também, né? Então, essa atividade tem dois momentos: um que é mais dirigido e um que eles ficam mais à vontade, mais livres”.

Para essa professora, a massinha é um material polivalente e, que por isso, além de proporcionar momentos de brincadeira livre, pode ser um momento em que as crianças brinquem também, mas de modo dirigido, com intervenção do professor. A massinha também trabalha a coordenação motora fina das crianças. Como se sabe, na coordenação motora fina verifica-se o uso de músculos pequenos, como os das mãos. Por isso que a massinha é um material importante a ser trabalhado na educação infantil, porque possibilita que as crianças aprendam a realizar movimentos mais precisos e delicados, como pegar no lápis, aprendendo a pintar, desenhar e escrever.

A massinha também é utilizada, contudo, no final da aula por algumas professoras, como a I, a III e a IV, por ser, de acordo com elas, uma atividade rápida e que pode ser interrompida. Neste sentido, alguns questionamentos são suscitados: Será mesmo que a massinha é uma atividade que pode ser facilmente interrompida? Ou isso é apenas uma visão das professoras? Quais são as atividades que, na visão das professoras, não podem ser interrompidas? Estas questões denotam, por exemplo, que se as professoras tivessem a escuta sensível com seus alunos, elas saberiam dizer se o momento da massinha representa algo importante para a criança, de modo que possa ou não ser interrompido. Entretanto, o que se pode

afirmar, tendo em vista as falas das professoras, é que elas são o centro de suas práticas pedagógicas.

Elas dizem, ainda, que têm o cuidado em não desenvolver atividades longas e que não possam ser finalizadas no mesmo dia. É neste sentido que se justifica – ao ver delas – o uso da massinha no final da manhã ou tarde escolar, por ser ela, uma atividade rápida e que pode ser interrompida.

Depois da massinha, ainda no início da rotina, quase todas as professoras introduzem o conteúdo, com exceção da professora IV. As professoras I, III e V mencionam trabalhar o conteúdo de forma lúdica. Neste sentido, há que se destacar que a brincadeira deva ser entendida e utilizada, também, como um instrumento facilitador e propiciador da aprendizagem de conteúdos escolares (CAPISTRANO, 2005).

Antes de se proceder à aprendizagem dos conteúdos, a professora III, em sua rotina diária, diz que apresenta o conteúdo por meio de cantos, dramatizações e representações, como pode ser visto:

“Toda aula, assim, é dirigida para o lúdico. Tudo que eu vou fazer, explicar eu utilizo o lúdico. Faço a apresentação através de músicas e dramatizações para que eles assimilem o que eu vou passar para eles. Por exemplo, se for matemática, se for quantidade, canto música, utilizo muitas músicas da Xuxa, que têm quantidade, números, né? Então, eu gosto muito de utilizar a parte do lúdico, porque eles assimilam bem mais facilmente. Cantos, cantigas, eles pegam facilmente através das músicas e dramatizações. Na hora que eles sentam para fazer as tarefas, já está mais fácil para eles entenderem o que eu estou pedindo para eles fazerem na folha, entendeu? Aí quando chega no caderno e no livro, eles já vão fazer o que eu estou pedindo, porque já foi passado antes através dos cantos, representações e dramatizações”.

A postura da professora III reforça a ideia do uso do lúdico no ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. Segundo ela, com essa estratégia, seus alunos se familiarizam mais com o que vai ser ensinado e, assim, não apresentam dificuldades na hora de trabalhar os conteúdos na folha de atividades ou no livro didático. Ainda em relação à aprendizagem dos conteúdos escolares, as professoras

I e III mencionam fazer uso de materiais concretos e diversificados para tornar esse momento do dia mais agradável e menos estressante para as crianças.

No momento da atividade, alguns alunos a terminam antes dos outros. Para aguardarem os demais, as professoras II e III dão brinquedos ou massinha para eles. No entanto, isso não ocorre no caso da professora I, que tem uma visão diferente. Em suas palavras:

“Sabe uma coisa que percebi... A gente aprende, né? Eu sentia que quando a gente tava fazendo a tarefa e eu deixava aquele grupo que terminou antes brincar, daí quem ainda estava fazendo a tarefinha ficava disperso. Ficava sempre prestando atenção no grupo que tava brincando e não conseguia fazer a tarefinha. Então, o que eu faço? Só brinca de massinha quando todo mundo terminar e der tempo”.

A esse respeito, a professora I tem a percepção de que quando tem aluno brincando do lado de um que está fazendo atividade, este fica disperso e perde a concentração. Sabe-se que a concentração é muito importante neste momento da rotina, pois o tempo de trabalho é o mais demorado. Entretanto, como as crianças sabem que só vão brincar de massinha quando todos terminarem, elas não podem fazer a atividade de qualquer jeito para brincarem logo? De qualquer forma, essa atitude não garante que a atividade seja feita da forma que a professora quer. Uma alternativa é ela conversar com as crianças, estabelecer combinados para que elas aprendam que devem fazer a atividade mesmo que os seus colegas estejam brincando por perto.

3.3.2 – Atividades diversificadas

As rotinas de todas as professoras entrevistadas não apresentam muitas atividades diversificadas nem o uso contínuo de outros espaços da instituição escolar. Todas elas afirmam fazer uso do parquinho e do pátio. A brinquedoteca, por exemplo, espaço que existe na escola das professoras II, IV e V não é muito utilizada, porque atende mais aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Todas elas relatam que a sexta-feira é o dia em que os alunos podem trazer brinquedos de casa para brincarem. A professora I diz que contar histórias, levar ao

parquinho (geralmente não vão durante a semana), cinema, entre outras coisas, são as atividades diversificadas que acontecem nas sextas-feiras.

Ainda em relação às atividades diversificadas, a professora III diz que a sexta-feira é o dia da brincadeira livre. A professora IV ressalta a importância da contação de histórias. Ela não prevê apenas um dia para trabalhar isso com eles e, nem um momento específico da sua rotina. Ela relata que todo dia tem história e que a hora de contá-la varia de acordo com o grau de agitação das crianças. Sobre este momento, a professora poderia privilegiar mais a participação da criança, deixar que ela intervenha, faça suas considerações, suas interpretações, mude a história, proponha atividades, proponha outros modos de contá-la, etc.

A professora II diz que trabalha muito a leitura por meio da contação de histórias com os seus alunos, porque, segundo ela,

“Essa idade usa mais a teoria. Eles têm mais a teoria do que a prática. Se você perguntar o alfabeto todinho na teoria eles sabem te dizer do “A” ao “Z”. Os números também, do 1 ao 20. Têm crianças que sabem até o 50. Só não sabem escrever. Aí você vai trabalhar a escrita. Você trabalha a escrita de português e a escrita de matemática. [...] O que mais a gente cobra é o alfabeto, os números e o nome da criança. [...] Aí você trabalha mais a teoria mesmo em sala de aula”.

Sobre isso, há que se destacar que embora esta professora tenha formação em Pedagogia, isso não implica em formação específica. Algumas informações devem ser levadas em conta no caso da formação de professores para atuarem na educação infantil. Ela precisa incluir uma compreensão da criança e do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, suas necessidades, tanto físicas quanto emocionais, os processos de avaliação, o sentido que a brincadeira e o lúdico ocupam nessa fase de desenvolvimento, etc (ALMEIDA, 2009).

Sabe-se ainda que, de acordo com Almeida (2009), essa formação, seja ela inicial ou continuada, precisa contemplar o entendimento das necessidades das crianças dessa faixa etária e como atendê-las de modo adequado. Ela não deve significar uma cópia do modelo da escola de ensino fundamental.

A falta de ênfase quanto à especificidade do professor de educação infantil nos cursos de formação não pode justificar trabalhos pedagógicos pautados na docência das séries iniciais do ensino fundamental.

Falar de professor de educação infantil é diferente de falar do professor das séries iniciais, e isso precisa ser explicitado para que as especificidades do trabalho dos professores junto às crianças de 0 a [5] anos em instituições educativas sejam viabilizadas. (CERISARA *apud* ALMEIDA, 2009, p. 29).

Ou seja, da mesma forma que ocorrem em outros níveis de ensino, a formação específica faz-se imprescindível para que qualquer profissional no âmbito da educação infantil possa desenvolver seu trabalho pedagógico com qualidade.

3.4 – Favorecimento da Interação

Sabe-se que o modo como a sala de aula é organizada privilegia em maior ou menor grau a interação entre coetâneos e destes com o professor. Todas as professoras entrevistadas organizam sua sala de modo que ela tenha mais espaço.

Os alunos da professora I ficam organizados em dois trios e uma dupla. Ela costuma juntar os que têm mais dificuldade com os que têm menos. A professora V também organiza seus alunos visando este propósito. A professora I relata que também pensa na socialização ao organizá-los desta forma, pois sempre muda as crianças de lugar. A professora V diz que sempre trabalha com duplas em que tem um menino e uma menina e que procede a rodízios. Ela diz, também, que não costuma trabalhar com dois grandes grupos, porque fica difícil manter a atenção e concentração das crianças. Já a professora I trabalha com um único grupo quando faz atividades de recorte e colagem. A professora II organiza a sala em quatro grupos de quatro crianças. Ela promove os rodízios nos grupos para haver a socialização, facilitar a inclusão e evitar conversas exageradas. Ao falar da inclusão, a professora diz que procura trabalhar com músicas sobre o tema para que seus alunos aprendam a respeitar e aceitar o aluno especial.

As professoras III e IV trabalham com dois grupos.

Prof.^a I: *“Eu separo eles em dois grupinhos. Eu tenho alunos de dois anos, daí eles ficam todos juntos nessa mesinha aqui que a gente está, porque eles aprendem o mesmo conteúdo. E, a mesa dos outros que são do Jardim I, que tem quatro anos, que são mais adiantados. Ah... E tem colegas que se identificam muito com outros, então eles ficam conversando. Eu to passando algum conteúdo e eles ficam*

conversando, então eu separo. Por exemplo, se essa mesa aqui vai ser a mesa dos alunos de dois anos, aquela mesa fica assim: aqueles que são amigos, mas assim, não conversam tanto. Eu tento separar, porque se ficar junto, eu não consigo dar aula. Assim, minha turma tem os seus momentos de “uuuuuu...” Mas eu consigo controlar. Aí quando eles começam a conversar, eu falo: “Oh... Não falem alto, que a tia está com a voz ruim”. “Silêncio que vocês estão atrapalhando a tia, porque eu to explicando e vocês estão conversando”.

Prof.^a IV: “Eu sempre divido em dois grupos. Cada grupo eu junto duas dessas mesinhas quadradas aqui. Faço isso pela socialização e pelo espaço. Para ganhar mais espaço. Você tá vendo, né? É muito pequeno. [...] é muito importante que seja assim para haver a socialização. E tem uns alunos que se apegam mais a outros. Sempre tem. Aí eu tento trocar eles. Falo: “Vem sentar aqui”. Sem forçar a barra, né? “Vamos trocar aqui com o coleguinha”. “Hoje o coleguinha senta aqui”. Porque eles conversam demais. Eu tenho que usar essa estratégia para eles darem um sossego”.

Por meio da fala das professoras foi possível perceber que elas separam os alunos para evitar conversas fora de hora e, no caso da professora IV, para haver a socialização e o aproveitamento do espaço. Essa questão das “conversas fora de hora” possuem outro lado. As professoras não precisam necessariamente separar as crianças. Quando elas estão em um momento de conversa, ela poderia “parar sua aula” e saber o conteúdo da conversa. Às vezes, as crianças estão conversando sobre questões da aula e, quando a professora toma a atitude de tornar este momento uma roda de conversa, as crianças poderão participar mais deste “momento de conteúdo”. Essa atitude dá à criança a possibilidade de participar ativamente do seu processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais significativo.

Outra questão importante na fala da professora IV pode ser vista:

“Esse momento do brinquedo é importante, para eles interagir, trocar brinquedo com o colega [...]”.

No grupo de brinquedo é dada à criança a oportunidade de interagir e se relacionar com seus pares, além de ser um momento em que há o desenvolvimento

cognitivo da criança. De acordo com Felipe (2005, p. 47), “a necessidade de relacionar apresenta-se como uma peculiaridade especial na infância, em que a criança se desenvolve ao apropriar-se do seu ambiente através das relações estabelecidas no coletivo”. Ou seja, na educação infantil parte considerável do desenvolvimento das crianças se dá a partir das interações entre coetâneos.

Por fim, três das professoras entrevistadas (Prof.^a I, II e III) mencionaram como conseguem ter autoridade e controle sobre as crianças:

Prof.^a I: “Quando se é professor de Educação Infantil, você tem que ter duas características: ter pulso firme, né? E, também, ter aquele momento de abraçar, de carinho, de beijar. Então, o aluno vai saber diferenciar quando é sério, quando é o momento de estar fazendo a tarefinha, de não conversar e quando é o momento da gente brincar. [...] Então, eu acredito nisso. A gente tem que ter essas duas posturas, né? Saber diferenciar os momentos”.

Prof.^a II: “Consigo a disciplina através da amizade, da conquista e do respeito mútuo que a gente estabelece. Na Educação Infantil é preciso que haja muita conversa e respeito”.

Prof.^a III: “Eu gosto muito de brincar com eles. Eu tenho uma ligação, assim: sou professora, tenho autoridade sobre eles como professora, mas também sou assim, tenho um carinho muito especial por todos. Tenho uma relação mais familiar com meus alunos. Eu tento buscar o acolhimento. Eu tenho o papel, assim... Não mãe, porque eu não sou mãe, mas assim, mais carinhosa: a tia! Mais familiar: tia. Pego no colo, abraço, beijo todos eles para não fazer diferenciação, ninguém ficar magoado. Porque tem crianças que dizem: “Ah não. A tia gosta mais daquele ali!”. Eu procuro fazer com os 14 o que eu fiz com 1, entendeu? Então assim, apesar de ser uma sala de aula, onde tem que predominar a autoridade da professora, tem também que predominar o carinho da tia. A tia também está aqui. A tia tem que dar carinho. A tia tem que ouvir. Às vezes, a criança está nervosa e não adianta você brigar com ela, que ela não vai melhorar. Não adianta nada. Você tem que chegar perto dela, conversar com ela, perguntar o motivo, dar carinho, dar atenção. Às vezes, aquilo tudo é para chamar a atenção, chamar a sua percepção para ele, fazendo você perguntar o que está

acontecendo para ele. Aqui é uma sala de aula, mas é um cantinho, onde eles, às vezes, encontram um conforto, um abrigo, um consolo, um aconchego. E, é através dessa relação que eu tenho com eles, de escuta que eu consigo ter autoridade na sala de aula. Não é só falando alto com eles que eu vou conseguir, porque, às vezes, não se consegue nada com o grito. Com o grito não se consegue nada. E, às vezes, no carinho é que se consegue tudo”.

O depoimento da professora IV não se refere à sua autoridade e, nem ao controle sobre as crianças, mas denota a afetividade que tem com seus alunos e amor por sua profissão:

“Eu sou apaixonada pela Educação Infantil (risos). Eu amo. É que nem eu falo: “Gente, não tem coisa melhor do que você fazer aquilo que gosta”. É muito bom. Você chega em casa feliz. Você já vem naquela expectativa pra escola”.

Os quatro depoimentos supracitados evidenciam a questão da afetividade atrelada à busca em se estabelecer uma escuta sensível do professor. É nessa relação professor-criança que precisa estar presente a escuta sensível, porque ela é uma facilitadora do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Quando se tem a escuta sensível, as crianças estão diante de uma professora que as compreendem e que não está ali somente para apontar seus “erros”. Desse modo, é construída a relação empática entre professor e aluno.

A escuta sensível é muito importante, porque *“por meio dela o professor mostra mais sensibilidade e atenção ao perceber e ouvir seu aluno, dando a ele mais segurança e afetividade, o que torna a relação professor-aluno de mais qualidade”* (PRADO, 2013, p. 62).

3.5 – Promoção da Autonomia

É igualmente importante que as crianças tenham a oportunidade de construir sua autonomia. Ambientes propícios ao desenvolvimento e aprendizagem infantil não podem relegar situações em que as crianças possam fazer escolhas, modificar o ambiente, organizá-lo e conservá-lo, desenvolver

atividades individuais, em pequenos grupos ou em um grupo maior, entre outras coisas. As professoras devem atuar de modo a incentivar a busca pela autonomia (BRASIL, 2009).

Em referência às condutas das professoras entrevistadas, citam-se um conjunto de ações que denotam atividades de caráter mais individual, como ter o ajudante do dia (Prof.^a I e IV), realizar a atividade da maneira que as crianças conseguem fazer (Prof.^a II), ir ao banheiro sozinhas (Prof.^a II), sair para beber água ou encher a garrafa (Prof.^a I e II), lavar as mãos (Prof.^a V), colocar os cadernos e livros na estante ou sobre a mesa da professora – ação que tem relação com a adequação dos mobiliários à estatura das crianças (Prof.^a III) e fazer o dever de casa sozinhas, porque a professora se preocupa em explicar a atividade anteriormente.

Outras ações já se referem mais ao quesito fazer escolhas. São elas: escolha do filme nos dias de cineminha (Prof.^a I), escolha da história a ser trabalhada no dia (Prof.^a II e IV) e, por fim, escolha do que e com quem querem brincar (Prof.^a V).

Ações de organização e conservação do ambiente foram identificadas na fala das professoras. Elas se referem à limpeza da sala de aula feita pelas crianças na hora lanche (Prof.^a I) e no ato de guardar todos os brinquedos utilizados após o momento da brincadeira (Prof.^a IV).

Quanto ao mobiliário adequado ao tamanho das crianças, as professoras relataram situações em que elas mesmas poderiam pegar algum material quando autorizados. As professoras II e V disseram que eles têm acesso às prateleiras para pegarem os jogos lúdicos. Em referência a isso, o RECNEI (1998) diz que um

[...] ponto importante a ser ressaltado diz respeito à disposição e organização dos materiais, uma vez que isso pode ser decisivo no uso que as crianças venham a fazer deles. Os brinquedos e demais materiais precisam estar dispostos de forma acessível às crianças, permitindo seu uso autônomo, sua visibilidade, bem como uma organização que possibilite identificar os critérios de ordenação (BRASIL, 1998, p. 71).

Quando as professoras restringem os momentos de uso que as crianças venham a fazer dos brinquedos e materiais pedagógicos, na verdade, o que se percebe é uma atitude não fortalecedora da autonomia das crianças. Ou seja, não há aqui um respeito ao desejo do outro.

Ainda em relação ao mobiliário, a professora II deixou implícito que ele permite que as crianças façam o seu deslocamento.

Prof.^a II: “[...] terminou a massinha, eu coloco música e danço com eles na sala. A gente, eu e a monitora, e eles afastamos as cadeiras. Deixamos um espaço aqui no meio”.

O espaço físico em instituições de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para que isso seja viabilizado, ele deve ser versátil e sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas (BRASIL, 1998).

O último aspecto analisado retrata a atenção individualizada a cada criança. Devido ao reduzido número de alunos que a professora I possui em sala de aula, a ela é possibilitado o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que conte com maiores momentos de atenção individualizada para cada aluno. Isso é fundamental para que a professora conheça melhor as particularidades e necessidades educativas, bem como identifique em cada criança as dificuldades e facilidades de seu desenvolvimento e aprendizagem (PRADO, 2013).

Por meio da atenção individualizada a professora I disse que seus alunos conseguem entender facilmente as atividades que irão realizar. Este aspecto, ao ver da professora, interfere diretamente na competência cognitiva das crianças de sua turma. Mas, como a situação vivenciada por essa professora não representa a total realidade das turmas de educação infantil, Zabalza (2007) nos chama a atenção para a possibilidade de se ter uma atenção individual parcial ou de tempos em tempos com cada criança.

Assim ele diz:

Mesmo que não seja possível manter uma atenção individual permanente, é preciso manter, mesmo que de tempos em tempos, contatos individuais com cada criança. É o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos de ação, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas, de apoiá-la na aquisição de habilidades ou condutas muito específicas, etc (ZABALZA, 2007, p. 53).

Este atendimento dá ao professor a capacidade de tornar a sua intervenção mais adequada às necessidades do desenvolvimento e aprendizagem de cada criança, de forma que esta seja mais significativa.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos da pesquisa aqui relatada evidenciaram que na dinâmica da sala de aula das professoras entrevistadas, vê-se em parte a presença dos Indicadores da Organização do Ambiente propostos neste trabalho.

Os indicadores aqui propostos não foram contemplados integralmente, pois alguns fatores relevantes dentro deles não puderam ser identificados na fala das professoras. São eles: a pouca flexibilização nos arranjos espaciais das salas de aula, quantidade mínima de espaços externos, pouca segurança do espaço físico, a falta de um espaço onde aconteça o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, a restrição ao acesso das crianças a alguns materiais e equipamentos dentro da sala, a desconsideração da opinião da criança no momento de definição do ambiente, um ambiente nada atrativo e estimulante, com muito branco, reduzido número de atividades diversificadas que desafiem as crianças a desenvolverem suas potencialidades, pouco incentivo ao desenvolvimento da autonomia das crianças, reduzidos momentos de incentivo às interações coetâneas e, por fim, um ambiente centrado no adulto.

Estas questões são muito importantes e, sem elas não se pode falar que as instituições onde as professoras lecionam são de qualidade, tendo em vista o tema deste trabalho. Vale ressaltar que como a pesquisa foi realizada a partir do discurso das professoras, faz-se necessário que haja um aprofundamento para verificar se o que foi relatado pode ser comprovado na prática em sala de aula.

Outro ponto evidenciado por meio dos dados obtidos diz respeito à necessidade de uma formação específica – inicial e/ou continuada – das professoras. É imprescindível que o profissional da educação infantil esteja sempre atualizando seus conhecimentos para que possa aperfeiçoar sua prática pedagógica, perceber as necessidades de seus alunos e, assim, os proporcionar uma educação infantil de qualidade.

A busca por uma educação infantil de qualidade não pode negligenciar a organização do ambiente escolar. Ela deve assumir a forma de um recurso pedagógico em si que auxilia o professor a alcançar a qualidade na referida etapa de ensino.

Por fim, não se defende aqui que o ambiente por si só promova o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. É preciso que haja a intencionalidade educativa do professor, que ao organizar esse ambiente, pense em proporcionar situações significativas de aprendizagem às crianças pequenas, permeadas pelo lúdico e que respeitem as especificidades infantis, em que pese, ainda, o desenvolvimento das capacidades afetivas, cognitivas e sociais.

PARTE 3
PERSPECTIVAS FUTURAS

PERSPECTIVAS FUTURAS

Como o tempo passou rápido. Concluir hoje a minha graduação na UnB encerra mais um ciclo da minha vida e dá início a outro. A partir desse momento, pretendo começar uma nova etapa e correr atrás de mais sonhos.

Estou muito ansiosa para receber o meu diploma e assumir minha vaga no concurso de professor temporário da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que já me chamou umas 5 vezes desde fevereiro. Em seguida, estudarei para outros concursos públicos e com muito esforço e dedicação, tenho fé, que conseguirei passar em algum.

Não posso esquecer-me, que durante a caminhada da vida poderão aparecer várias oportunidades de emprego, estudo e mudanças de percurso. Muitos planos e perspectivas existem, agora é necessário um trabalho árduo e contínuo para alcançar esses novos projetos de vida.

Com toda a história que construí na Pedagogia, a única certeza que tenho é a de quero prosseguir os meus estudos no mestrado e no doutorado. As expectativas que tenho são as melhores, mas conscientes. Sei que o salário do professor, seja onde for, é ruim. Com certeza teria e terá que ser muito melhor, mas é isso que eu quero. Não posso afirmar que farei isso ou aquilo, pois seria uma mentira. Nem que lecionarei até me aposentar, pois essa seria outra mentira. A verdade é que estou feliz onde estou. Abri a minha mente para muitas coisas. Hoje sou uma pessoa melhor. Enquanto estiver na educação, farei o possível e, de certa forma, o impossível por ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Amaral. **Formação Profissional Específica no Contexto da Educação Infantil de Qualidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília: 2009. p. 28-31. Disponível em: <http://btdt.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4839>.

Acesso em: 20 de jul. de 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional. 1961.

_____. **Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus**. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1971.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.

_____. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

_____. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2006a.

_____. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, v. 1, 2006b.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1v.

CAPISTRANO, Fabiana Pereira. **O Brincar na Educação Infantil:** concepções e prática do professor. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2005.

CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do Espaço em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). **Educação Infantil:** muitos olhares. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 107-127.

CORRÊA, Bianca Cristina. Considerações sobre Qualidade na Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 85-122, jul. 2003.

DIDONET, Vital. Importância da Educação Infantil. Simpósio Educação Infantil: Construindo o presente. **Anais.** Brasília: UNESCO, 2003. 260 p.

FELIPE, Deise Avelina. **A Organização do Ambiente Escolar e as Necessidades do Desenvolvimento da Criança:** em busca da qualidade na educação infantil. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2005.

FORMOSINHO, Julia Oliveira. Contextualização do Modelo Curricular *HIGH/SCOPE* no Âmbito do “Projeto Infância”. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 141-170.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 229-281.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2007. 119 p.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 192 p.

LINO, Dalila Brito. A Rotina Diária nas Experiências-Chave do Modelo *High/Scope*. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 185-204.

MARIANO, Sangelita Miranda Franco. **Brincadeiras e Jogos na Educação Infantil**: o lúdico e o processo de constituição de sujeitos numa turma de crianças de 4 e 5 anos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Uberlândia, 2009. Disponível em: <http://www.bdttd.ufu.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2568>. Acesso em: 29 jan. 2013.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do Espaço**: contribuições para uma educação infantil de qualidade. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2009. Disponível em: <http://bdttd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4938>. Acesso em: 17 jan. 2013.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta Sensível do Professor**: uma dimensão da qualidade da educação infantil. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2009. Disponível em: <http://bdttd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5872>. Acesso em: 31 jul. 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007. 184 p.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. Apresentação. In: _____. **Educação Infantil: muitos olhares**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-23.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. Os Ambientes de Aprendizagem como Recursos Pedagógicos. In: _____. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 195-203.

PRADO, Natalianne Lemos do. **Afetividade como Fator de Qualidade na Educação Infantil: visão de professores**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2013.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. Organização das atividades da sala de aula. In: _____. **Educação Infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 151-169.

REIS, Lara. **Envolvimento e bem-estar das Crianças: dimensões de qualidade na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2347/1/2011_LaraReis.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2013.

SOUSA, Maria de Fátima G. de. Aprendizagem, Desenvolvimento e Trabalho Pedagógico na Educação Infantil: significados e desafios da qualidade. In: TACCA, Maria Carmen V. R. (org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006. p. 95-127.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 288 p.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Professor (a),

Tenho o prazer de convidar V.S.^a a participar da Pesquisa relativa à visão de professores sobre a Organização do Ambiente na Educação Infantil, sob a responsabilidade da aluna Jéssica Aguiar Rodrigues – 09/0117964, com a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Guerra de Sousa. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista semiestruturada.

Se depois de consentir em sua participação, V.S.^a desistir de continuar participando, tem o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,
fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e por que precisa da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do (a) Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Professora Orientadora

Apêndice 2 – Questionário**1. Identidade**

Sexo: _____ Idade: _____

2. Formação

a. Magistério () Sim () Não. Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia () Sim () Não. Ano de Conclusão: _____

c. Outro curso. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação:

() Especialização. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim () Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? _____

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: _____

g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil?

h. Turma com que trabalha atualmente: _____

i. Número de crianças: _____

j. Faixa Etária: _____

k. Tem auxiliar: () Sim () Não

l. Escola: () Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): _____

Apêndice 3 – Roteiro para Entrevista Semiestruturada**Roteiro para Entrevista Semiestruturada**

1. Pedir que as professoras desenhem a planta-baixa da sala de aula, explicando-a.
2. Apresentação da sala de aula, na perspectiva da professora.
3. Descrever a rotina.
4. Tipo de organização da sala de aula.

ANEXOS

Professora I (Prof.^a I)

1. Identidade

Sexo: **feminino** Idade: **29 anos**

2. Formação

a. Magistério (Sim () Não. Ano de Conclusão: **2004**

b. Pedagogia (Sim () Não. Ano de Conclusão: **2012**

c. Outro curso. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação:

() Especialização. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (Sim () Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? _____

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **04 anos**

g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil? **Afinidade e amor pelas crianças**

h. Turma com que trabalha atualmente: **Jardim II**

i. Número de crianças: **08 crianças**

j. Faixa Etária: **05 anos**

k. Tem auxiliar: () Sim (Não

l. Escola: () Pública (Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso I, Etapa "B"**

ENTREVISTA I

Entrevistadora: Bom, como já estamos em sua sala de aula, você poderia apresentá-la a mim?

Prof.^a I: A sala é bem ventilada. É ótima. Os dois ventiladores funcionam.

Entrevistadora: Você poderia me descrever a sua rotina em sala de aula?

Prof.^a I: Aqui na escola a primeira acolhida é geral, com a oração. É a hora cívica, entendeu? Então, após isso eu trago todos os meus alunos para a sala e aí nós começamos a fazer a nossa rotina. A primeira coisa que eu faço. Eu canto com eles várias musiquinhas, pergunto como foi o dia deles, se alguém tem alguma novidade. Isso em rodinha. Aqui, é por que elas tiraram, mas aqui nós temos...

Entrevistadora: Um tapete?

Prof.^a I: Não é bem um tapete, mas aquele EVA grosso, sabe. Então, eu coloco aqui e faço rodinha. Então, nessa rodinha eu trabalho com eles. Na sexta-feira eu trabalho uma historinha. Toda sexta-feira eu peço que eles escolham uma historinha. Aí eu trabalho essa historinha com eles. Essa semana não por que essa foi a última, mas eu sempre peço que eles desenhem a parte que eles mais gostaram, que eu vou expor. Fica durante uma semana aí exposto.

Entrevistadora: Onde?

Prof.^a I: Aqui. Fica aqui (apontou para o mural dentro da sala). Então assim, eles chegam. Isso na segunda. A rodinha que eu faço é só na segunda-feira e na sexta-feira. Mas o que é rotina? Eu chego, a gente canta, sempre a gente canta, eu trabalho o abecedário com a musiquinha da Xuxa. Todos os dias a gente canta o abecedário da Xuxa. Eu mostrando para eles. Eu canto as vogais. Tem uma musiquinha que eu canto com eles sobre as vogais. Todos os dias eu canto essa musiquinha com eles.

Entrevistadora: E é essa mesma música todos os dias?

Prof.^a I: Todos os dias. Por que eu não mudo? Porque eu trabalho essa musiquinha para eles fixarem o som das vogais, que nessa musiquinha tem e das consoantes, o abecedário que eu quero que eles cantem. Então, eu não posso estar trocando. Sim, por que eu quero que eles memorizem através da musiquinha. Então, eu sempre trabalho essa musiquinha. Eu trabalho o calendário com eles, que eu acho importante, porque além deles saberem, terem uma noção que tem o tempo, sabe. O dia, né? A semana. Tem a data. Eu trabalho também os números. O Jardim II,

eles pedem aqui para você trabalhar até o 20 e com o calendário eles começam a conhecer até o 31 através do calendário, porque eles me falam. Então, eu trabalho o calendário, trabalho também com a chamadinha. No início do ano eu trabalhava com a chamadinha, cantando com eles, aí eu colocava as fichinhas. E, a partir do momento que eu ia cantando com eles, eles iam pegando. Agora, a partir do 2º bimestre, eu trabalho a chamadinha com o ajudante do dia. Todo dia eu tenho o ajudante do dia. E é trabalhado com a ordem alfabética. Aí eles já sabem que o 1º ajudante começa com a letrinha “D”, porque a gente não tem ninguém com a letra “A”. Aí vai a sequência. Quando termina, volta tudo de novo. Então, eu achei uma maneira de trabalhar com eles a sequência, entendeu. E ordem alfabética. Então, é essa a minha rotina: eu coloco a data aqui, tem o meu ajudante. Esse meu ajudante faz tudo que eu peço. Ele entrega tarefinha, ele vai pegar uma água, ele vai dar um recado. Eu trabalho, também, quem vai transmitir o recado, como transmitir, o uso das palavras certas e frases curtas, que nosso repertório pede. Então, essa é a minha rotina com eles.

Entrevistadora: Aham, mas aí depois da chamada tem o que?

Prof.ª I: Depois da chamadinha?

Entrevistadora: Aham.

Prof.ª I: Ah... Depois da chamadinha, calendário, eu escolhi o ajudante, aí eu vou para a aula normal. Porque a minha rotina é essa: cantar o abecedário, cantar as vogais, eu canto também os números, eu canto ‘Mariana’ e canto ‘Os Indiozinhos’. Então, essa é a minha rotina. Eu vou, também, no aniversariante, se tiver. Aí a gente canta os parabéns também, na rotina, que é minha acolhida. Terminei tudo isso, eu já começo a introduzir o meu conteúdo. Aí sempre de forma lúdica. Nós estamos trabalhando a letra “B”, aí eu trago bola, boneca, coisas que começam com a letrinha “B”. Aí depois que a gente trabalha toda essa consoante, a gente trabalha uma atividade que tenha essa consoante. Eles fazem sozinhos. Aí eu pego uma tarefa, fico aqui e explico para todos. E, como são 8 alunos, eu não tenho tanta dificuldade como eu tinha ano passado com 22, que eu tinha que ir de mesa em mesa. Posso dar mais atenção a eles.

Entrevistadora: Ah... E como são 8 alunos, como é que eles ficam? Você utiliza todas essas cadeiras? Como é?

Prof.^a I: Não. Que que eu faço? Sempre eu coloco uma dupla, que não fica todos os dias. Todos os dias eu mudo. Eu coloco três aqui e boto uma duplinha lá, para não ficar tão cheio. E como que eu trabalho também?

Entrevistadora: Ah... Aqui fica três e ali duas?

Prof.^a I: E ali três.

Entrevistadora: Ah... Sim.

Prof.^a I: Entendeu?

Entrevistadora: Aham... Entendi.

Prof.^a I: E como que eu trabalho? Você sabe que nós não temos uma turma homogênea, sabe. Então, eu sempre procuro colocar quem tem mais dificuldade com quem consegue se expressar mais. Aquele tímido com quem é mais solto. E eu não trabalho também com fichas colocadas em mesas. Eu não gosto. Você já viu? Tem turminha que os professores colocam o nomezinho aqui para o aluno já saber o lugar que vai sentar. E, também não há uma socialização, porque ele só senta com aquele coleguinha.

Entrevistadora: Você tem algum momento em que você trabalha de uma forma diferente?

Prof.^a I: Tem na hora de recortar. O recorte e colagem. Então, tem. Eu pego essas três mesas. Eu junto essas três mesas. E aí eu peço que cada um pegue as revistas. Aí eu falo: “Eu quero que vocês peguem uma palavra com a consoante ‘B’”. Como eu tenho 8 alunos, eu posso fazer isso. Com 22 eu não posso fazer isso. Mas com 8 eu trabalho com eles dessa forma. Todos recortam e todo mundo junto cola no caderninho, no livro.

Entrevistadora: Tá... E depois dessa atividade que você disse que faz o que acontece depois?

Prof.^a I: Normalmente é o horário do lanche, certo. Aí tem o lanche. Eles vão lanchar, né? Todo mundo. Vai de um em um lavar as mãos.

Entrevistadora: Onde que eles vão lavar as mãos? Porque na sala ao lado eu vi que tem o banheiro.

Prof.^a I: Os meus vão no próximo banheiro. Eles vão em um banheiro de todos, que vai do Jardim II ao 4^o ano.

Entrevistadora: E como é esse banheiro?

Prof.^a I: Bom... Tem para eles. Tem duas pias grandes e uma pequena. Também o lá, né, de fazer as necessidades fisiológicas. E quem utiliza é só eles. É o mesmo

banheiro, mas tem essa diferenciação. E, após o lanche, eu vou ao meu intervalo e eles vão brincar.

Entrevistadora: E quando você vai para o seu intervalo como é que fica?

Prof.^a I: Vem uma monitora. Até o Jardim II eles não saem. O intervalo é dentro de sala de aula até o Jardim II. Aí é o momento que eles vão brincar, que eles utilizam os brinquedos daqui.

Entrevistadora: E onde ficam esses brinquedos?

Prof.^a I: Aqui. E dentro do meu armário.

Entrevistadora: Aquele armário fica trancado?

Prof.^a I: Isso. Fica trancado. Só aquele que eles podem pegar. São brinquedos de encaixe. Já esse aqui eu que tenho que dar. Tem o dominó. São peças menores, por isso eu deixo guardado. Tem cartas também. Esse tempo é a monitora que fica com eles. Daí, eles podem brincar mais livremente com os brinquedos de encaixe. Quando eu volto, eu levo eles para escovar os dentes.

Entrevistadora: E como você faz isso?

Prof.^a I: Eu levo todos de uma vez. Até com 22 alunos eu sempre levei de uma vez. Nunca tive dificuldade. É uma rotina. Aí quando a gente volta, eu trabalho outro conteúdo com eles ou levo ao pátio. Lá, a gente brinca de pescaria das letras, boliche.

Entrevistadora: E você utiliza outro espaço da escola?

Prof.^a I: Sim, o parquinho.

Entrevistadora: E quando você o utiliza? É todo dia?

Prof.^a I: Não. Eu não utilizo todos os dias. O normal é na sexta-feira, que eles têm o horário mesmo da recreação. Então, eu utilizo esse horário para eles irem ao parquinho. Eu sempre levo na sexta-feira, porque eu já conversei com eles. O dia de trazer o brinquedo é na sexta-feira também, porque não é todos os dias. Então, eles já sabem automaticamente que é na sexta-feira o dia de trazer o brinquedo. Outra coisa que eu faço... Eu tenho o momento do cineminha, que eu falo com eles. Eu peço para trazer o filme. Eu fecho aqui tudo com TNT para ficar bem escurinho.

Entrevistadora: E eles assistem onde? Pela aquela TV ali?

Prof.^a I: Não. Tem o SOE (Serviço de Orientação Educacional), sabe. Eles trazem para a gente a televisão grande com o DVD e eu coloco aqui.

Entrevistadora: E onde eles ficam?

Prof.^a I: Eu afasto as mesas, coloco o TNT e peço que eles tragam almofadinhas também e cada um traz. Alguém traz a pipoca. Normalmente são 4 que trazem e mais 3 o refri. E, eu me responsabilizo pela outra parte, que são os copos que eles vão utilizar, as vasilhas, sabe. E, eu elejo também 1 para trazer o filme: uma menina e um menino.

Entrevistadora: Ah... Então, são dois filmes que você passa no dia?

Prof.^a I: Não. Não são dois filmes. Por que eu peço? Porque, às vezes, um não traz, aí eu tenho que ter uma segunda opção.

Entrevistadora: E esse momento do cineminha é em qual dia?

Prof.^a I: É na sexta. Tudo diferenciado é na sexta-feira. Tudo que eu faço, oh... Piquenique, é... Cineminha, né? Ir ao parquinho para a gente ficar com brincadeiras livres aqui nesse espaço ou na quadra coberta, eu sempre utilizo na sexta-feira. Tudo isso de diferente eu faço na sexta para não confundir a cabeça deles. Mas isso não significa que fica de segunda a quinta só dentro de sala de aula. É o que eu falo, sempre nas minhas aulas eu levo eles para o pátio. Eu faço isso para eles não ficarem só nessa rotina de sala de aula.

Entrevistadora: Você divide sua sala de aula com algum outro professor?

Prof.^a I: Não. Ela é só minha. Eu não tenho problemas, por exemplo, com ela ficar suja. Por falar nisso, quando eles estão lanchando, se eles derramam alguma coisa no chão, que não fica muito sujo, eu falo para eles irem ao banheiro pegar papel toalha e limparem o chão. E, se for, tipo uma *pitchula* inteira, eu paro ali na porta, espero alguém passar e peço pra chamar a tia da limpeza, porque eu não posso deixar eles sozinhos.

Entrevistadora: Ah... Ali é massinha?

Prof.^a I: Aham. Eu trabalho com ela para a coordenação motora fina deles. É uma atividade dirigida. Eu passo no final do horário. Como eu tenho 8 alunos, eles terminam a atividade muito rápido. Não tem muito aquilo de um terminar a atividade muito mais rápido que o outro. Sabe uma coisa que percebi... A gente aprende, né? Eu sentia que quando a gente tava fazendo a tarefa e eu deixava aquele grupo que terminou antes brincar, daí quem ainda estava fazendo a tarefinha ficava disperso. Ficava sempre prestando atenção no grupo que tava brincando e não conseguia fazer a tarefinha. Então, o que eu faço? Só brinca de massinha quando todo mundo terminar e der tempo. Ou seja, eu planejei aquela atividade para tal horário, mas todo mundo terminou rápido. Isso no final do horário. Eu não dou massinha de 1º a

3º horário. É sempre no final da aula. Faltando 10 minutos eles podem brincar. Ou então eu gosto de brincar daquela brincadeira, “Eu desenho e vocês têm que adivinhar o que é”. Com a massinha eu também peço que façam alguma coisa, tipo a letrinha “E”. Uma brincadeira dirigida em que eu também arranjei um jeito de trabalhar a coordenação motora deles.

Entrevistadora: E quando eles precisam beber água? Na outra sala eu vi que tem bebedouro e aqui não tem.

Prof.^a I: Na verdade, eles trazem a garrafinha. Quando seca a garrafinha e, como eles têm 5 anos, eu peço que eles vão ao bebedouro. É bem pertinho. Eles mesmos vão lá e enchem. Às vezes, eles não conseguem fechar a garrafinha e o trabalho que eu tenho é só de fechar a garrafinha mesmo.

Entrevistadora: Outra coisa que eu ia te perguntar... Você tem tapete? Costuma trabalhar no chão?

Prof.^a I: Bom... Quando eu to trabalhando com fichas silábicas, a gente senta no chão. A gente faz rodinha. Aí eu espalho as fichas, peço para eles formarem uma sílaba e eles começam a procurar. Ah... E eu sempre exponho os trabalhinhos deles. Eles ficam entusiasmados com isso. É uma forma de incentivar os alunos, de eles capricharem quando vão fazer as atividades. Os pais deles também gostam. Eu coloco nesses três lugares (aponta). Ah... Aqui é o meu cantinho da leitura. Eu coloco aqui os tapetes e a gente senta.

Entrevistadora: Hum... E nesse armário aqui fica o que?

Prof.^a I: Na verdade, aqui ficam o meus jogos pedagógicos mesmo.

Entrevistadora: E naquelas prateleiras baixas ali?

Prof.^a I: Ali eles colocam as mochilas e lancheiras deles. Ah... E as garrafinhas com água.

Entrevistadora: E assim... Você tem controle sobre sua turma? Como você consegue, se tiver?

Prof.^a I: Eu acredito assim. Quando se é professor de Educação Infantil, você tem que ter duas características: ter pulso firme, né? E, também, ter aquele momento de abraçar, de carinho, de beijar. Então, o aluno vai saber diferenciar quando é sério, quando é o momento de estar fazendo a tarefinha, de não conversar e quando é o momento da gente brincar. Uma coisa que eu também acho importante é o estabelecimento de combinados, onde tem a plaquinhas: o que eu posso e o que eu não posso fazer. Então, isso é uma forma de respeito e da gente controlar eles.

Porque, automaticamente, um já vira para o outro e fala: “Não pode. Olha ali, oh! A tia já falou que não pode conversar quando alguém vem conversar com ela. A tia já falou que não pode ficar rabiscando a tarefinha, porque é combinado”. Aí eu explico para eles o que é combinado, qual a forma que a gente trabalha. Então, eu acredito nisso. A gente tem que ter essas duas posturas, né? Saber diferenciar os momentos.

Professora II (Prof.ª II)**1. Identidade**

Sexo: **feminino** Idade: **33 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim (**X**) Não. Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia (**X**) Sim () Não. Ano de Conclusão: **2005**

c. Outro curso. Qual: **Geografia** Ano de Conclusão: **cursando**

c. Pós-Graduação:

(**X**) Especialização. Área: **Orientação Educacional** Ano de Conclusão: **2012**

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim (**X**) Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? **1º e 2º Ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio**

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **01 ano**

g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil? **Pela experiência e pela oportunidade de trabalhar numa sala inclusiva**

h. Turma com que trabalha atualmente: **Jardim I**

i. Número de crianças: **17 crianças**

j. Faixa Etária: **04 anos**

k. Tem auxiliar: (**X**) Sim () Não

l. Escola: (**X**) Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso I, Etapa "D"**

ENTREVISTA II

Entrevistadora: Como eu não conheço a sua sala de aula, eu te dei essa folha por que eu quero que você faça a planta-baixa dela para mim, desenhando tudo que tem nela. Você se importaria de fazer isso?

Prof.^a II: Aqui é a janela. Aí aqui tem a porta. Aí você entra aqui, oh... E tem a janelinha lá dentro. Do lado da porta a janela grande e mais duas pequenas ao fundo. Aí nessa janela grande fica a minha mesa. De frente à porta. No meio da sala tem as mesas dos alunos. São mesas grandes, quadradas com quatro cadeiras. Aí aqui tem um mural, outro mural e o quadro branco. E, aqui perto da janela tem mais dois murais. Do lado de fora da sala tem mais dois murais. Eu uso o mural de acordo com as datas comemorativas ou eu uso o mural para alguma atividade que eu queira colocar. E dentro são murais. Aqui tem o alfabeto. Aqui no quadro todinho e do lado tem o mural com os números. Essa idade usa mais a teoria. Eles têm mais a teoria do que a prática. Se você perguntar o alfabeto todinho na teoria eles sabem te dizer do “A” ao “Z”. Os números também, do 1 ao 20. Têm crianças que sabem até o 50. Só não sabem escrever. Aí você vai trabalhar a escrita. Você trabalha a escrita de português e a escrita de matemática. E, nas outras matérias você trabalha estudos sociais. Junta as três. É uma interdisciplinaridade entre as três matérias. Aí você estuda higiene, natureza, sociedade, tudo numa matéria só. Sem muita cobrança. O que mais a gente cobra é o alfabeto, os números e o nome da criança.

Entrevistadora: E nesses murais aqui? O que costuma ter nesses murais aqui?

Prof.^a II: Nesse são os números com natureza. Sempre a gente representa com natureza, que é a observação, né? E nesse aqui tem o mural da leitura, porque a gente faz muita leitura com eles e interpretação oral. Você conta uma história e pergunta para eles quem são os personagens, o que a história tá dizendo. Eles sabem responder tudinho oralmente. Só não sabem escrever, né? Então, é o mural da leitura aqui. Aí toda quinta-feira a gente faz uma leitura, eles escolhem um livro e depois você faz perguntas sobre o livro. Várias perguntas. Monta um texto, um questionário, vai perguntando e eles vão te respondendo. E eles respondem muito bem como se soubessem até escrever. Aí você trabalha mais a teoria mesmo em sala de aula. Aí aqui na porta tem o número da sala, Jardim I “C”. Nesse outro mural é o aniversário. São os aniversariantes. E aqui são as vogais minúsculas.

Entrevistadora: E nesse mural externo?

Prof.^a II: São atividades lúdicas. Tudo que eles fazem eu coloco aqui. Eu divido esse mural com a professora do Jardim I “A”.

Entrevistadora: Então, você dividi a sua sala?

Prof.^a II: Aham.

Entrevistadora: Tem armário na sua sala?

Prof.^a II: Ah... Eu até esqueci de colocar aqui. Bem aqui perto tem um armário grande. Aqui também tem uma prateleira, onde a gente coloca vários jogos. Jogos lúdicos. Brinquedos para aprender cores, brinquedos para aprender coordenação motora. Você tem que trabalhar coordenação motora com eles. Por enquanto, eles só têm que aprender como segurar no lápis, como conseguir fazer os traços. Mas muitos já sabem escrever até seu próprio nome sozinho.

Entrevistadora: E esse armário aqui? O que guarda?

Prof.^a II: Material escolar deles. Tudo que eles trazem: caderno, pasta.

Entrevistadora: Eles têm livro?

Prof.^a II: Não. Eles só têm atividades que eu mesma elaboro. Eles têm dois cadernos: um de casa e um de sala. Tem o portfólio que guarda todas as atividades melhores do ano e tem a pastinha que manda as atividades mensais, de acordo com o bimestre. Cada bimestre a gente manda uma pastinha. São quatro pastinhas no ano. E, o resto fica massinha para você trabalhar coordenação motora com eles.

Entrevistadora: E esse armário fica trancado?

Prof.^a II: Fica. Aí tem uma chave para mim e para a outra professora. Só eu e a monitora que mexemos. As crianças não mexem aí. Eles só têm acesso às prateleiras, que ficam os brinquedos deles.

Entrevistadora: E como é a sua rotina em sala de aula?

Prof.^a II: Eles entram na sala e a gente canta. Aí canta com eles. Para começar a aula, para esperar os outros chegarem eu dou massinha para eles para trabalhar a coordenação motora, que muitos não têm nem força na mão para apertar. Eles são novinhos. Têm 3, 4 anos, aí eu dou massinha. Aí terminou a massinha, eu coloco música e danço com eles na sala. Eles gostam de dançar e eles aprendem a letra muito rápido. Qualquer música.

Entrevistadora: Nesse primeiro momento, que é a massinha, eu acredito que eles fiquem na mesa. E quanto à música. Como é que eles ficam?

Prof.^a II: A gente, eu e a monitora, e eles afastamos as cadeiras. Deixamos um espaço aqui no meio. Trabalhamos a coordenação motora deles também com a música: em cima, embaixo, deitado, de pé.

Entrevistadora: Tem um tapete para eles ficarem?

Prof.^a II: Não. Só no chão. Aí a gente brinca com eles ali e ensina direita, esquerda, embaixo, grande, pequeno, gordo, magro. Vai trabalhando a musiquinha. E, também tem música que eu coloco todo dia uma, porque quando você tem uma sala com inclusão, muitos alunos não aceitam. Até os próprios pais, né? Aí você tem que trabalhar músicas de inclusão para falar que aquela criança é especial. Você tem que gostar dele como você gosta dos outros.

Entrevistadora: Aí depois desse momento da massinha é o da música?

Prof.^a II: Isso. Dura, mais ou menos, meia hora, quarenta minutos para esperar os alunos chegarem. Eles têm, mais ou menos, quinze minutos de tolerância. Aí a gente vai esperando eles chegarem. Quando chegam todos, que termina com essa parte, aí a gente começa com a atividade. Aí a atividade sempre tem que ser trabalhada com lápis de cor, cola colorida, tinta guache, EVA cortado. A gente trabalha com papel crepom picado. Tem sempre que ter um material. Barbante. Fica tudo dentro do meu armário.

Entrevistadora: Eles pegam algum desses materiais?

Prof.^a II: Não. Eles pegam só o que eu deixo em cima da mesa para cada um mexer. Eles só podem estar manuseando as coisas deles. O que eles trazem de casa, o estojo, a lancheirinha e o kit de escovação. O resto eu tiro do armário e dou para eles. Aí na hora de trabalhar, eles trabalham sozinhos. A atividade é feita do jeito que eles conseguem fazer.

Entrevistadora: Você não tem auxiliar, né?

Prof.^a II: Tenho. É a minha monitora, mas a monitora é para a inclusão. Ela auxilia mais os inclusos, mas ela cuida dos outros também.

Entrevistadora: Eles têm o que mesmo?

Prof.^a II: É um TDAH e um Síndrome de Down.

Entrevistadora: Tá... E depois desse momento da atividade, o que vem depois?

Prof.^a II: Aí eles lancham, porque eles demoram bastante para fazer a atividade. Eu tenho que esperar o horário de cada um.

Entrevistadora: Acontece de um terminar antes do outro. O que você faz?

Prof.^a II: Aí eles brincam com o brinquedo. Eu dou o brinquedo dessa prateleira aqui. E dá para você trabalhar cores e, também, tem um que dá para você trabalhar a coordenação motora, colocando um em cima do outro sem deixar cair, reto. Aí eu coloco para eles brincarem, enquanto espera os outros terminar. Aí quando todos terminam, é a hora do brinquedo mesmo só deles. Brincadeiras só deles, livre. Eu não me meto. É brincadeira livre. Eu deixo ali quinze minutinhos. Aí o lanche chega e eles vão lá, lavam as mãos e lancham.

Entrevistadora: Esse momento de lavar a mão... O banheiro não fica dentro de sala de aula, né? É fora.

Prof.^a II: Aham... Eu tenho que ir com eles. No início do ano eu ia com eles de três em três. No começo eu ia com eles. Agora eu mando só. Eles têm a liberdade de ir sozinhos. Eu ensinei a ir ao banheiro sozinho, a usar o papel higiênico, a lavar as mãos, a fazer tudo sozinho até eles aprenderem. Enquanto eu levava os três, o restante ficava com a monitora. Aí eles lancham o lanche da escola e alguns deles até comem duas vezes, porque comem o lanche da escola e o que trazem de casa. Depois, eu levo eles para o pátio coberto. O pátio é coberto, com brinquedos de plástico. Eu e a monitora ficamos com eles por uns 15 minutinhos. Ah... A gente também tem a psicomotricidade. É duas vezes por semana. Ela acontece na brinquedoteca ou no pátio coberto. No 3º e no 4º bimestre nós teremos a nossa horta, que será aqui do lado (aponta). Eu esqueci de falar que quando vamos ao parquinho (pátio coberto), na volta, a gente leva os meninos para lavar as mãos, beber água no bebedouro e, também, ao banheiro, se quiserem. Se quando a gente volta para a sala e algum deles tem vontade de beber água, eles utilizam a garrafinha pessoal ou pedem para sair para beber água. Quando a gente volta para a sala de aula, tem a 2ª atividade. Todo dia é atividade diferente com diferentes materiais. Na hora de fazer a atividade, todos os alunos já são bem independentes. Demora, por volta, de meia hora essa 2ª atividade. Uma coisa que eu esqueci de falar é que o aluninho que tem Síndrome de Down usa fralda e toma banho. Ah... E na hora da atividade com materiais diferenciados, os alunos usam avental. Eu junto os que terminaram a atividade e dou livros literários. Eles ficam no armário que eu deixo trancado. Eles não podem estar pegando toda hora sem autorização. Outra coisa que esqueci, é que depois do lanche, a gente leva eles para escovarem os dentes.

Entrevistadora: E como normalmente fica organizada a sua sala de aula?

Prof.^a II: Sempre fica em 4 grupos de 4 alunos com rodízio todos os dias para haver a socialização e facilitar a inclusão. Para não haver brigas e conversas exageradas também. Mas eles não conversam muito, assim... Para atrapalhar, entende? Eles são muito disciplinados.

Entrevistadora: E como você acha que consegue isso?

Prof.^a II: Consigo a disciplina através da amizade, da conquista e do respeito mútuo que a gente estabelece. Na Educação Infantil é preciso que haja muita conversa e respeito.

Professora III (Prof.ª III)**1. Identidade**

Sexo: **feminino** Idade: **39 anos**

2. Formação

a. Magistério (Sim () Não. Ano de Conclusão: **1993**

b. Pedagogia (Sim () Não. Ano de Conclusão: **concluindo**

c. Outro curso. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação:

() Especialização. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (Sim () Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? _____

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **11 anos**

g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil? **Por gostar de trabalhar com crianças**

h. Turma com que trabalha atualmente: **Jardim I**

i. Número de crianças: **14 crianças**

j. Faixa Etária: **03 anos**

k. Tem auxiliar: (Sim () Não

l. Escola: () Pública (Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso I, Etapa "B"**

ENTREVISTA III

Entrevistadora: Bom, como já estamos em sua sala de aula, você poderia apresentá-la a mim?

Prof.^a III: Então tá. Esse aqui é o quadro, onde eu coloco as atividades deles. Essa parte é a que eu coloco as atividades, as vogais que estamos trabalhando, os encontros vocálicos (encontro de duas vogais) que estamos trabalhando e as atividades que eles fazem em sala. Eu deixo aqui para eles visualizarem as vogais que estamos aprendendo.

Entrevistadora: E você escreve no quadro (o quadro é coberto com TNT)?

Prof.^a III: Não, eu não escrevo no quadro. Essa parte que eu deixo aqui é raro eu escrever. Às vezes, eu uso mesmo para eles visualizarem alguma, mas escrever eu não costumo escrever. Eu uso mais para colocar uma página do livro, por exemplo, página tal. E, como eles já reconhecem alguns números, então eu falo: “número 3 e número 2. Os dois estão juntos, de mãozinhas dadas”. Aí eles vão procurando.

Entrevistadora: Aí é assim que você utiliza o quadro?

Prof.^a III: É... É assim que eu utilizo o quadro, porque eles não copiam. Daí eu não uso muito o quadro. Esse aqui é o balcão, onde eu coloco os copos dos alunos e o filtro. Tem lá atrás, onde eu coloco as atividades deles e os brinquedos. Tem o banheiro, como você pode ver que fica aqui na sala. Como meus alunos têm de 02 a 04 anos, então eles utilizam o banheiro aqui da sala. Pode olhar. Fica à vontade. Aí tem o vaso, tem a pia. Tudo na altura deles. Eles lavam as mãos. Aí tem uma televisão, que eu coloco um vídeo para eles assistirem. Tem o quadro de aniversariantes e tem a prateleira, onde eu coloco os livros e os cadernos deles. Aí você pode ver que eles fazem um caderno de atividades. Tem também o caderno de desenho e o livro que eles trabalham.

Entrevistadora: E os ventiladores?

Prof.^a III: Os ventiladores funcionam, né? Na minha sala funciona tudo, inclusive a televisão (ela liga um dos ventiladores, mostrando as velocidades).

Entrevistadora: E essa sala você divide com alguém?

Prof.^a III: Não. Essa sala é só minha. Só eu trabalho aqui com eles.

Entrevistadora: E esse aqui é para que?

Prof.^a III: Essa caminha aqui eles não usam para dormir. Eles não dormem mais. Ela é usada mais, tipo quando a criança tem febre ou se sente mal. A gente bota ela

para descansar. Especialmente para aquela que está febril ou veio com febre ou teve febre na sala, então a gente deixa ela ali até a mãe chegar e levar ela para casa.

Entrevistadora: Eu estou vendo aqui... Esses aqui são os materiais deles?

Prof.^a III: Sim, materiais que eles trazem, lápis, canetinha, lápis de cor e giz de cera. Fica tudo nestes potinhos e caixas identificadas e enfeitadas. A canetinha eu deixo meio escondida, sabe. Eles acabam, então a gente usa menos. Usa mais para eles cobrirem o desenho.

Entrevistadora: Você pode me descrever a rotina que você tem com eles?

Prof.^a III: Quando eles chegam, nós cantamos, né? Esse momento de canto com eles. Toda aula, assim, é dirigida para o lúdico. Tudo que eu vou fazer, explicar eu utilizo o lúdico. Faço a apresentação através de músicas e dramatizações para que eles assimilem o que eu vou passar para eles. Por exemplo, se for matemática, se for quantidade, canto música, utilizo muitas músicas da Xuxa, que têm quantidade, números, né? Então, eu gosto muito de utilizar a parte do lúdico, porque eles assimilam bem mais facilmente. Cantos, cantigas, eles pegam facilmente através das músicas e dramatizações. Na hora que eles sentam para fazer as tarefas, já está mais fácil para eles entenderem o que eu estou pedindo para eles fazerem na folha, entendeu? Aí quando chega no caderno e no livro, eles já vão fazer o que eu estou pedindo, porque já foi passado antes através dos cantos, representações e dramatizações.

Entrevistadora: Esse é o momento da acolhida, né? O que mais vocês fazem?

Prof.^a III: Quando eles chegam, eles fazem a oração lá fora sentadinhos com todos os alunos. Depois, eles vêm para a sala. Aí cantamos. Às vezes, faço roda da conversa. Converso com eles. Ficamos todos no chão. Fazemos uma roda. Eu converso. Pego os tapetinhos ali atrás. Aí eu coloco aqui, né? Coloco no chão. Fazemos uma roda conversa ou a roda do conto de fadas, do faz-de-conta. Aí nós sentamos e contamos. Eu pergunto como foi o dia-a-dia, o final de semana, quando chega a segunda-feira. Eu pergunto como foi o final de semana, se brincaram, o que fizeram, o que aconteceu. Se chegam machucados, eu pergunto o que foi, o que aconteceu, o que fizeram. Aí eles contam o que aconteceu nesse dia-a-dia deles, como passou. Então, é uma acolhida assim, bem calorosa, em que eles conversam, eles falam tudo que eles querem. Esse é o momento de eles se expressarem, para eles contarem como o foi o final de semana deles, porque, às vezes, eles chegam

muito acanhados. Aí quando a gente tem esse momento de acolhida, de recepção com as crianças, eles se soltam, conversam. E, às vezes, fica aquele blá, blá, blá, blá, que eles querem falar tudo de uma vez. E aqui são 14 crianças, então você sabe, né? (risos). Pois é... Eu deixo eles falarem, mas tem o momento de chega, nós já conversamos, porque se deixar eles já levam para outros ramos, para outras áreas. Daí é aquilo, aquilo e pronto. Agora sim, nós já terminamos de conversar, fizemos a acolhida, já cantamos, já conversamos. Aí sim, já vamos para nossa atividade, a primeira atividade do dia, a pintura, a brincadeira de massinha para trabalhar a coordenação motora fina deles e, assim vai até as outras atividades de livro de folha de atividades que eles fazem. Ah... E quando um acaba a atividade primeiro, eu dou o brinquedo a ele. Quando eles vão terminando, eu coloco eles sentadinhos no chão com os brinquedos ou falo para sentar na caminha para brincar, para conversar e sem conversar muito alto para não atrapalhar quem ainda está fazendo a atividade, para não dispersar os outros coleguinhas. Ah... Essa é a minha auxiliar de sala, a professora "X". Ela me auxilia bastante, ficando com esses alunos que já terminaram a atividade, dirigindo a brincadeira deles, fazendo a brincadeira dirigida.

Entrevistadora: Ah... Você trabalha mais com brincadeiras dirigidas?

Prof.^a III: Sim, trabalho com brincadeira dirigida, para falar o que eles vão fazer. Também tem os dias da brincadeira livre, em que eles fazem o que eles querem. A sexta-feira que é o dia em que eles trazem os brinquedos, que eles brincam de faz-de-conta, que eles trazem os brinquedos que mais gostam. Uma coisa meio chata é que nós não temos brinquedoteca. Seria ótimo se dispuséssemos desse espaço, mas, infelizmente, não temos.

Entrevistadora: E onde é que eles brincam mais livremente?

Prof.^a III: Nós utilizamos a sala de aula, mas utilizamos mais o parquinho, sabe. Que tem os brinquedos lá fora. Aí eles vão para lá e brincam. Tem os brinquedos, tem o castelinho com escorregador e tem o parquinho, que são os brinquedos desenhados no chão. Brincam de amarelinha, o caracol, pista de corrida, é... Coelhoinho sai da toca. Tem um joguinho no chão, que eu batizei de coelhoinho sai da toca, que eles adoram brincar nas cores. Daí eu auxilio a trabalhar cores, diferenciação de cores, número. Lá também tem o número, a amarelinha. Então, eu vou trabalhando com eles, né? É uma brincadeira, mas é dirigida. Para eles terem noção do dia-a-dia deles, a vivência deles. Trabalhar com eles a brincadeira, o lúdico, mas sem

esquecer o conteúdo. Sempre. Números. Vou trabalhar números com eles, noção de posição. Vou para a amarelinha. “Quem tá de frente para a amarelinha?”. “Quem tá de costas para a amarelinha?”. “A casinha que tem o número 2, pula todo mundo”. Como eles não sabem pular de um pé só, aí eu peço para pular todo mundo. “Vamos lá! Encontra outro número 2”. O jogo lá tem vários números, então eles vão procurando. Então assim, eu to tendo um resultado muito grande com eles. A aprendizagem deles está sendo rápida. Eles estão assimilando muito rápido. Eles são crianças, apesar de serem pequenas, eles são crianças assim, que dá para você controlar. Uma turma assim, não é de crianças que te deixam maluca, assim que você não consegue dominar ou controlar a turma. É uma turma que você consegue levar muito bem. São 14 crianças, mas que você consegue levar muito bem.

Entrevistadora: Você acha que você consegue levar eles muito bem devido a que?

Prof.^a III: Eu gosto muito de brincar com eles. Eu tenho uma ligação, assim: sou professora, tenho autoridade sobre eles como professora, mas também sou assim, tenho um carinho muito especial por todos. Tenho uma relação mais familiar com meus alunos. Eu tento buscar o acolhimento. Eu tenho o papel, assim... Não mãe, porque eu não sou mãe, mas assim, mais carinhosa: a tia! Mais familiar: tia. Pego no colo, abraço, beijo todos eles para não fazer diferenciação, ninguém ficar magoado. Porque tem crianças que dizem: “Ah não. A tia gosta mais daquele ali!”. Eu procuro fazer com os 14 o que eu fiz com 1, entendeu? Então assim, apesar de ser uma sala de aula, onde tem que predominar a autoridade da professora, tem também que predominar o carinho da tia. A tia também está aqui. A tia tem que dar carinho. A tia tem que ouvir. Às vezes, a criança está nervosa e não adianta você brigar com ela, que ela não vai melhorar. Não adianta nada. Você tem que chegar perto dela, conversar com ela, perguntar o motivo, dar carinho, dar atenção. Às vezes, aquilo tudo é para chamar a atenção, chamar a sua percepção para ele, fazendo você de perguntar o que está acontecendo para ele. Aqui é uma sala de aula, mas é um cantinho, onde eles, às vezes, encontram um conforto, um abrigo, um consolo, um aconchego. E, é através dessa relação que eu tenho com eles, de escuta que eu consigo ter autoridade na sala de aula. Não é só falando alto com eles que eu vou conseguir, porque, às vezes, não se consegue nada com o grito. Com o grito não se consegue nada. E, às vezes, no carinho é que se consegue tudo.

Entrevistadora: Voltando à rotina, como funciona quando termina essa atividade de conteúdo? O que você faz? O que normalmente acontece?

Prof.^a III: É a hora do lanche. Terminada a atividade, aqueles que estão brincando no chão ou tentando correr na sala, coisa que eu não gosto, porque tenho medo que eles caiam, eu peço a auxiliar que os leve ao banheiro, enquanto eu fico com o grupinho daqueles que mais atrasados, que estão terminando a atividade. Terminada a atividade eu peço que eles mesmos guardem o livro na estante ou deixe em cima da minha mesa. Eles já têm essa independência. Os que estão brincando também tem que guardar todos os brinquedos. Não pode ficar um brinquedo no chão. Aí sim... Lavar as mãos, todos lavam as mãos. Eles vêm, sentam, fazemos a oração e começamos a lanchar. Terminando de lanchar, todo mundo tem que guardar a lancheira na estante, aí eles brincam na sala. A professora (auxiliar) fica na sala, enquanto eu vou lanchar e eles brincam.

Entrevistadora: Ah... Então eles não vão ao parquinho? Eles brincam dentro da sala de aula?

Prof.^a III: É... Depois do lanche a professora fica com eles, porque ela não pode sair sozinha com os alunos. Tem que sair as duas professoras. E quando eu retorno, ela sai para lanchar. Eu fico com eles em sala, aí eu já começo, eu já vou voltando com atividade para eles. Que a gente já teve esse período do lanche, brincamos, se divertimos, guardamos os brinquedos, aí vamos para a atividade. Faço a dinâmica com eles primeiro. Fiz a dinâmica, termina a atividade e, agora sim, 15:30, quase 16:00, 16:00 eu já levo eles para o parquinho. Aí ficamos até 16:20 lá, brincando, fazendo brincadeira, ou eu deixo eles ali mesmo no parquinho do castelinho, brincado à vontade. Escorregam, pulam, rodam. É o momento deles brincarem à vontade, sem ordens. Eu fico olhando para eles não se machucarem. Terminou esse período de 16:20, eles voltam para a sala, aí vamos terminar a atividade do outro conteúdo. Depois que terminou esse conteúdo, guarda todos os livros e vamos brincar de massinha. Trabalhar a coordenação. Última atividade do dia, brincar de massinha, brincar de bolinha, fazer cobrinha, que também auxilia na escrita, né? então, eles vão brincar de massinha. Ou, às vezes, eu trago música para cá. Coloco o rádio, que eles vão dançar. Eles adoram dançar. Esse período, depois das 16:20 para lá, a atividade é coisa rápida, pintura. Porque também não pode ser uma coisa pesada. Já está na hora de ir embora. Eles já estão cansados, estressados. Daí é só esperar os pais deles chegarem. Cinco minutinhos antes eu falo para todos

guardarem a massinha. Eles já pegam as cadeiras deles e já sentam ali, em fileiras, com as mochilinhas já tudo guardadinho e espera ali até tocar o sinal e os pais vir buscar. Quando toca o sinal eles falam: “Tia, já tá na hora de ir embora, não é?” Eles já sabem certinho. Então essa é a minha rotina de todos os dias. Esse é o dia-a-dia da minha turma.

Entrevistadora: Você mencionou uma dinâmica antes da atividade e depois do lanche. Que dinâmica é essa?

Prof.^a III: É... Eu faço várias dinâmicas com eles. A do elefantinho colorido. Procurem na sala uma cor. Vermelho. Eles vão procurando. Todos levantam e vão à caça do vermelho. E eles começam a procurar. “Tia, está aqui na televisão”. “Olha, está aqui na centopeia”. “No balãozinho também tem”. Então, é a percepção deles. A criança é muito sensível a isso. Você qual um tipo de roupa e você pensa que eles não estão te observando. Só que eles te observam de cima a baixo. Se você sujou aqui e vai trocar, quando você volta eles perguntam: “Tia, por que você está com essa roupa diferente?”. Eles têm uma percepção muito aguçada. Eu faço essas dinâmicas para eles não se cansarem, pois quando eles só ficam sentados, eles cansam muito rápido. Então, a dinâmica é para isso, para eles brincarem. Brincadeiras dirigidas. Também faço com eles a dinâmica: “Mão para cima, mão para baixo, levanta a mão direita, agora a mão esquerda”. Pego a cadeira e faço: “Na frente da cadeira, atrás da cadeira”. Eles estão brincando e nessa brincadeira eu to ensinando para eles conceitos, noções espaciais.

Entrevistadora: Eu não me recordo se já te perguntei, mas esses ventiladores funcionam?

Prof.^a III: Funcionam sim. Os dois. Quer ver? Vou ligar aqui para você ver (e ligou). Ele tem velocidades, mais forte e mais fraco. A sala fica bem arejada.

Entrevistadora: Hum... E como normalmente fica a sala? Qual é a forma que você mais utiliza para trabalhar com eles?

Prof.^a III: Eu separo eles em dois grupinhos. Eu tenho alunos de dois anos, daí eles ficam todos juntos nessa mesinha aqui que a gente está, porque eles aprendem o mesmo conteúdo. E, a mesa dos outros que são do Jardim I, que tem quatro anos, que são mais adiantados. Ah... E tem colegas que se identificam muito com outros, então eles ficam conversando. Eu to passando algum conteúdo e eles ficam conversando, então eu separo. Por exemplo, se essa mesa aqui vai ser a mesa dos alunos de dois anos, aquela mesa fica assim: aqueles que são amigos, mas assim,

não conversam tanto. Eu tento separar, porque se ficar junto, eu não consigo dar aula. Assim, minha turma tem os seus momentos de “uuuuuu...” Mas eu consigo controlar. Aí quando eles começam a conversar, eu falo: “Oh... Não falem alto, que a tia está com a voz ruim”. “Silêncio que vocês estão atrapalhando a tia, porque eu to explicando e vocês estão conversando”. Ah... Tem uma coisa que eu costumo fazer. Antes de eu dar qualquer atividade, eu explico para todos eles, se for a mesma atividade que os alunos de dois anos forem realizar. Quando eu dou dever de casa é a mesma coisa. Tem pai que vem me perguntar: “Tia, ‘fulano’ fez o dever de casa sozinho e direitinho. Como é que ele conseguiu isso?” E eu respondo: “É por que eu sempre explico a tarefinha que eles vão realizar em casa”. Pois é, tem dúvida, eu já tiro em sala. Eles não sabem ler, então é preciso fazer isso. É preciso que eles cheguem em casa e façam a tarefinha sozinhos para os pais só conferirem depois.

Professora IV (Prof.^a IV)**1. Identidade**Sexo: **feminino** Idade: **43 anos****2. Formação**a. Magistério () Sim (**X**) Não. Ano de Conclusão: _____b. Pedagogia (**X**) Sim () Não. Ano de Conclusão: **2006**

c. Outro curso. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação:

(X) Especialização. Área: **Educação Infantil** Ano de Conclusão: **2011**

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiênciae. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (**X**) Sim () Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? _____f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **06 anos**g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil? **Por amar tanto as crianças e sentir-me realizada com o meu trabalho**h. Turma com que trabalha atualmente: **Maternal II**i. Número de crianças: **18 crianças**j. Faixa Etária: **03 anos**k. Tem auxiliar: (**X**) Sim () Nãol. Escola: (**X**) Pública () Particularm. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso I, Etapa "D"**

ENTREVISTA IV

Entrevistadora: Bom, como já estamos em sua sala de aula, você poderia apresentá-la a mim?

Prof.^a IV: Bom, a sala de aula é bem iluminada. A gente deixa essa janela aberta. A gente sempre deixa aberta, porque é muita criança, né? É muita criança respirando, né? Tem que ter a circulação, porque como eles são muito pequenos, aí é muita criança gripada e eles respiram e aquela coisa. Aí tem que arejar, né?. Deixa a porta um pouco aberta também, né? Para o ar entrar mais, né? E aqui de manhã é bem ventilado e também venta bastante.

Entrevistadora: E o sol atrapalha?

Prof.^a IV: Não. Não chega a ficar quente, mas o caso da tarde é diferente, né? É muito quente.

Entrevistadora: Ah... Você dá aula pela manhã, né?

Prof.^a IV: Aham. Eu já dei aula a tarde, né? Porque eu entrava em dois períodos. Tinha falta de professor, né? E era aquela correria até chegar professor. A tarde são 23 alunos nessa sala. E é... Você imagina pelo espaço aqui. É complicado.

Entrevistadora: 23 alunos nessa sala?

Prof.^a IV: A tarde. Aqui de manhã só tenho frequente 16.

Entrevistadora: 16 aluninhos? Eles cabem aqui?

Prof.^a IV: Aham. E você imagina 23.

Entrevistadora: E como é? É ruim?

Prof.^a IV: Aham. Fica ruim para transitar.

Entrevistadora: Você tem monitora?

Prof.^a IV: Sim. Tenho monitora.

Entrevistadora: E você disse que são 16 alunos frequentes, certo? E como eles ficam? Como eles ficam organizados?

Prof.^a IV: Eu sempre divido em dois grupos. Cada grupo eu junto duas dessas mesinhas quadradas aqui. Faço isso pela socialização e pelo espaço. Para ganhar mais espaço. Você tá vendo, né? É muito pequeno. E a tarde essas mesas ainda é pouco para eles, né?

Entrevistadora: Esse ventilador funciona?

Prof.^a IV: Aham. Funciona. De manhã eu quase não uso, que até por que as crianças ficam muito gripadinhas, aí o vento incomoda. Mas a tarde o uso é

contínuo. Precisa usar para arejar. A professora da tarde usa bastante. E, também, quando as meninas da limpeza vêm à sala, quando a gente vai no parquinho, elas ligam, porque o nosso tempo é contado, sabe? 15 minutos de parque. É o tempo da gente sair pro parquinho e a turma da limpeza entra pra fazer a limpeza e, aí a gente retorna.

Entrevistadora: E suja muito?

Prof.^a IV: Não. Até que não, por eles serem pequenininhos. A gente orienta também, né? Porque a gente sempre tá orientando. “A Tia ‘X’ não quer a sala suja”. “O lugar do lixo é aonde?”. Eles lancham aqui dentro mesmo, né? Não tem refeitório. O lanche deles é feito aqui, na sala mesmo. Aí chega o lanche, né? Tem também uns que trazem de casa. Tem uns que não aceitam muito bem o lanche aqui da escola, aí eles trazem. Aí a gente sempre oferece primeiro o da escola, porque é prioridade, né? Eles têm que acostumar com o lanchinho da escola. Porque têm uns que realmente não aceitam. Mas... A gente procura manter a salinha a limpeza e a organização.

Entrevistadora: Já que você falou da limpeza, eles também ajudam de alguma forma?

Prof.^a IV: A ajuda que eles fazem é realmente com a orientação da gente para eles não ficarem jogando nada na sala. Abriu o lanchinho, olha o papel. Vai jogar fora. Não joga no chão. Às vezes, eu falo: “Lugar de lixo é aonde, coleguinha?” E a lixeira fica bem acessível a eles. Fica ali perto do espelho. Por falar naquele espelho, ele vai ser retirado. Já foi feita a vistoria.

Entrevistadora: Aquele espelho ali serve para quê mesmo, hein?

Prof.^a IV: Porque antes, ano passado, tinha Maternal I, aí o Maternal I trabalha muito assim... Bota eles para fazer caretinha, para eles pularem na frente do espelho. Eles usam também, só que eu não to deixando, porque eu acho perigoso. Aí eu to deixando mais a porta aberta por esse motivo. Ali é perigoso machucar, cortar o dedinho. Já vieram fazer a vistoria da prefeitura. Vai arrumar tudo. Vai tirar esse que tá quebrado e eles vão colocar outro espelho. Eles adoram dança ali na frente. Eu ponho o sonzinho. Tem o momento do sonzinho, que aqui eu tenho rotina. Eles têm a rotina deles. Eles chegam, tudo. Aí atividades. É feita uma atividade por dia. No papel, tá?

Entrevistadora: Já que você mencionou da rotina, eu queria que você qual é a sua rotina. Quais são as ações que você tem no dia-a-dia com as crianças?

Prof.^a IV: Eles chegam e tudo. Como é de manhã eles chegam com aquele soninho. Aí chega, guarda a mochilinha e tudo.

Entrevistadora: Onde eles guardam as mochilas deles?

Prof.^a IV: Aqui (aponta para o móvel, onde fica a televisão). Bem em cima desse negócio (tem uma prateleira embaixo). Aqui é tudo muito improvisado (risos). Aí nós vamos colocar, tipo um... Como se fosse um cabideiro. Mas, por enquanto, é aqui.

Entrevistadora: Onde é que vai ser colocado isso?

Prof.^a IV: A diretora disse que vai ser ali, oh (aponta). Puxa as mesas mais pra cá. Vai ficar menos espaço ainda. O que eu gostaria mesmo é que eles fossem trocados de sala, porque têm salas ali do outro que tem quantidade inferior de alunos e sala é maior. Já a sala aqui têm muito aluno pra pouco espaço. E, ainda mais nessas salas em que as mesas são grandes, mas é muito importante que seja assim para haver a socialização. E tem uns alunos que se apegam mais a outros. Sempre tem. Aí eu tento trocar eles. Falo: “Vem sentar aqui”. Sem forçar a barra, né? “Vamos trocar aqui com o coleguinha”. “Hoje o coleguinha senta aqui”. Porque eles conversam demais. Eu tenho que usar essa estratégia para eles darem um sossego. Porque tem hora que vira uma coisa na sala, menina. Você tem que dar uns gritinhos, porque ninguém aguenta não (risos).

Entrevistadora: Tá... Aí você estava mencionando a rotina. Eles chegam, colocam as mochilas ali, né? Aí...

Prof.^a IV: Aí a gente vai, faz a oraçõzinha. Primeiro a gente recebe lá. Tem a acolhida lá fora. Eles fazem ali na entrada. Aquele espaço coberto. É com todos os alunos. A acolhida é lá. Aí eles trazem a mochilinha e voltam pra lá. Depois, vem todo mundo pra sala. Aí eu conto a historinha. Isso é pra eles acordarem. A princípio, assim... Eu não dou atividade. Eu só dou atividade depois do lanchinho. Aí eu dou massinha, dou o lego, dou o brinquedo.

Entrevistadora: É depois desse momento da musiquinha e da historinha, né?

Prof.^a IV: Aham. Porque têm crianças que nunca chegam tudo no mesmo horário, né? Eles vão chegando aos pouquinhos. E como é maternal, a gente abre até uma exceção. A gente recebe até 8:30. 8:40 eu ainda to recebendo aluno. Aí tem sempre esse problema. Vai e começa a atividade, aí chega o coleguinha e sempre tem que dar atenção. Os pais estão chegando, aí, às vezes, tem alguma orientação ou, às vezes, a criança não tá muito bem e tudo, né? É por isso que eu passo atividades de

massinha e de lego, porque não atrapalha. Aqui, também, sempre tem a televisão e o nosso 'DVDzinho'. Pena que ele estragou. A gente sempre tá vendo um desenho.

Entrevistadora: Você mencionou a massinha e o lego. Onde eles ficam aqui na sua sala?

Prof.^a IV: Fica aqui. Tá vendo que aqui tem uma caixa? Isso aqui tudo é massinha. E, o que a gente usa cotidianamente fica aqui nesses potinhos. Aí eu dou um palitinho, mas eu não dou a massinha só por dar não. Eu dou a massinha pra... Porque eu já estou trabalhando as vogais. "Vamos tentar fazer a letra 'A!'". E eles fazem, porque têm uns que já dão conta, sabe. Aí eu: "Agora vamos fazer cobrinha". Porque não adianta eu dar um material para eles e deixar lá, né? Eles fazem. Vão fazendo, né? Eles mesmos inventam e falam: "Tia, vou fazer um bonequinho". Aí eu vou deixando eles usarem a criatividade deles também, né? Então, essa atividade tem dois momentos: um que é mais dirigido e um que eles ficam mais à vontade, mais livres. Às vezes, eu também dou uma atividade mais livre. Dou uma folha. Aí eu conto historinha e, em cima da historinha, eu peço para eles fazerem um desenho, falando o que eles entenderam. Apesar que, eles não sabem, mas, para eles, eles tão desenhando. Aí eu chamo um por um e pergunto: "O que você desenhou aqui?". E eles falam: "Minha mãe. Aqui é minha casinha". Aí eu vou escrevendo. Esse dever é guardado para ser entregue para os pais. Essas atividades costumam ficar na pasta. Essa pasta, o portfólio e o caderno são entregues para os pais.

Entrevistadora: Você estava comentando das massinhas. Depois que eles terminam de usar, o que acontece?

Prof.^a IV: Ah... Eu peço para eles fazerem a bolinha, que depois ou eu ou a monitora passamos recolhendo. E, depois disso, é o horário de lavar as mãozinhas, porque a gente vai lanchar.

Entrevistadora: E quando chega a hora de lavar as mãos, como acontece?

Prof.^a IV: Isso. A gente leva eles para lavar as mãos antes do lanchinho. Aí a gente faz a oraçãozinha e cantamos a musiquinha 'Meu lanchinho'. Eles já sabem, né? Tem dia que eles mesmos já cantam sozinhos, sem eu ter que puxar.

Entrevistadora: Esse momento de ir ao banheiro. Eu já vi que você não tem banheiro dentro de sala de aula. É um banheiro à parte, né?

Prof.^a IV: Isso. Tem um banheiro das meninas e outro dos meninos.

Entrevistadora: E eles vão lá sozinhos?

Prof.^a IV: Não. A monitora acompanha. Ela leva primeiro as meninas, porque aqui tem mais meninas. Tem 10 meninas e 6 meninos. Dá 16 meninos ao todo. Aí a monitora fala: “Faz a fila das meninas”. E ela leva as meninas. Eles vão em fila. E, quando ela retorna, ela faz a fila dos meninos e leva os meninos para o banheiro dos meninos. Toda vez é assim. Lá, eles lavam as mãos sozinhos. A monitora fala para eles esfregarem as mãos direitinho com detergente. Antes do lanchinho antes também usa o álcool em gel. A gente usa bastante (mostra o álcool). É um uso muito frequente tanto da gente professora como dos alunos. Ele fica aqui guardadinho, porque se não, os alunos querem ficar usando toda hora (risos).

Entrevistadora: Voltando ao momento do lanche. Eles fazem a oraçãozinha e...

Prof.^a IV: Isso. Eles fazem a oraçãozinha, aí tem o lanchinho aqui da escola. Aí eles comem. Aí depois do lanchinho tem o momento do parquinho. Eles vão depois do lanche. Eles vão sempre pro parquinho. Todos os dias. É uma rotina que eles têm e já é um horário. Cada sala tem o seu horário, né? Inclusive tá até aqui os horários, oh (aponta). Eles têm o horário aqui do pátio e terça e quinta eles têm psicomotricidade.

Entrevistadora: Quanto tempo dura o momento do parquinho?

Prof.^a IV: 20 minutos. Lá só tem dois escorregas.

Entrevistadora: E como são esses escorregas?

Prof.^a IV: Eles são daquele material... Como é que chama? Hum... Plástico duro. Um plástico duro. Eles só têm lá para brincar. Na verdade, tem a brinquedoteca também que eles usam de vez em quando, não é? Mas eles ficam mais por conta do parquinho mesmo e dos brinquedos aqui da sala. Aqui a gente tem muito brinquedo.

Entrevistadora: Onde eles ficam?

Prof.^a IV: Tá vendo esses dois baldes aqui em cima?

Entrevistadora: Aham. E eles ficam sempre aqui no alto?

Prof.^a IV: Fica, até porque aqui o espaço é pequeno, né? Como você tá vendo aqui. Aqui até com alunos já é meio complicado, não é? Aí se deixar tudo aqui no chão tira a atenção deles também, não é? Porque, às vezes, é o momento da atividade e eles querem brincar, né? Aí deixando ali já tira mais o foco. Quando é o momento de eles brincarem, a gente deixa esses baldes em cima das mesas deles, né? Ou afasta as mesas e coloco os baldes aqui no chão. Mas isso só quando não tá muito frio, né? Porque quando tá frio fica ruim para eles sentarem no chão. Eu faço isso quando tá mais quentinho. Ah... Detalhe. Faço isso só depois da limpeza. As

meninas limpam quando tá na nossa hora do parquinho. Às vezes, quando a gente vai lanchar, derruba alguma coisa no chão e quando a gente pro parquinho, elas vêm limpar. Fica limpinho quando a gente volta. Esse momento do brinquedo é importante, para eles interagir, trocar brinquedo com o colega e tem o dia de sexta-feira, que é o dia que eles trazem o brinquedo de casa. Que os outros dias eu não deixo trazer o brinquedo de casa, que eles e já querem, não querem nada. Só querem o brinquedo deles. E, quando algum deles traz em outro dia, eu pego, coloco aqui em cima e falo que não brincar, porque não é o dia do brinquedo. E, na hora de ir embora eu falo: “No final a tia devolve”. Mas na sexta-feira eu falo que é dia de trazer o brinquedo preferido. Além disso, sexta-feira é o dia que a gente faz mais atividade diferenciada. As brincadeira, né? Pra mudar a rotina. Porque se ficar todo dia atividade, aquela coisa, né? A mesmice, aí a sexta-feira é mais *light*. Eu falo que é o dia *light* deles.

Entrevistadora: Então, depois do parquinho eles vêm pra cá, né? E você normalmente dá um brinquedo para eles no chão, né?

Prof.º IV: Não. É... Tem o momento do brinquedinho, aí depois lava as mãos de novo. Aí é o momento da atividade. Eles só podem fazer uma atividade por dia no papel. As outras atividades é... Eu gosto de fazer muito é... Aquele alinhado, que trabalha muito com a coordenação motora, né? Bolinha de papel crepom, essas coisas. Mas atividade mesmo no papel xerocado é só uma por dia. E não é necessário você trabalhar papel com eles todo dia. Mas, às vezes, eu acho que é. Porque, às vezes, eles ficam muito tempo aqui e, por exemplo, nem sempre eles têm brinquedoteca, aí tem que passar atividade com a folha mesmo. A gente não usa muito a brinquedoteca. O que a gente faz? Pega os brinquedos de lá e traz aqui pra sala. A brinquedoteca é bastante utilizada como sala de recurso para os alunos especiais. Tudo que tem lá, a gente tem aqui.

Entrevistadora: O quê?

Prof.ª IV: Televisão, brinquedos. Isso. Aí se eu precisar de algo é só buscar. Lá, como sala de recurso, é muito utilizada. Aqui a gente tem muito aluno especial, sabe. E, todo dia a professora de lá pega um desses alunos e fica meia hora, né? É um trabalho diferenciado, né? Tem uns ali que dá um trabalho (risos).

Entrevistadora: Você mencionou atividade com papel crepom, que eles gostam de fazer, né? E quando você passa essas atividades é em substituição às atividades de papel é?

Prof.^a IV: Não. Essa é uma atividade de papel, mas um pouco diferente. Por exemplo, tem uma atividade que tem o numeral 2. Aí ao invés de pedir para eles colorirem, eu peço que colembolinha de papel crepom, entende. E, dependendo, essa pode ser uma atividade que vai para o portfólio, onde ficam as atividades que ficam melhorzinhas. Eu escolho. Quer ver? (mostra um portfólio com as atividades do 1º semestre).

Entrevistadora: Essas são atividades diferenciadas?

Prof.^a IV: Aham.

Entrevistadora: E depois dessas atividades do papel, o que tem?

Prof.^a IV: Como assim?

Entrevistadora: Depois desse momento das atividades de papel?

Prof.^a IV: Ah... No dia-a-dia deles, né? Na rotina?

Entrevistadora: Aham.

Prof.^a IV: Então, depois disso, sempre faltando uns dez, vinte minutinhos pra hora de ir embora, eu ponho massinha pra eles brincarem de novo. Eles adoram. Tem dia que eu nem quero dar massinha pra eles e eles ficam: “Não, tia. Cadê a massinha? Eu quero massinha!”.

Entrevistadora: Então esse é o seu dia-a-dia com eles em sala de aula, né? E... Quando eles pra beber água, como que é?

Prof.^a IV: A maioria traz garrafinha de casa, né? Aí quando não trazem, a gente usa essa jarra (pega e mostra a jarra) com os copos, né? Porque são poucos que não trazem garrafinha, né? Aí essa água é filtrada, né? A gente pega água do filtro ali de fora.

Contexto: A entrevistadora está folheando as atividades do portfólio e, de repente, ela comenta que uma delas está muito bonita.

Prof.^a IV: Pois é... Eles são caprichosos, menina. Eles faltam muito, né? Sabe como é menino de maternal. Às vezes, vêm uns doentinhos pra escola ou com medicação pra gente dar. E mãe fala quando vem deixar: “Eu trouxe o meu filho, mas tal hora ele tem que tomar medicação”. Eu falo: “Olha, mãezinha. O certo é deixar em casa e tomar a medicação, porque aqui na escola a gente não pode dar nada”. Você sabe que isso é proibido, né? Isso aí não existe. Tem mãe que acha que a gente pode dar remédio. Só em colégios que tem enfermaria e com pessoas habilitadas a isso. Pena que aqui não é o nosso caso, né? Muito bom. É o sonho, né? Mas aqui, como a gente não pode, a gente até fica com a criança e quando dá o horário da

medicação o pai, se quiser, se tiver disponibilidade, que venha aqui e medique o seu filho. Tem que ser assim. Assim tudo bem. Mas a gente não pode dar nada.

Entrevistadora: Deixa eu ver o que mais eu te pergunto... Você mencionou da psicomotricidade que eles têm duas vezes por semana, né?

Prof.^a IV: Aham. É com outra professora, que faz esse trabalho com todas as turmas, né?

Entrevistadora: Onde ocorrem essas aulas?

Prof.^a IV: Ali no pátio, onde fica os brinquedos. Tem vezes que depende do que ela elaborou, do que ela planejou para aquela aula. Aí tem vezes que ela fica aqui. Tem vezes que ela leva lá pra sala da brinquedoteca, né? Quando está disponível. Que lá tem o colchõeszinhos, né? Lá ela faz um trabalho, assim de relaxamento, né? Eles vêm todo feliz pra sala, né?

Entrevistadora: Outra coisa que eu queria perguntar... Assim... Como eles são alunos muito pequenos, se eles tiverem com muito sono. Não sei se é o caso, mas se quiserem dormir, como que você age?

Prof.^a IV: Aqui, por exemplo, um dia desses teve uma menina que tava tomando uma medicação antialérgica. Esse é um medicamento que realmente dá muito sono. Aí a gente puxa a mesa aqui e coloca o colchonete no chão. Aqui é tudo muito improvisado, entende? É claro que a gente bota um forrinho. Aqui a gente tem forrinho. Deixa ali no cantinho. Aí é só pedir pras crianças: “Oh... A coleguinha tá dormindo. Não pode fazer barulho, não! Não pode incomodar!”. E eles atendem. Aí dormem aqui na sala, porque toda a responsabilidade é nossa, né? Se tiver que levar pro parquinho e ainda tiver dormindo, a monitora fica aqui olhando, cuidando.

Entrevistadora: E esses murais? Como você trabalha eles?

Prof.^a IV: Bom, você está vendo que é tudo enfeitadinho, mas agora a gente vai trocar tudo. Vai colocar uns móveis aqui no teto. Tão dizendo que vai ser da galinha pintadinha. Aí os murais vão combinar com os móveis. Aí esse mural ali atrás fica as vogais e os numerais do 1 ao 5. E, as atividades deles a gente costuma colocar no mural aqui fora. E, as atividades que a gente usa pintura, a gente usa ali aquele varalzinho pra secar (é um varal para contar histórias, mas a professora não o utiliza com esse propósito).

Entrevistadora: A tá... Então, aquele varal você só utiliza para secar as atividades?

Prof.^a IV: Aham. Quando faz esses trabalhos com tinta guache, a gente usa.

Entrevistadora: Agora que você falou em varal eu lembrei da hora que você disse que conta histórias.

Prof.^a IV: Aham, conto. Às vezes, pode ser no início, no meio ou no final da aula. Depende da agitação deles. Eu vejo a necessidade daquele momento da história, né? Todo dia eu conto historinha. Todo dia. Inclusive os livros daqui já tão ficando velhinho e ‘manjado’. Eles ficam concentradíssimos nesse momento da história. Eles adoram. Aí depois eu pergunto pra eles algumas coisas. Nessa história da Lilica, por exemplo, eu pergunto: “Qual era o nome da lagarta? Ela queria ser o que?”. Eu interajo muito com eles. Aqui a gente tem muita historinha. Tem um monte na brinquedoteca também. Quando precisa, é só pegar. Eles trazem de casa também. Eles que escolhem a historinha. O ajudante do dia também escolhe. Fala: “Tia, hoje a gente vai ouvir essa aqui”. Aí no outro dia eu já peço pra outro escolher a historinha. Eles têm que interagir até na escolha da historinha, né? Eu também dou muito livrinho pra eles criarem o gosto da leitura, né? Na verdade, a gente sabe que eles não sabem ler, mas contam a história pela ilustração. É tão engraçado. É minha paixão. E eles contam a história de um jeito que parece que estão até lendo. Para eles, eles estão dentro daquela historinha. É a coisa mais fofa do mundo. Eu sou apaixonada pela Educação Infantil (risos). Eu amo. É que nem eu falo: “Gente, não tem coisa melhor do que você fazer aquilo que gosta”. É muito bom. Você chega em casa feliz. Você já vem naquela expectativa pra escola.

Professora V (Prof.^a V)**1. Identidade**

Sexo: **feminino** Idade: **50 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim () Não. Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia () Sim () Não. Ano de Conclusão: _____

c. Outro curso. Qual: **Letras** Ano de Conclusão: **2005**

c. Pós-Graduação:

() Especialização. Área: **Linguística Aplicada** Ano de Conclusão: **cursando**

() Mestrado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

() Doutorado. Área: _____ Ano de Conclusão: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim () Não. Se não, em qual (ais) nível (is) de ensino? **1º Ciclo do Ensino Fundamental**

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **02 anos**

g. Como se deu a escolha pela atuação na Educação Infantil? **A Secretaria Municipal de Educação que me designou**

h. Turma com que trabalha atualmente: **Jardim II**

i. Número de crianças: **27 crianças**

j. Faixa Etária: **05 anos**

k. Tem auxiliar: () Sim () Não

l. Escola: () Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso I, Etapa "D"**

ENTREVISTA V

Entrevistadora: Como eu não conheço a sua sala de aula, eu te dei essa folha por que eu quero que você faça a planta-baixa dela para mim, desenhando tudo que tem nela. Você se importaria de fazer isso?

Prof.^a V: Olha, aqui assim é a porta, desse lado aqui. Ela não é tão grande, tá? Aqui é a mesa da professora. Aí tem mais duas mesas aqui. Aqui também e aqui. Aqui ela tem uma janela.

Entrevistadora: Como é essa janela?

Prof.^a V: É grandona. E aqui tem mais duas janelas. Estas são menorzinhas. Aqui eu tenho uma estantezinha com livros que a escola tem que eles podem estar recortando e revistas. Ela é pequenininha. Eles têm acesso. E aqui eu tenho um armário que fica com as atividades deles. Na verdade, são dois armários. Uma estante e um armário, onde eu guardo meu material com a outra professora.

Entrevistadora: Ah... Com a professora do turno da manhã, né?

Prof.^a V: Aham. Da manhã. E... Lâmpada, ventilador.

Entrevistadora: Ah... Tem ventilador?

Prof.^a V: Tem. Tem um ventilador e funciona. Deixa a sala bem arejada. As janelas também ajudam. Nem sempre a gente liga o ventilador, porque têm crianças que ficam doentinhas, aí a gente só deixa a janela aberta. Tem a cortina que evita o sol também. Ah... Eu tenho uma mesa que ponho para água para eles tomarem e, também, todos levam garrafinha e eu deixo dois copos dentro da sala. Aí eles gostam de estar bebendo água dentro da sala. E, a sala é enfeitada com todo o material pedagógico.

Entrevistadora: Ah... O que eu ia te perguntar... Essa sala de aula sempre fica assim mesmo, com os alunos enfileiradinhos?

Prof.^a V: Eu prefiro colocar eles assim, de dois em dois. Em dupla. A gente pode fazer também um grupo, mas o grupo é ruim na hora de eles saírem, por causa da mochilinha. Um chuta a mochila do outro. Então, é mais difícil, assim... Para a gente controlar. Então, de dois em dois é bem mais fácil. Até de pegar a atenção das crianças, sabe? De dois em dois é muito mais fácil. Eles falam demais. Aí fica meio disperso. Então, de dois em dois eu procuro colocar um menino e uma menina. E... Eu mudo de lugar também. Sempre to mudando de lugar, para não ficar sempre as mesmas pessoas. Então, quando um está conversando eu pego aquele que é mais

quieto e coloco do lado daquele que conversa mais. Sempre estar mudando dentro da sala de aula. Sempre estar fazendo isso. Também sempre tem aquele que sabe mais, então a gente coloca esse aluno para sentar com aquele que sabe menos.

Entrevistadora: E assim... Brinquedos, essas coisas. Eles não têm?

Prof.^a V: Não. A gente tem e eles trazem de casa, na sexta-feira. E, dentro da sala de aula, no início das aulas, na lista de material, são pedidos brinquedos pedagógicos. Então, a gente tem. Nós temos a brinquedoteca. E, dentro da sala de aula, a gente tem jogo de dama, eu tenho bingo, que a gente trabalha com eles também, mas é mais esses materiais pedagógicos. E carrinho, essas coisas, tudo é pedagógico. Eles têm o lego e tudo. E quando eles entram em sala, a acolhida deles é o brinquedo. Então, eu já dou o material reciclado de EVA com as letrinhas, aí eles vão formando, no caso que já é Jardim II, eu dou o “A”, “E”, “I”, “O”, “U”. Eu dou o abecedário para cada um. Aí eles vão formando letras, sílabas. Então, ali eles vão se desenvolvendo.

Entrevistadora: Então a acolhida é com o brinquedo pedagógico? E depois?

Prof.^o V: E depois a gente vem introduzindo o conteúdo, né? Aí vem com a brincadeira. Até mesmo com a brincadeira, por exemplo, uma cor da letra ou mesmo a própria letra, o “A”, “E”, “I”, “O”, “U”, que eles vão formando ali e você vai introduzindo o alfabeto. Aí você começa a introduzir o alfabeto. O “B” com o “O” forma “BO”. Então, vamos lá! Aí eles mesmos vão procurando, dentro da sala de aula, e dizendo: “de boneca”, “de bola”. Então, eles mesmos já vão procurando. Até na cor. Eles dão muito esse tipo de exemplo. O que tem dentro da sala de aula, a gente usa como exemplo para eles.

Entrevistadora: E depois desse momento do conteúdo? O que eles fazem?

Prof.^a V: Terminou de fazer a tarefa, eles vão ao banheiro lavar a mão. A gente passa o álcool, aí vem o lanche. Aí eles têm o momento do lanche. Aí depois do lanche, eles vão ao banheiro de novo. Aí eu levo eles para brincar, que nós temos uma área ali fora, que tem brinquedos para eles. Ela é coberta, tem escorregador e é uma área grande. E, tem a área ao ar livre, que tem grama e árvore. Às vezes, a gente brinca de roda, de cabra-cega, brincadeiras antigas.

Entrevistadora: Hum... E quando você falou que leva eles ao banheiro, o banheiro fica dentro de sala de aula ou é à parte?

Prof.^a V: É à parte. O banheiro é adequado a eles. Tem vaso pequeno.

Entrevistadora: É... E esses materiais... Como que ficam aqui na estante?

Prof.^a V: Fica acessível a eles, para poderem pegar. Eu tenho resta um, jogo de dama, eu tenho bingo, eu tenho quebra-cabeça e sempre trabalho esses jogos em grupo e pergunto com quem eles querem brincar. Se eles escolhem brincar com quebra-cabeça, eu falo “então, vamos lá!”. Eles escolhem o que querem brincar. Normalmente eles pedem o que querem e, também, do que querem brincar. Eles pedem: “Tia, vamos brincar de cabra-cega? Vamos brincar de roda? Ai, tia, a gente quer brincar de jogar bola!”. As brincadeiras de correr dentro de sala de aula eu costumo evitar ao máximo. Eu consigo controlar eles bem. Sempre tem um ou outro que levanta mais, mas, em geral, eles são bem quietinhos.

Entrevistadora: E a questão da limpeza da sala de aula? Como é feita?

Prof.^a V: Bom, na minha sala eu procuro conservar. Eu faço a conscientização de jogar o papel no lixo e de não jogar no chão. Fazer a ponta do lápis sempre na lixeira. É lógico que cai, entendeu? Então, quando a gente sai, as meninas vêm e limpam. A gente saiu para ir para o parque, aí elas vêm e fazem a limpeza.